Portal do Discente

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
SISTEMA INTEGRADO DE GESTÃO DE ATIVIDADES ACADÊMICAS

EMITIDO EM 10/10/2023 16:18

Termo de Autorização para Publicação de Teses e Dissertações Eletrônicas (TOE) na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD)

Na qualidade de titular dos direitos de autor da publicação, autorizo a UFPI a disponibilizar este TEDE sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o texto integral da obra abaixo citada, conforme permissões assinaladas, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir do dia 30/08/2023

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação

2. Identificação da Dissertação

Autor:	BIANCA MOURA DA SILVA		Matrícula: 20211003330 *(identificador)*
Telefone:	995056650		
Identidade:	3579673 - SSP/PI	CPF:	E-mail: biancamourasilva3@gmail.com
Orientador:	PEDRO VILARINHO CASTELO BRANCO	CPF: 396.467.853-87	E-mail: pedrovilarinho@ufpi.edu.br
Membro da banca:	TERESINHA DE JESUS MESQUITA QUEIROZ	CPF: 077.965.283-53	E-mail: teresinhaqueiroz@bol.com.br
Membro da banca:	PEDRO VILARINHO CASTELO BRANCO	CPF: 396.467.853-87	E-mail: pedrovilarinho@ufpi.edu.br
Membro da banca:	EDNA MATOS SANTOS	CPF: 125.921.248-37	E-mail: ednamatosantonio@academio.ufs
Data da Defesa:	30/08/2023	Titulação: Mestre	
Título:	O Bispado de D. Joaquim Antônio de Almeida e a imprensa católica: um projeto ultramontano no Piauí.		
Instituição de Defesa:	Universidade Federal do Piauí/UFPI		CNPJ: 06.517.387/0001-34
Afiliação:			CNPJ:
Palavras-chave:	História da Igreja Católica; Ultramontanismo; Bispado Piauiense.		

3. Agência de Fomento

NÃO INFORMADO

4. Informação de acesso ao documento

Liberação para publicação: **Total**

Bianca Moura da Silva
Assinatura do autor

13 de setembro de 2024
Data

Havendo concordância com a publicação eletrônica, toma-se imprescindível o envio em formato digital da tese ou dissertação.

ATENÇÃO

Para verificar a autenticidade deste documento acesse **/sigaa/documentos/** informando o identificador, a data de emissão e o código de verificação **f88d51484c**

CamScanner

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ -UFPI

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS - CCHL

PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DO BRASIL

MESTRADO EM HISTÓRIA DO BRASIL

BIANCA MOURA DA SILVA

O BISPADO DE D. JOAQUIM ANTÔNIO DE ALMEIDA E A IMPRENSA CATÓLICA: um projeto ultramontano no Piauí.

TERESINA - PI

2023

BIANCA MOURA DA SILVA

O BISPADO DE D. JOAQUIM ANTÔNIO DE ALMEIDA E A IMPRENSA CATÓLICA: um projeto ultramontano no Piauí.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História do Brasil.

Orientador(a): Prof. Dr. Pedro Vilarinho Castelo Branco

TERESINA - PI

2023

BIANCA MOURA DA SILVA

O BISPADO DE D. JOAQUIM ANTÔNIO DE ALMEIDA E A IMPRENSA CATÓLICA: um projeto ultramontano no Piauí.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História do Brasil.

Orientador(a): Prof. Dr. Pedro Vilarinho Castelo Branco

Aprovada em ___ de ____ de 2023

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof. Dr. Pedro Vilarinho Castelo Branco (Orientador)
Universidade Federal do Piauí – UFPI

_____-_____

Profa. Dra. Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz (Examinadora)
Universidade Federal do Piauí – UFPI

_____

Profa. Dr. Edna Maria Matos Antônio (Examinadora)
Universidade Federal de Sergipe – UFS

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas e Letras
Serviço de Processamento Técnico

S586b Silva, Bianca Moura da.
O bispado de D. Joaquim Antônio de Almeida e a imprensa católica : um projeto ultramontano no Piauí / Bianca Moura da Silva. -- 2023.
126 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências Humanas e Letras, Pós-Graduação em História, Teresina, 2023.
"Orientador: Prof. Dr. Pedro Vilarinho Castelo Branco".

1. Catolicismo - História. 2. Igreja católica. 3. Ultramontanismo. 4. Bispado piauiense. 5. Imprensa. I. Silva, Bianca Moura da. II. Título.

CDD 282.09

Bibliotecária: Amanda Maria Coelho Vieira Albuquerque – CRB3/1353

"Não se amoldem ao padrão deste mundo, mas transformem-se pela renovação da sua mente, para que sejam capazes de experimentar e comprovar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus."
Romanos 12,2

RESUMO

A Igreja Católica no Estado do Piauí – sob governança de seu primeiro bispo, Dom Joaquim Antônio de Almeida – viu o alvorecer de um novo projeto de catolicismo, embebido no ultramontanismo do século XIX brasileiro, que provocou o aumento do número de dioceses em território nacional. A presente pesquisa tem como tema as mudanças enfrentadas pela Igreja Católica, abordando os seis anos de governo diocesano do bispo Dom Joaquim Antônio de Almeida, abarcando o período de 1906 a 1912 – ano de sua renúncia. Entender as práticas e estratégias institucionais católicas promovidas pelo mencionado bispo em terras piauienses, com ênfase no uso da imprensa, no referido recorte temporal, é o que configura o objetivo central do presente trabalho, cuja proposta volta-se para uma análise histórica das fontes compiladas específicas da época, como as edições de jornais que registram essas práticas, a exemplo do jornal católico piauiense *O Apóstolo*, bem como as Cartas Pastorais de Dom Joaquim Antônio e de Dom Adauto Aurélio, sendo esse último mentor da formação eclesiástica do primeiro. Para a compreensão do cenário abordado, a pesquisa utiliza categorias conceituais embasadas principalmente nos conceitos de *práticas* e *estratégias,* assim como na ideia de *economia escriturística*, de Michel de Certau. Da mesma forma, utiliza as noções de *poder simbólico* e *discurso,* do sociólogo Pierre Bourdieu e, ainda, o conceito de *dominação religiosa* de Max Weber. Ao final da pesquisa, aflorou a ideia de que o bispado piauiense, desde sua gênese, estaria alinhado – dentro do recorte abordado – às práticas de um catolicismo institucional geral, sendo as ações implementadas por D. Joaquim Antônio de Almeida entendidas como sinais de tal alinhamento.

Palavras-chave: História do Catolicismo. Ultramontanismo. Bispado Piauiense.

ABSTRACT

The Catholic Church in the State of Piauí – under the governance of its first bishop, Dom Joaquim Antônio de Almeida – witnessed the dawn of a new Catholicism project, immersed in the 19th-century Brazilian ultramontanism, which led to an increase in the number of dioceses within the national territory. The present research focuses on the changes faced by the Catholic Church, addressing the six years of diocesan leadership under Bishop Dom Joaquim Antônio de Almeida, spanning from 1906 to 1912 – the year of his resignation. The central objective of this work is to comprehend the Catholic institutional practices and strategies promoted by the mentioned bishop in the Piauí region, with an emphasis on the use of the press during the specified time frame. The proposal is directed towards a historical analysis of compiled sources specific to that era, such as the editions of newspapers that document these practices, exemplified by the Piauí Catholic newspaper *O Apóstolo*, as well as the Pastoral Letters of Dom Joaquim Antônio and Dom Adauto Aurélio, the latter being the mentor of the former's ecclesiastical formation. In order to understand the addressed scenario, the research employs conceptual categories grounded mainly in the concepts of *practices and strategies*, as well as in Michel de Certau's notion of *scriptural economy*. Similarly, it utilizes the notions of *symbolic power* and *discourse* from the sociologist Pierre Bourdieu, and furthermore, Max Weber's concept of *religious domination*. At the conclusion of the research, the idea emerged that the Piauí bishopric, since its inception, would be aligned – within the examined timeframe – with the practices of a general institutional Catholicism, and the actions implemented by Dom Joaquim Antônio de Almeida are understood as signs of such alignment.

Keywords: History of Catholicism. Ultramontanism. Piauí Bishopric.

AGRADECIMENTOS

Nem sempre em nossa vida nos deparamos com momentos bons, às vezes, somos mergulhados em experiências que nos exigem um máximo esforço e trabalho, e que nos dão uma desesperadora ilusão de eternidade. No entanto, são desses momentos de dificuldade que tiramos nossas maiores lições e, geralmente, nos damos conta de que não estamos sozinhos, e não precisamos estar. Gostaria de agradecer a todos que me ajudaram na conclusão de mais essa etapa em minha vida. Que não deixaram me sentir sozinha, e que tornaram poética essa árdua missão.

Primeiramente a Deus, que, como o lindo Pai que é, cuidou e não me desamparou em meus mais escondidos ataques de ansiedade, e por ter soprado em meu ouvido toda inspiração necessária para a escrita de cada palavra presente nestas páginas.

Gostaria de agradecer em primeiro lugar ao meu querido orientador, professor Pedro Vilarinho Castelo Branco, que, por nem um segundo me deixou me sentir desamparada e sem um caminho a seguir. Um ser humano de características belas e cada vez mais raras de serem encontradas. Venho aqui agradecer – mesmo que meus agradecimentos não sejam suficientes para abarcar os anos de dedicação e paciência que teve comigo e meus ataques de ansiedade – por contribuir de maneira sábia com a teoria, prática, e construção não só desta pesquisa, mas do meu eu como pesquisadora.

Agradeço também às contribuições – e aqui não fujo dos superlativos – riquíssimas deixadas no caminhar deste trabalho, feitas a longa data pela querida professora Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz, na qual me espelho não só como pesquisadora, mas como professora e como profissional. Uma das figuras femininas que mais me inspiram a buscar alcançar voos mais distantes.

Dedico espaço também a agradecer ao professor Robson Gomes Filho, pelas contribuições teóricas que foram significativas demais para a construção do presente trabalho, e ao programa de pós-graduação da Universidade Estadual de Goiás, campus de Morrinhos, pelo enriquecedor semestre como aluna especial na disciplina de Catolicismo e Modernidade

Em especial, com o coração cheio de carinho, agradeço ao companheirismo de meu marido, Marcos Hian Pacheco, que dividiu comigo minhas angústias, fazendo com que as mesmas se tornassem mais suportáveis. Agradeço, também, a meus companheiros de "sentença", que tornaram este trabalho mais leve, com nossas trocas de experiências, meus amigos de turma Flávio Fernandes e Fernando Castro, que me acompanham desde as dificuldades e alegrias da graduação.

Por fim, agradeço aos queridos que contribuíram me ajudando na pesquisa. Em especial, ao solícito Padre José Nery Vila Nova, curador do acervo histórico da Diocese de Teresina, que, de maneira muito atenciosa, me recebeu em seu arquivo e ajudou com a documentação que dispunha. Assim como agradeço à querida senhora Carla Queiróz, curadora do arquivo da Sala de História Eclesiástica da Faculdade Católica de Fortaleza, que me ajudou de maneira muito amável com a documentação a respeito do Seminário da Prainha, no Ceará.

A todos que contribuíram, saibam de meu profundo agradecimento.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....…….....09

2 ALÉM DO PÚLPITO – PERFIL CLERICAL DE D. JOAQUIM ANTÔNIO DE ALMEIDA 19

2.1 D. Joaquim Antônio de Almeida e o Seminário de Fortaleza …….…….……...… 20

2.2 As influências de D. Adauto Aurélio de Miranda Henriques …..…...……...… 37

3 O PROJETO DE CATOLICISMO DE D. JOAQUIM ANTÔNIO DE ALMEIDA PARA O PIAUÍ 58

3.1 *Supremum Catholicam Ecclesiam*: A criação da Diocese do Piauí ……. 59

3.2 "*In Cruce Vita":* atuação episcopal de Dom Joaquim Antônio de Almeida ……64

4 JORNAL *O APÓSTOLO*: UM MODERNO ESPÍRITO DE FÉ 77

4.1 Jornal *O Apóstolo*: traço de modernidade no projeto conservador ……..… 78

4.2 Cartografia das discussões apresentadas no periódico ……..... 92

4.3 Ultramontanismo nas páginas d'*O Apóstolo* ……...……...110

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....117

REFERÊNCIAS .....….....120

1 INTRODUÇÃO

Guardo com zelo as lembranças de minha infância, quando, ainda menina, passava o dia na casa de meus avós, que cuidavam de mim para que meus pais pudessem trabalhar. Lembro-me com clareza como minha avó demonstrava sua fé e fidelidade à crença católica, mesmo nossa família sendo majoritariamente evangélica. Suas peregrinações a Santa Cruz dos Milagres, anualmente, as imagens de santos colocados nos oratórios de sua casa, as roupas brancas usadas durante todo o mês mariano, sempre carregando um rosário e veementemente frequentando as missas aos sábados na comunidade de nosso bairro, a qual, na época, ainda era uma construção de taipa, que meu avô ajudara a construir juntamente com outros homens que moravam nos arredores... enfim, toda a paixão colocada em seus atos era instigante e me fazia pensar a respeito de sua militante espiritualidade. Isso acabou despertando em mim uma fascinação pelos ritos e tradições do catolicismo, cada detalhe prendia minha atenção, cada frase me fazia questionar seus propósitos. Hoje maturo minhas curiosidades de criança e materializo boa parte delas nesta pesquisa, na qual busquei me aprofundar – com a mesma veemência de minha avó, mas com o olhar de historiadora – na História de uma das principais instituições formadoras do caráter sociocultural brasileiro, a Igreja Católica.

Impulsionada pelas referidas inquietações, realizei um trabalho de monografia, ainda na graduação em História pela Universidade Federal do Piauí, quando resolvi trabalhar sobre a temática da imprensa católica, durante o primeiro bispado piauiense, direcionando o foco da pesquisa para o jornal diocesano *O Apóstolo*, que circulou entre 1907 e 1912. O trabalho de pesquisa e escrita, na graduação, me legou novos questionamentos, novas dúvidas foram nascendo, e me levaram a retomar o tema da Igreja católica no Piauí, desta feita ampliando o foco da análise e abarcando o primeiro bispado do Piauí e a invenção da imprensa católica em Teresina. Novas leituras realizadas no Mestrado, me colocaram defronte a outras possibilidades de tratar as fontes e de novas questões de pesquisa, o objeto central da pesquisa não mais se deteve unicamente no *O Apóstolo,* mas alargou-se ao projeto de reforma ultramontana[1] do

[1]Como afirma Ítalo Santirocchi, as bases da reforma eclesial ocorrida no Brasil a partir da segunda metade do século XIX foram conduzidas por preceitos ultramontanos, exalando o espírito tridentino. Com isso utilizaremos em nosso trabalho a expressão Reforma Ultramontana, haja vista necessidade de

prelado piauiense, concedendo um foco ainda maior ao período de governança do primeiro bispo, D. Joaquim Antônio de Almeida, a fim de responder algumas indagações que teimaram em lacunar a pesquisa.

O motivo para a formulação do objeto aqui apresentado se deu por ensejos vistos como fundamentais: colaborar com a historiografia piauiense nas discussões sobre catolicismo nos séculos XIX e XX, buscando entender essa temática sob a perspectiva da Instituição Católica, haja vista que considerável parte da historiografia desenvolvida sobre a temática seguiu a vertente aberta pela historiadora Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz, cuja tese de doutoramento intitulada *Os literatos e a República;* Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo, aborda a presença católica no Piauí durante o bispado de D. Joaquim Antônio de Almeida, no entanto, a reflexão da referida historiadora, pensou a Igreja católica imersa nos embates entre clericais e anticlericais na cidade de Teresina. A intenção desta pesquisa é analisar o ultramontanismo no Piauí como um projeto de âmbito mais abrangente, que chegou ao Piauí por motivações que vão além das fronteiras do Piauí e do Brasil. A proposta é entender como uma perspectiva romanizada do catolicismo vicejou na sociedade piauiense no início do século XX. Diante do exposto, o objetivo principal que norteia a pesquisa é analisar a presença ultramontana no Piauí, durante o período de governança de D. Joaquim Antônio de Almeida (1906-1911), pensando suas principais estratégias de reforma do catolicismo, particularmente no que é explicitado com o uso da imprensa, o que justifica a nossa escolha pela análise do jornal diocesano *O Apóstolo*, que circulou de 1907 a 1912.

De acordo com Kátia Mattoso na segunda metade do século XIX, os conflitos entre uma Igreja Católica que assumira uma postura gradativamente ultramontana e um Estado nacional brasileiro, que permanecera regalista, foram inevitáveis (MATOSO, 1992). No entanto, a situação ganhou outra conotação, com o fim do Estado imperial e a consequente perda do *status* de religião oficial, o que fez com que a Igreja católica, precisasse repensar sua forma de organização e sua presença na sociedade brasileira, se quisesse manter sua influência e importância. Nessa perspectiva, o discurso ultramontano, que ecoava da Europa, em meio a um contexto de reavivamento católico

---

dissociar a imagem monolítica da Instituição Católica, especificando sobre qual perfil católico a referida reforma se encontrava embasada. Ver: SANTIROCCHI. Ítalo Domingos. Uma questão de revisão de conceitos: romanização – ultramontanismo – reforma. Temporalidades. UFMG, v. 2, n. 2, ago/dez. 2010. P. 26.

no século XIX, frente ao avanço da modernidade[2], alcançou terras brasileiras e serviu como fundamentação para fortalecer as práticas católicas romanizadas, tanto nos aspectos institucionais, quanto nas vivências da fé católica de clérigos e leigos. Diante desse cenário, se faz necessário pensar as estratégias de reestruturação da Igreja católica no Brasil e seus impactos na Igreja católica no Piauí.

Diante do exposto, entendemos que a proposta de pesquisa, inicialmente focada no jornal *O Apóstolo, deveria ganhar maior abrangência e* abarcar a reforma romanizada que, presente no Brasil, se espraiava pelo Piauí, levando mesmo à criação do Bispado piauiense. A partir de tal questão apresentada, delimitamos nosso recorte temporal entre o ano de 1906, ano da instalação da Diocese no Piauí, e o ano de 1912, com o empastelamento do jornal *O Apóstolo*. Mesmo com a delimitação do referido recorte temporal, não nos fechamos diante das demandas de recuo no tempo para aquém de 1906, quando julgamos importante para a pesquisa e para a construção da narrativa. Em vários momentos, recuamos às décadas finais do século XIX e os anos iniciais do século XX, a fim de entendermos as circunstâncias que favoreceram a criação da Diocese do Piauí, no âmbito da reestruturação institucional da Igreja católica no Brasil republicano; bem como para favorecer melhor compreensão do perfil eclesiástico de Dom Joaquim Antônio de almeida, primeiro bispo a ocupar a diocese do Piauí. Para isso, recuamos no tempo em busca da sua formação sacerdotal no Seminário de Fortaleza, procurando compreender como o projeto pedagógico da referida instituição e sua posterior relação com D. Adauto Aurélio de Miranda Henriques, Bispo da Paraíba, com quem vai trabalhar depois de ordenado, influenciaram na construção do seu perfil de clérigo e depois de prelado romanizado.

Apesar do destaque dado à cidade de Teresina, por ser essa a cidade o epicentro do episcopado piauiense, os percursos da pesquisa abarcaram outros espaços para além da capital e mesmo do Estado do Piauí, diante da demanda de analisar o percurso de

[2]Apoiamo-nos na perspectiva de Reinhart Koselleck, explicada pelo professor Robson Gomes Filho, a respeito do trato com a modernidade, ao pensarmos a modernidade como o fruto do distanciamento entre o passado e o futuro, o que foi experienciado e o horizonte de expectativas, cuja efetivação como "tempo histórico" dá-se desde o século XIX frente à constatação de tal distanciamento, resultado de três fatores importantes: o declínio da visão cristã de futuro escatológico; transformações nos meios sociais, políticos e econômico, frente às revoluções e à expansão da ideia racionalista; e o progresso técnico e industrial que propiciaram uma nova noção de realidade espacial e temporal, principalmente pelo desenvolvimento das áreas de transporte e comunicação. Ver: GOMES FILHO, Robson. Os missionários redentoristas alemães e as expectativas de progresso e modernização em Goiás (Brasil, 1894-1930). Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de História. Universität Eichstätt-Ingolstadt, Geschichts- und Gesellschaftswissenschaftliche Fakultät, 2018. p. 39 – 41.

formação de D. Joaquim. Assim, o desenvolvimento da pesquisa pode ser visualizado em um eixo Piauí-Ceará-Paraíba, espaços de formação e atuação eclesiástica de D Joaquim Antônio de Almeida, antes de ser consagrado como Bispo do Piauí.

No que se refere às fontes, a pesquisa foi amplamente amparada na análise do jornal *O Apóstolo*, tanto como objeto de pesquisa, quanto como fonte hemerográfica – focando principalmente no uso do periódico como uma das *estratégias* do projeto católico de D. Joaquim Antônio para a Diocese piauiense – assim, efetivamos a catalogação e análise das 251 edições disponibilizadas pelo site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, que circularam entre maio de 1907 e dezembro de 1912. Outro suporte documental utilizado foram as Cartas Pastorais e Circulares redigidas por D. Joaquim Antônio de Almeida e D. Adauto Aurélio de Miranda Henriques e publicadas em jornais e/ou de forma impressa avulsa, no período histórico de interesse da pesquisa.

Por fim, lançamos mão também, das Encíclicas dos Papas Leão XIII e Pio X, que constam do site do Vaticano – e que entendemos ser importantes para compreender as ideias, as práticas e a governança de D. Joaquim Almeida, no Piauí – Para acessar os referidos documentos, prospectamos fontes documentais no acervo da Faculdade Católica de Fortaleza, na sala de História Eclesiástica do Ceará, onde nos deparamos com Cartas Pastorais de D. Joaquim José Vieira – bispo da Diocese cearense durante o período de permanência de Joaquim Antônio de Almeida no Seminário da Prainha – e documentos com disposições diversas que nos ajudaram a compreender as influências que moldaram o perfil eclesiástico de D. Joaquim Antônio de Almeida.

A nossa pesquisa documental também foi realizada no Acervo Histórico da Diocese de Teresina, onde foi digitalizado e analisado o Livro de Tombo da Diocese, a Ata de Criação do Seminário de Teresina, e Livros de Matrícula do Seminário e do Colégio Diocesano, além do Livro de Correspondências e Circulares do bispo. Completando a pesquisa documental, efetivamos, ainda, uma pesquisa bibliográfica, em que consultamos livros de perfil historiográfico e memorialísticos que nos auxiliaram na compreensão do nosso objeto de estudo e na construção do nosso argumento.

Direcionando o foco da escrita para o contexto histórico do século XIX e do início do século XX, podemos afirmar que, no bojo do século XIX, viu-se desenvolver no mundo ocidental a percepção de modernidade, ante ao avanço da modernização, tida como processo de superação do atraso, tendo como tática uma valorização do novo, do

progresso, principalmente tecnicista (GOMES FILHO, 2018. p. 49). Diante desse cenário, a Igreja Católica, que ainda era ligada fortemente às noções de Antigo Regime, mas que procurava sobreviver de maneira atuante, após as eras revolucionárias, viu sua influência ameaçada diante da adesão, cada vez mais significativa, das sociedades ocidentais às atrativas ideias modernas. Entre o século XIX e o século XX, a modernidade foi vista pela Igreja Católica como um inimigo, por vezes externo, por vezes interno, que deveria ser combatido e para isso precisou remodelar sua maneira de atuação, nunca se despindo dos trajes camaleônicos que lhe possibilitaram sobreviver, desde o período imperial romano (Gomes Filho; Araújo, 2020).

Objetivando a superação das dificuldades e dos embates promovidos pelos livres pensadores e pelas sociedades modernas, o ultramontanismo foi abraçado pela Igreja Católica no século XIX, que o apresentou, paradoxalmente, não só como um movimento reacionário frente à expansão da modernidade laicista, mas, também, como um projeto que apresenta uma ideia de sociedade moderna à sua maneira. Como uma instituição milenar que sobrevivera a inúmeras turbulências históricas, sempre procurando se adaptar às realidades que a cercavam, a Igreja Católica percebeu, no século XIX, que seria inexequível impedir o avanço do processo de modernização e, diante dessa constatação, buscou apresentar-se às sociedades como instituição que tinha muito a contribuir na construção da ordem social moderna.

O termo ultramontanismo, derivado do latim ultra montes (além dos montes), de acordo com o historiador Ítalo Domingos Santirocchi, tem sua gênese ainda durante o período medieval, no entanto foi sendo remodelado, ao longo dos períodos nos quais era consumido. Durante o medievo, referia-se aos Papas não italianos que eram eleitos ao pontificado. Nos séculos XVI e XVII identificava os defensores da autoridade papal, sugerindo uma falta de apego à própria nação. No século XVIII associava-se aos defensores da Igreja em qualquer conflito entre poderes temporais e espirituais. Já durante o século XIX, o ultramontanismo passou a caracterizar:

> uma série de atitudes da Igreja Católica, num movimento de reação à algumas correntes teológicas e eclesiásticas, ao regalismo dos estados católicos, às novas tendências políticas desenvolvidas após a Revolução Francesa e a secularização da sociedade moderna. (Santirocchi, 2010. p. 24)

No século XIX, o termo ultramontanismo ganhou outras conotações e passou a ser percebido como um conjunto de práticas reformistas, que foi abraçado pela Igreja

Católica como estratégia institucional com o objetivo de manter os interesses da instituição no mundo ocidental, incorporando postura de combate à laicização e à secularização dos espaços político-sociais, e remodelando a modernização que se espalhava na Europa. Ainda segundo Santirocchi, o ultramontanismo aporta no Brasil por meio da influência estrangeira no início do século XIX – na figura dos religiosos da Congregação das Missões, ou lazaristas, de carisma vicentino. Em seguida, foi estimulado por alguns bispos como D. fr. José da Santíssima Trindade, bispo da diocese de Mariana entre 1819 e 1835 – e cresceu, de início vagarosamente, mas às portas do século XX já assumia posição hegemônica na Igreja Católica no Brasil, onde era o principal suporte discursivo que embasava uma reforma religiosa lastreada nos princípios do Concílio de Trento, alinhando-se aos ditames romanos do Papa e, assim como ocorria na Europa, agindo contra certas tendências da modernidade.

A historiografia brasileira que aborda a história da Igreja no século XIX e início do século XX, afirma que uma das principais características do ultramontanismo praticado por clérigos ou por leigos católicos, no Brasil, foi se contrapor ao liberalismo eclesiástico, a laicização estatal, e ao regalismo na relação entre Igreja e Estado (SANTIROCCHI, 2010. p. 25-26). Por conseguinte, podemos entender o ultramontanismo[3] no Brasil como um projeto católico que vigorou, principalmente, na segunda metade do século XIX, e que objetivava a centralização da Igreja Católica na figura do Papa – uma Igreja romanizada – estimulando a obediência hierárquica na instituição, tendo como base o espírito antirregalista, antiliberal, antirrevolucionário, eurocêntrico e sacramentalista.

Na construção da nossa análise, nos debruçamos sobre a História do catolicismo no Brasil e efetivamos o diálogo com alguns autores, particularmente com Kátia Mattoso, Thales de Azevedo, Sergio Micelli, Augustin Wernet, Italo Santirochi e muitos outros que têm contribuído fundamentalmente para a construção de uma historiografia sobre a Igreja e a religião católica, em diferentes contextos brasileiros. Além disso, teólogos como Monsenhor Maurilio César de Lima, em sua obra *Breve História da Igreja no Brasil* , ou Dilermando Ramos Vieira com sua coleção intitulada *História do Catolicismo no Brasil*, dão uma nova perspectiva de visão à história da instituição em território nacional.

[3]Cabe pensar-se a diferença entre ultramontanismo – de caráter prático, a ação, o movimento – e ultramontano – conceito de caráter adjetivo que configura um perfil católico cuja linha de pensamento é baseado no ultramontanismo.

Para entendermos as práticas católicas no Piauí, no período estudado, lançamos mão de obras de historiadores como Áurea da Paz Pinheiro, com sua obra intitulada *As ciladas do inimigo* (Pinheiro, 2001)*;* a obra *História das Religiões no Piauí* (Cunha, 2015), de Higino Cunha, com a dissertação de mestrado em História de José de Jesus Redusino, intitulada *No caminho de O Apóstolo*: imprensa católica, História, identidades e representações culturais do catolicismo no Piauí (1907-1912) (Redusino, 2019)– onde o autor procura abarcar a atuação católica no referido recorte temporal e nos ajuda a compreender determinados aspectos sobre o periódico; a dissertação de Luciana Lima Pereira, intitulada *A Igreja Católica em "tempos mundanos"*: a luta pela construção de uma Neocristandade em Teresina (1948-1960). Nessa aproximação com a historiografia produzida no Piauí sobre o catolicismo foram importantes também o livro intitulado *Joaquim* (Santos Neto, 2016), do historiador piauiense Fonseca dos Santos Neto, no qual o autor retrata aspectos biográficos de D. Joaquim Antônio de Almeida e, ainda artigos do professor Pedro Vilarinho, que abordam as práticas ultramontanas e o impacto dessas ideias na configuração dos discursos católicos direcionados ao público feminino e às famílias católicas.

Visando a uma melhor análise historiográfica do jornal diocesano *O Apóstolo*, se fez de extrema importância os apontamentos trazidos pela historiadora Tania Regina de Luca, em *História dos, nos e por meio dos periódicos* (Luca, 2005). Dentro do referido texto, a autora traz uma série de apontamentos metodológicos para o uso dos impressos na construção historiográfica, seja com relação à análise dos artigos, seja com a própria técnica de impressão utilizada. De maneira mais específica em relação ao caso piauiense, utilizamos a obra *História dos impressos no Piauí*, (Pinheiro Filho, 1997) de autoria de Celso Pinheiro Filho, para a compreensão das práticas editoriais dos principais jornais do Piauí da primeira metade do século XX. Focando na discussão sobre imprensa católica, uma obra fundamental para compreensão da temática foi o livro *Os bispos do Brasil e a Imprensa,* do historiador Oscar de Figueiredo Lustosa, no qual, juntamente ao Centro de Pesquisas e Estudos de História da Igreja no Brasil – CEPEHIB – o autor apresenta uma série de cartas pastorais a respeito da temática imprensa católica e aborda as principais características de tal estilo de imprensa no Brasil dos séculos XIX e XX, sendo uma obra fundamental para o pesquisador da imprensa católica brasileira.

Para a construção do escopo teórico da presente pesquisa, utilizaremos os conceitos de estratégia e de economia escriturística, ambos de Michel de Certeau, no ímpeto de compreender melhor a relação entre a instituição católica e o cotidiano social. Dentro dessa perspectiva, segundo o referido historiador, em seu livro *A Invenção do cotidiano* (Certeau, 2001), a ideia de *estratégia* é vinculada à ideia de *poder* emanado por um determinado sujeito de querer e de poder – a Igreja Católica pode ser um exemplo desse centro de poder – que busca a dominação utilizando-se da *estratégia* como forma de convencimento ou de imposição de seus interesses sobre os mais fracos:

> [...] Chamo de estratégia o cálculo (ou manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolada. A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio a ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças (os clientes ou os concorrentes, os inimigos, o campo em torno da cidade, os objetivos e objetos da pesquisa etc.). (Certeau, 2005. P. 99-100)

Com isso, os *sujeitos de querer e de poder* acabam criando a legitimidade necessária para atuar ativamente através das estratégias, acarretando a noção de certo e errado, de verdade e mentira, o que ampara seus locais de produção do saber. O conhecimento religioso pode ser um exemplo dessa produção de saber, já que a Igreja Católica, durante muito tempo, sustentou o monopólio das explicações sobre a realidade ocidental, fazendo uso de sua filosofia para responder perguntas do meio. Dentro dessa perspectiva, tal amparo teórico foi utilizado para compreender como a Igreja Católica, enquanto sujeito de querer e de poder, utiliza-se de seus discursos para edificação de um local de produção do saber, gerando, assim, legitimidade para o uso de estratégias sobre os fiéis teresinenses, leitores d'*O Apóstolo*.

A questão primordial que move a discussão da temática proposta é entender como se configuraram os meios estratégicos utilizados por essa Igreja Católica ultramontana para fazer chegar a sua perspectiva de realidade junto às populações, a fim de, além de manter o *status quo* no seio social nos séculos XIX e início do XX, frente à perda de espaço político e administrativo no Brasil do período apresentado, também levar sua mensagem religiosa aos rebanhos que agora ouviam o brado de novos pastores, minando seu monopólio sobre a verdade, no que diz respeitos aos sentidos de vida e de morte. E concordando com José Pedro Paiva, entendemos que a análise sobre

a intervenção da Igreja Católica em meio social, assim como os projetos de sociedade que são propostos pela instituição devem ser feitos em escala diocesana, haja vista que é nesse nível da hierarquia eclesiástica que se elaboram e se vigiam as estratégias concretas da ação pastoral que deságuam junto aos fiéis, principalmente nos períodos de reavivamento católico pós-tridentinos, quando o papel do bispo passou a ser fundamental nos processos de reforma disciplinar e pastoral (Paiva, 1991. P. 73).

O presente trabalho foi dividido em três capítulos, que buscam manter uma conexão entre si, para, no final, respondermos a questionamentos como: O que levou D. Joaquim a projetar no Piauí a sua gestão diocesana da maneira como foi posta? Qual a relação entre a Diocese do Piauí e o contexto nacional no qual a Igreja Católica no Brasil estava inserida? Seria o projeto reformador de D. Joaquim um projeto ultramontano no Piauí? O ultramontanismo seria um movimento de força tão magnética que alcançou o Estado do Piauí, antes mesmo da instalação da Diocese piauiense em 1906? Para responder tais perguntas, no primeiro capítulo abordamos a formação de D. Joaquim, sua formação eclesiástica e suas principais linhas de influência, visando entender como se deu seu projeto de reforma no catolicismo piauiense, sem dissociá-lo de um contexto geral de catolicismo nacional. Pensamos a formação eclesiástica de D. Joaquim e sua ordenação no Seminário de Fortaleza, no qual analisamos o projeto pedagógico do Seminário, entendendo suas principais perspectivas nas décadas finais do século XIX, na transição entre o governo episcopal cearense de D. Luís Antônio dos Santos e o de D. Joaquim José Vieira, analisando como isso influenciou a formação do perfil clerical de D. Joaquim. Pensamos, também, as similaridades entre o ultramontanismo de Leão XIII e a percepção de catolicismo de D. Joaquim Antônio, tendo como fio condutor sua relação com o bispo da Paraíba, D. Adauto Aurélio de Miranda Henriques, que, ordenado na Itália durante o governo de Leão XIII, foi mentor eclesiástico de D. Joaquim Antônio, antes de sua ordenação, exercendo grande influência sobre ele.

Posteriormente, no segundo capítulo, passamos a tratar a respeito das estratégias aplicadas por D. Joaquim Antônio de Almeida, logo que o referido bispo iniciou seu período de governança da Diocese piauiense, destacando algumas de suas ações – como o trato para com as irmandades, as escolas confessionais e a educação, tanto leiga quanto clerical na cidade, os modelos de comportamento dessa sociedade almejada e, por fim, o uso da imprensa para veiculação dessas ideias – no intuito de buscarmos

entender o projeto de sociedade que Dom Joaquim tinha para o Piauí e, com amparo no capítulo anterior, perceber o que o influenciou para isso, examinando as similaridades do seu projeto com o projeto ultramontano que o circundava.

Em comunhão com o pensamento dos capítulos anteriores, o terceiro capítulo traz o foco em uma das estratégias de D. Joaquim Antônio, em sua reforma para o prelado piauiense, abordando o uso do jornal *O Apóstolo*, a sua instalação, as principais temáticas veiculadas pelo jornal, para, no final, entendermos a religiosidade por trás dos artigos no referido periódico, após 1909, quando os artigos políticos e partidários se tornaram mais presentes. Trabalhamos o veículo de imprensa como o fruto da comunhão entre os leigos e os clérigos no Piauí, discorrendo a respeito da importância de figuras como cônego Fernando Lopes, por serem esses os maiores colaboradores com artigos publicados no *Apóstolo*, buscando tratar, mesmo que sinteticamente, a respeito de suas principais referências e influências, buscando compreender seus perfis de homens religiosos. Nesse capítulo, pode-se perceber a relação entre a Igreja Católica ultramontana e os aspectos tecnicistas resultados dos avanços da modernização, o uso que a instituição católica fazia da tecnologia secular para expansão de seus interesses teológicos.

No fim da pesquisa, buscamos compreender e contribuir para a historiografia piauiense acerca da temática, a fim de visualizar outra perspectiva para um período tão intenso na História do Piauí, período esse em que as pessoas viram não só um alvorecer modernizante para o Estado e para a sociedade, mas também experienciaram as reações mais conservadoras diante disso, pois cada perspectiva possuía uma ideia própria de como deveria ser orquestrado o funcionamento social, tensionando não só os embates políticos da época, mas até mesmo movimentando as divergências internas das instituições, como foi o caso da Igreja Católica. Para finalizar, o leitor deve ter em mente que a Igreja Católica, tantas vezes vista como uma unidade institucional, não deixa de ser uma junção polifônica de vozes dissonantes, a *Ecclésia*, aqui presente, nos mostra o sentido de uma comunidade internamente divergente, que, mesmo que intente a unificação, não foge do paradoxo do real e do idealizado, sendo também essa chave para a compreensão das discussões apresentadas no presente trabalho.

2 ALÉM DO PÚLPITO – PERFIL CLERICAL DE D. JOAQUIM ANTÔNIO DE ALMEIDA

Joaquim Antônio de Almeida, era o 7° filho do tenente da Guarda Nacional, José Antônio de Almeida e da Sra. Antônia Maria de Almeida – ambos donos da propriedade Benfica, zona rural do antigo município de Goianinha (RN) – nasceu em agosto de 1868 na Fazenda Barra de Pajuçara no interior do Rio Grande do Norte.

Aprendeu, ainda na sua meninice, as primeiras letras no seio de sua família, acompanhado por professores particulares, chegando até mesmo a se aventurar pelo Latim, pois era, como afirma o historiador Fonseca Neto "uma criança crescida no meio da classe média rural canavieira rio-grandense e filho de pais letrados" (FONSECA NETO; LIBÓRIO, 2016. p. 95) o que nos remete ao contexto socioeconômico da elite brasileira no século XIX, apresentado por José Murilo de Carvalho, através da metáfora "uma ilha de letrados num mar de analfabetos" (CARVALHO, 1996. p. 55).

Aos 17 anos, por volta de 1885, fora matriculado no Colégio Diocesano de Olinda, onde foi secundarista e debruçou-se sobre o curso humanístico. Ainda em Pernambuco, o jovem Joaquim, segundo Fonseca Neto, ascendeu como seminarista após a conclusão dos estudos no Colégio Diocesano – um anexo do Seminário pernambucano – por demonstrar desde a infância encantos pelo caminho do presbiterato católico (Fonseca Neto. p. 94), e foi, ainda em terras pernambucanas que Joaquim Antônio teve como diretor espiritual e professor o cônego Adauto Aurélio de Miranda, sendo esse uma importante influência para o jovem seminarista, como será discorrido mais à frente. No entanto, por motivos de saúde, ao ser acometido com *beribéri* – doença causada pela falta de vitaminas – não concluiu sua caminhada sacerdotal e teve que retornar ao Rio Grande do Norte a fim de buscar tratamento.[4] Recuperada a saúde, foi no ano de 1889 que Joaquim Antônio ingressou no Seminário Maior de Fortaleza[5], onde concluiu o presbiterato e moldou seu perfil eclesiástico.

Diante disso, buscaremos apresentar no seguinte capítulo a formação eclesiástica de Dom Joaquim Antônio transcorrida sob as luzes finais do século XIX, quando o Brasil já experienciava a transição em seu regime político, além do modelo liberal de Constituição que laicizava o Estado brasileiro, o que fez os olhos da Santa Sé voltarem-

[4]SANTOS, José Ozildo dos. Jornal A verdade. Ano XI, n° 148. Natal (RN), jan 2003.
[5]De acordo com as ordens expressas pelo Concílio de Trento, somente meninos que fossem reconhecidos como os filhos legítimos de um matrimônio e que soubessem ler e escrever plenamente poderiam adentrar um seminário. LUIZETTO, Flávio. Reformas religiosas. São Paulo: Contexto, 1989. p. 61-65.

se ao clero dessa região, passando a orquestrar a formação dos novos padres que iriam pastorear o catolicismo na Igreja brasileira. Analisaremos o perfil pedagógico do Seminário de Olinda, local onde Dom Joaquim foi ordenado e, posteriormente, trataremos a respeito da relação de influência que Dom Adauto Aurélio, bispo da Paraíba, na função de padre exerceu sobre Joaquim Antônio, buscando entender como o bispado de Dom Adauto serviu de exemplo ao bispo Joaquim.

2.1 D. Joaquim Antônio de Almeida e o Seminário de Fortaleza

O Seminário da Prainha – como também era conhecido o Seminário de Fortaleza – de acordo com o historiador Luiz Moreira da Costa Filho, emergiu como uma espécie de faculdade teológica em um Ceará de poucas escolas primárias e secundárias, voltado aos filhos das elites cearenses e do entorno, tratava-se de famílias que tinham condições de pagar suas mensalidades[6], o que era uma realidade no caso de Joaquim Antônio, que veio a receber, no Seminário, a tonsura clerical[7], bem como as ordens menores[8] no ano de 1892, permanecendo ali até a sua ordenação sacerdotal em 2 de dezembro de 1894.

A passagem de Dom Joaquim Antônio de Almeida pelo Seminário de Fortaleza onde recebeu uma educação sacerdotal rigorosa, reflexo do objetivo episcopal de romanização, durante sua caminhada para a ordenação, ajuda-nos a entender a construção do perfil episcopal do referido bispo, representado em suas estratégias de atuação em Teresina durante seu período de governança, haja vista que a função do Seminário, enquanto órgão da Igreja Católica recai justamente sobre a formação dos novos membros do clero, tanto pela proposta pedagógica da instituição quanto pelos contatos feitos durante sua permanência. Pelas palavras do pesquisador Sílvio José

---

[6] Pode ser visto no artigo intitulado *Seminário Episcopal da Fortaleza,* redigido pelo próprio reitor do Seminário no ano de 1891, Pe. Júlio Simon, e publicado no jornal O Cearense no ano de 1891, que o valor cobrado pela estadia dos seminaristas girava em torno de 350 mil réis anuais. "2° - a pensão de cada seminarista, além da joia de 20$000 paga pela primeira entrada no estabelecimento e de 80$000 anuais pelo consumo de gás, será de 35$000 mensais ou 350$000 por ano devendo ser paga em três prestações adiantadas no princípio de cada trimestre; a primeira prestação, porém, compreenderá quatro meses." (O CEARENSE, 31 jan 1891, n°25. Ano XLV, p. 2). Já no ano de 1892, houve um aumento no valor anunciado pelo bispo, D. Joaquim José, em circular publicada no jornal cearense *A República:* "Circular n°10 […] agravadas essas dificuldades pela excessiva carestia dos gêneros de primeira necessidade. Fomos obrigados a elevar as mensalidades dos seminaristas a 360$000 réis […]" (A REPÚBLICA. *Seminário Episcopal.* Fortaleza. 19 dez 1892. n° 202. ano I)

[7] Segundo o teólogo José Aldazábal, a tonsura, agora em desuso, consistia no corte rente de parte do cabelo que os clérigos ostentavam com o sentido simbólico de renúncia às vaidades do mundo e em referência a Cristo coroado de espinhos. A primeira tonsura (Prima tonsura) fazia parte do rito de ingresso no estado clerical e era realizada em uma cerimônia religiosa em que o bispo dá um corte no cabelo do ordinando ao conferir-lhe o primeiro grau de Ordem no clero. Ver em: https://www.liturgia.pt/dicionario/dici_ver.php?cod_dici=602.

[8] Ordens menores são os níveis hierárquicos do ministério eclesiástico mais baixos que as chamadas ordens maiores.

Benelli “O seminário produz padres, que são agentes formados e que se tornam, por sua vez, agentes formadores. [...] padres que ocuparão lugares proeminentes na liderança de setores relevantes das comunidades.” (BENELLI, 2006. p. 145-182). Sendo assim, é fundamental entender o projeto de padre que o Seminário de Fortaleza buscava desenvolver, para que se possa visualizar a atuação e as motivações de Dom Joaquim Antônio, quando aportou no Piauí.

Segundo o historiador Pedro Vilarinho Castelo Branco, no processo de formação do seminarista, como passou a ser definido pelo Concílio de Trento, e dado continuidade nas regulamentações dos bispados, os candidatos ao sacerdócio deveriam passar por formação adequada, em Seminários que priorizavam a disciplina e a ordem, onde aprenderiam Latim e seriam avaliados nos princípios de moral, para que pudesse ser comprovada a existência do ímpeto vocacional. Nesse caminho, os seminaristas deveriam ser submetidos a processos avaliativos, que julgavam sua origem (processo de *genere*), a conduta (processo de *vita et moribus*) e a condição financeira (processo de patrimônio). Pelas palavras do autor entende-se do processo que:

> A energia desses homens, uma vez ordenados, deveria ser direcionada para o serviço da instituição religiosa. O sucesso na formação estaria relacionado à incorporação de postura moderada, de temperança, em clara demonstração de autocontrole.” (Castelo Branco, 2020. p. 245)

O Seminário de Fortaleza foi erguido em outubro de 1864, dentro do período de governança episcopal de Dom Luís Antônio dos Santos, na Diocese do Ceará. Um pouco anterior a isso, o processo de criação do bispado do Ceará assemelha-se em alguns pontos ao ocorrido no Piauí, no que se refere à participação popular em torno de tal objetivo. Segundo o pesquisador cearense João Batista de Andrade Filho, a população do Ceará viu na construção de sua sede episcopal o último degrau para sua autonomia definitiva com relação à província de Pernambuco, tal intento acabou por reunir diversas camadas sociais, como leigos, clérigos, as elites política e econômica locais, que viam nesse projeto a ampliação do desenvolvimento provincial mediante os avanços econômicos advindos do seu ciclo do algodão no século XIX (ANDRADE FILHO, 2012. p. 53-55). Além de atender aos desejos da população, a criação de um novo bispado atendia, também, aos interesses ultramontanos da Igreja Católica, que via

vantagens dentro do processo de capilarização administrativa, ao serem construídas novas sedes episcopais.

Diante de um cenário nacional no qual a Santa Sé pôs-se a repensar sua atuação no Brasil, frente aos prejuízos trazidos pela separação oficial entre a religião católica e o Estado e a perda de grande parte do seu monopólio social frente a um processo de secularização estatal brasileiro. Viu-se, portanto, ainda no século XIX, em busca pelo enraizamento institucional catolicismo na sociedade brasileira, com o aumento considerável do número de arquidioceses e dioceses, objetivando capilarizar seu alcance pelos estados e municípios, iniciando assim, segundo Castelo Branco, em seu artigo, *O ultramontanismo, as práticas discursivas católicas e as relações familiares modernas em Teresina no início do século XX*, a política de reestruturação da religião católica no país. De acordo com o historiador, o Brasil contava, em 1889, com uma arquidiocese e onze dioceses, enquanto, em 1930, já se contabilizavam 16 arquidioceses, 50 dioceses, 20 prelazias ou prefeituras apostólicas, ilustrando o empenho da Igreja em incrementar sua presença institucional no Brasil. [9]

Quanto ao primeiro bispo da Diocese do Ceará, D. Luís Antônio, que já havia sido cônego da catedral de Mariana (MG) e então reitor do Seminário na cidade mineira, recebeu entre 1859 e 1861 o decreto para assumir o bispado cearense, tanto pelas mãos do imperador Pedro II quanto pelas do papa Pio IX[10]. Segundo o historiador Luiz Moreira da Costa Filho, assim que chegou ao Ceará, D. Luís Antônio, formado em Direito canônico nas terras romanas, logo expôs sua intenção em reformar o clero cearense, de acordo com as premissas tridentinas[11]. Para esse intuito alavancou meios de criação de um Seminário em Fortaleza. Entende-se pelas palavras de Costa Filho que:

---

[9] CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *O ultramontanismo, as práticas discursivas católicas e as relações familiares modernas em Teresina no início do século XX*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Piauí, Teresina, Nº 08 – Ano C – junho de 2018. P.18

[10] COSTA FILHO, Luiz Moreira da. A inserção do Seminário de Fortaleza na Romanização do Ceará (1864 -1912). Dissertação de mestrado (UFC) – Fortaleza, 2004. P. 61.

[11] Em referência às ordens papais decididas no Concílio de Trento, concílio ecumênico ocorrido entre 1545 e 1563, onde se reafirmaram dogmas católicos levados à crítica, diante dos avanços do protestantismo na Europa. Na reunião foram levantadas pelo Papa Paulo III questões acerca da necessidade de se repensar a disciplina eclesiástica, tais quais o celibato clerical, a hierarquia católica, assim como determinar a importância da construção de seminários a fim de difundir esses ideais no clero em formação. Os ideais de ascetismo, obediência, respeito à hierarquia, erigidos no Concílio de Trento foram úteis para além do século XVI, sendo revisitados pela Igreja durante os séculos XIX e XX diante da expansão das modernidades pós revoluções burguesas, adotados com o sentido de moralizar, centralizar e uniformizar a Igreja, tornando o Concílio de Trento o principal sustentáculo do Ultramontanismo.

> […] o bispo não estava fazendo nada mais nada menos que obedecer aos ditames colocados pelo Concílio tridentino, que o responsabilizava pela fundação de seminários e a formação de sacerdotes, cuidando da organização dessas escolas e de seu funcionamento, além do exame da conduta dos futuros padres, ordenando apenas aqueles que demonstrassem efetiva vocação religiosa […] (Costa Filho, 2004, p. 62)

Intentando uma formação acética aos futuros sacerdotes que saíssem do Seminário da Prainha – como passou a ser conhecido o Seminário de Fortaleza – D. Luís Antônio entregou-o nas mãos de dois padres lazaristas[12], também conhecidos como vicentinos: Padre Pedro Augusto Chevalier (reitor do Seminário entre os anos de 1864 a 1890) e Padre Lourenço Enrile, para que os mesmos assumissem administrativamente a instituição, depois de já terem lecionado no Seminário Arquiepiscopal na Bahia. O primeiro, empossado como primeiro reitor do Seminário em 1864, teve suas orientações pedagógicas cumpridas durante os primeiros cinquenta anos do seminário, sem quaisquer reformulações, além da organização da grade pedagógica (Andrade Filho, 2012, p. 67). No entanto, para além da preocupação em delegar egressos de alguma ordem religiosa para os cargos mais importantes do Seminário, nota-se o interesse ultramontano de D. Luís Antônio, também, em "europeizar" as formações sacerdotais. Padre Augusto Chevalier, que veio a ser o primeiro reitor do Seminário, era natural da França, e Padre Lourenço Enrile, professor de Moral no Seminário da Prainha, era italiano, e ambos possuíam formação eclesiástica parisiense, e seriam peças-chave para a formação de clérigos com perfil romanizado[13] na nova geração de padres que saíram

[12] A Ordem Lazarista, ou Ordem Vicentina, tem sua fundação na França dos séculos XVI e XVII pelas missões do clérigo Vicent de Paul, que se entornavam sobre o propósito de combater a ignorância espiritual que se abatia sobre o campesinato francês, geradora das mazelas dessa população. Tinha como propósito "viver em comunidade para devotar-se à salvação dos camponeses pobres". Ver em: ANDRADE FILHO, João Batista de. Padres lazaristas no Ceará e a formação educacional confessional: seminários e colégios (1864 e 1914). 2012. 136f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará. Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza-CE, 2012. p. 69-70.

[13] Percebendo a ideia liberal de criação de Igrejas Nacionais ou a extensão dos direitos regalistas aos novos Estados, espalhando-se pela América Latina com os processos de independência, ao longo do século XIX tornou-se necessário à Santa Sé reconfigurar a visão clerical latino-americana, a fim de evitar tal avanço, aproximando-a dos desígnios papais. Segundo Karl M. Schmitt, professor da Universidade do Texas e diretor do Instituto de Estudos sobre América Latina, a Argentina em 1815 propôs em seu estatuto provisório permissão para tolerância religiosa. Derivou-se disso nos novos estados independentes da América espanhola a oficialização do catolicismo mediante o reconhecimento dos direitos de padroado, o que acabou por dividir seriamente o clero na América Latina, entre os que eram leais às antigas coroas (os monarquistas), aqueles que apoiavam os novos governos e o padroado (os regalistas), e aqueles que insistiam no retorno a uma obediência papal (os romanizados). Com isso, entende-se o processo de romanização da Igreja Latino-americana como reflexo da divisão dentro do próprio clero,

do Seminário. Segundo o pesquisador Sérgio Miceli, os seminários dispostos nas mãos de lazarista e jesuítas geralmente destacavam-se por seu rigor e severidade disciplinar para com seus seminaristas, a fim de "moralizar" o clero por eles formado (MICELI, 2009. p. 122).

A política do Vaticano, no século XIX, procurava aproximar a Igreja da América Latina ao continente europeu, com o objetivo de aumentar a sua influência e controle, ao tempo em que objetivava diminuir as práticas regalistas – advindas dos direitos de padroado em países como o Brasil, ou como havia sido reivindicado mesmo em países republicanos da América espanhola, que contou com a atuação de setores liberais da Igreja em seus processos de independência – e do avanço secular e laicista que se expandia para além da Europa[14].

O projeto de romanização do clero latino-americano deu-se a partir de Pio IX, quando o referido Papa, preocupado com as informações que chegavam a ele sobre a Igreja na América, incentivou a formação do clero latino-americano na Europa, de preferência em Roma, com a criação do Colégio Pio Latino-Americano, que abriu suas portas em 1858 para seminaristas de todo o referido continente (Solans, 2017. p. 191-200). Como afirma o historiador espanhol Francisco Javier Solans, os alunos formados no Colégio Pio Latino-Americano eram destinados a compor a elite eclesiástica na América, para onde retornavam com o propósito de romanizar suas igrejas como bispos ou professores de seminários, o que, como poderá ser visto mais à frente, influenciou,

---

sendo visto pela Santa Sé como problemática a ser resolvida, no entanto a romanização da Igreja no século XIX ultrapassou as barreiras latinas, sendo discutida em vários outros espaços, um empreendimento em que parte da Igreja, vista como dissidente precisava ser silenciada e retirada das posições de influência, ao passo em que dava mais destaque aos discursos ultramontanos, que defendiam a ideia de subordinação da Igreja a Roma. Ver mais em: SCHMITT. Karl Michael. *The Roman Catholic Church in modern larin America.* 1 ed. New York: Knopf, 1972. p. 3 – 13. Pelas palavras de Riolando Azzi, o conceito expressa o fato de que a Santa Sé se tornou no século XIX "o eixo ao redor do qual girava a corrente mais expressiva do pensamento católico, e Roma, tornar-se-ia assim, o polo propulsor do pensamento e da ação eclesiástica". Ver mais em: AZZI, Riolando. *O altar unido ao trono*: um projeto conservador. São Paulo: Edições Paulinas, 1992. p. 114.

[14]Para o pesquisador Ítalo Santirocchi, a laicização e a secularização são frutos dos avanços da modernidade no século XIX, que devem ser entendidos como diferentes. De acordo com o autor, a secularização seria um resultado social e cultural derivado da perda do monopólio religioso em âmbitos da vida, como as explicações de funcionamento das órbitas naturais, agora garantidas pelo cientificismo positivista, que acabaria por reduzir a religiosidade ao espaço privado: "secularização seria um fenômeno social, intelectual e cultural, no qual as influências da religião sobre o comportamento das pessoas vão diminuindo", Ainda de acordo com Santirocchi, isso influenciaria no âmbito político, o que contribuiria para os processos de separação entre o Estado e a religiosidade, podendo esse processo ser entendido como o laicismo. Ver mais em: SANTIROCCHI. Ítalo Domingos. O paradigma tridentino e a Igreja Católica no Brasil oitocentista: modernidade e secularização. Revista Reflexão, vol. 42, núm. 2, pp. 169-181, 2017.

também, no perfil episcopal de Dom Joaquim Antônio de Almeida (Solans, 2017. p. 198).

Com isso, podemos afirmar que o processo em torno da fundação do Seminário de Fortaleza – onde, no ano de 1889, o jovem riograndense, Joaquim Antônio de Almeida, ingressou como novo integrante do quadro de alunos – se deu sob a orientação dos princípios e ideais romanizadores. O Seminário nasceu no século XIX já com o objetivo de formar clérigos que exalassem um perfil mais contrito, ultramontano[15], destoando do espírito religioso mais liberal e humanístico que caracterizava os clérigos formados pelo Seminário de Olinda no século XIX. Nas palavras de Costa Filho, o Seminário da Prainha tivera como propósito "[…] formar padres obedientes aos preceitos da santa religião ensinada pela Cúria Romana, que tinha uma visão antirrevolucionária […]" (Costa Filho, 2004, p. 63). De acordo com Antônio Fagundes, biógrafo de Dom Joaquim Antônio, com relação à influência dos lazaristas na formação do espírito pietista do futuro bispo:

> Nenhuma dúvida se nos apresenta quanto à decisiva influência [desses] padres franceses na formação moral do novo sacerdote [sendo] entre eles que se solidificou o amor aos pequeninos e o desvelo pela sorte dos necessitados. […] um perfeito discípulo de São Vicente de Paulo […] (Fagundes, 2011, p. 26-28).

Segundo Costa Filho, o estatuto legislativo das ordens expressas no Seminário, postas em prática, desde sua fundação, girava em torno de ideias ultramontanas, no que tange à formação dos padres, buscando desenvolver neles, como princípios inegociáveis: a obediência aos superiores e a seus ordenamentos – sem questionamentos (Art. XVIII); O desenvolvimento espiritual, contrito e piedoso, com frequências contínuas de cultos, retiros, orações e confissões (Art. XIX); A relação com a solidão tornava-se paradoxal, pois não eram aconselháveis as amizades entre os seminaristas

[15] Segundo o pesquisador Ítalo Santirocchi, o ultramontanismo chega ao Brasil por meio da influência estrangeira no início do século XIX – na figura dos religiosos da Congregação das Missões, ou lazaristas, de carisma vicentino, depois foi estimulado por bispos de alguns centros urbanos como D. fr. José da Santíssima Trindade, bispo da diocese de Mariana entre 1819 e 1835 – e cresceu vagarosamente de início, mas, às portas do XX, já havia assumido o controle da Igreja no país onde se incentivou uma reforma religiosa embasada nos princípios do Concílio de Trento, alinhando-se aos ditames romanos do Papa, e, assim como ocorreu na Europa, agiu contrário a certas tendências da modernidade. Pensando o consumo de bens culturais como algo que se dá de maneira relativa, e dependendo do contexto no qual se insere, no Brasil, o termo ultramontano passou a se referir aos católicos – clérigos ou leigos – que se posicionassem contra o liberalismo eclesiástico, a laicização estatal, e o regalismo na relação entre Igreja e Estado (Santirocchi, 2010. p. 25-26).

(Art. I), no entanto os momentos de solidão total não eram permitidos, sendo a privacidade algo muito raro. Para despir-se das individualidades e vaidades era recomendado que os seminaristas não chamassem a atenção com seus cortes de cabelo e perfumes (Art. V e VI), havia também a prescrição sobre o uso dos *hábitos* e batinas, criando assim uma padronização extramundana. Tais premissas eram tidas como necessárias para a ordenação de um "verdadeiro coração vocacionado" (Costa Filho, 2004. p. 77 – 78).

O regimento era aplicado desde o preparatório (Seminário Menor) ao teológico (Seminário Maior) Neste, com duração de quatro anos, adotavam-se os estudos de Direito Canônico e História Eclesiástica no primeiro ano, logo após durante os últimos três anos vinham os estudos de Moral e Dogma, acompanhando durante os quatro anos os estudos sobre a Escritura Sagrada; Eloquência; Liturgia e Canto Gregoriano (Costa Filho, 2004. p. 87).

Ainda discorrendo a respeito do espírito ultramontano que pairou sobre o governo episcopal de D. Luís Antônio dos Santos e, consequentemente, sobre o Seminário criado por ele, Costa Filho aponta que, ao procurar um prédio para alocar a instituição, o então bispo se utilizou das obras feitas pela Irmandade de Nossa Senhora da Conceição do Outeiro da Prainha, resolvendo alugar temporariamente o prédio que serviria de colégio para meninas órfãs de Fortaleza, ao lado da capela destinada ao culto da santa, construído pela Irmandade, até que fosse encontrado um prédio adequado para o Seminário, situação que perdurou até 1865, quando a edificação foi definitivamente convertida no Seminário da Prainha (Costa Filho, 2004. p. 63). Tratava-se de um local distante dos centros urbanos, o que contribuía para a perspectiva de distanciamento que a vida religiosa exigia do mundo secular. Nas palavras de Sérgio Miceli, o ingresso dos novos seminaristas nos seminários de matriz ultramontana acabava revestido "de especial relevância nessa quebra dos laços com a "ordem temporal" (Miceli, 2009. p. 122). A distância e a severa disciplina, presentes nos Seminários, marcavam a percepção que os seminaristas tinham com relação às hierarquias[16], que deveriam ser

[16]É primordial entender a necessidade em torno da obediência à hierarquia na Igreja Católica, essencialmente no período pós-revoluções burguesas no século XIX, para que se perceba o orquestrar das ações que a Instituição assume a fim de manter-se atuante. Pode-se perceber a Igreja Católica buscando atuar como uma unidade, formada por um c*orpo de profissionais*, organizados hierarquicamente, em torno da burocracia que permeia seu antro, protegidos em meio a seus dogmas e cultos reproduzidos de forma sistematizada que, no todo, fornece-lhe sustentação e coesão (Bourdieu, 2001, p. 95). Situação que evidencia a necessidade de manter a hierarquia nas ações dos membros que a compõem, no trabalho de manutenção da influência católica.

respeitadas no clero católico, quanto à posição de subordinação e quanto às hierarquias. Ainda de acordo com Miceli no seu olhar sociológico sobre a questão:

> […] a transição brusca desses meninos-moços de suas fazendas e vilarejos para um regime de severa disciplina devia tocá-los por dentro e por fora. Os sentimentos e as percepções desempenados não podiam deixar de provocar nesses matutos de estirpe uma perspectiva de distanciamento sobre o que fora sua experiência pregressa. Dado que quase todos os seminários estavam em mãos dos lazaristas e jesuítas, as ordens em sintonia com os esforços de 'moralização' do clero brasileiro impostos do exterior, não é difícil reconstruir o tipo de vida que esses jovens passavam a ter. (Miceli, 2009. p. 122)

Mesmo como líder espiritual dentro das terras cearenses, Dom Luís Antônio buscou o diálogo e a conciliação com a Irmandade, propondo aos devotos de Nossa Senhora da Conceição, como acordo, os cuidados de Chevalier como capelão-mor da capela erguida pelos irmãos enquanto o Seminário ocupasse o prédio. Segundo Costa Filho, o então bispo buscou a moderação no tratamento para com a Irmandade em decorrência do contrato entre a Igreja Católica e o Governo Local – o Compromisso[17] – que impedia o Bispo de interferir na ordem sem a permissão das irmandades, situação típica do período imperial, quando o padroado garantia certo grau de independência às irmandades, que além de um caráter religioso, também tinha função civil, o que garantia às autoridades seculares jurisdição sobre elas (BOSCHI, 2007. p. 282-283).

Porém, o ar condescendente não perdurou durante o bispado de Dom Joaquim José Vieira[18] (1884-1912), segundo bispo cearense, que chegou ao governo da Diocese

[17]De acordo com o historiador Caio Boschi "[…] *compromisso* de irmandade são os estatutos que a regem. É o documento no qual se declaram a invocação padroeira da entidade; as finalidades e as motivações que promoveram a reunião de seus devotos; a sua dinâmica interna, isto é, a estrutura administrativa da associação, com a definição dos cargos e respectivas funções; as festas e os ofícios religiosos a serem realizados; os deveres e os benefícios dos irmãos, as condições e os parâmetros da solidariedade inter e extragrupal, dentre outros aspectos. […]" Ainda segundo o pesquisador o compromisso obedecia ao propósito formalizar ou tornar oficial a associação pré-existente, assim, o documento encontrava-se submetido às autoridades religiosas e seculares sendo encaminhados após a redação para exame e aprovação, cabendo aos irmãos escolherem sobre qual jurisdição gostaria de ficar ligado – ao bispo ou ao Estado – mas que, no entanto, a partir da segunda metade do século XVIII e a notificação da obrigatoriedade das Irmandades submeterem seus compromissos à Mesa da Consciência e Ordens, o âmbito secular impôs-se consideravelmente sobre as Irmandades. Ver em: MARTINS FILHO, Amilcar Vianna. BOCHI, Caio César. *Compromissos de irmandades mineiras do século XVIII.* Belo Horizonte: Claro Enigma / Instituto Cultural Amilcar Martins, 2007. p. 280 – 285.

[18] Dom Joaquim José Vieira iniciou sua governança episcopal no Ceará em 1894, por indicação do próprio imperador Pedro II, após Sua Majestade apresentar à Santa Sé o decreto imperial de 1883 para o bispado cearense, por este ter conseguido o apreço do monarca ao defender os bispos presos durante a Questão Religiosa. O referido bispo, ao encontrar-se com o imperador em Campinas, afirmou que lhe

durante a transição de regimes políticos com a Proclamação da República no Brasil. Dom Joaquim José aproveitou as condições de laicidade política e o consequente fim da jurisdição e subvenção estatal sobre as irmandades para disputar com os irmãos a posse sobre a capela erguida à Nossa Senhora da Conceição. Segundo o referido bispo, aquelas seriam terras sagradas e, consequentemente, deveriam passar aos cuidados da Santa Sé, iniciando diante de pressões que partiam do novo reitor do Seminário da Prainha, Pe. Júlio Simon (1891-1903), autor das investidas para tomar a administração da capela.

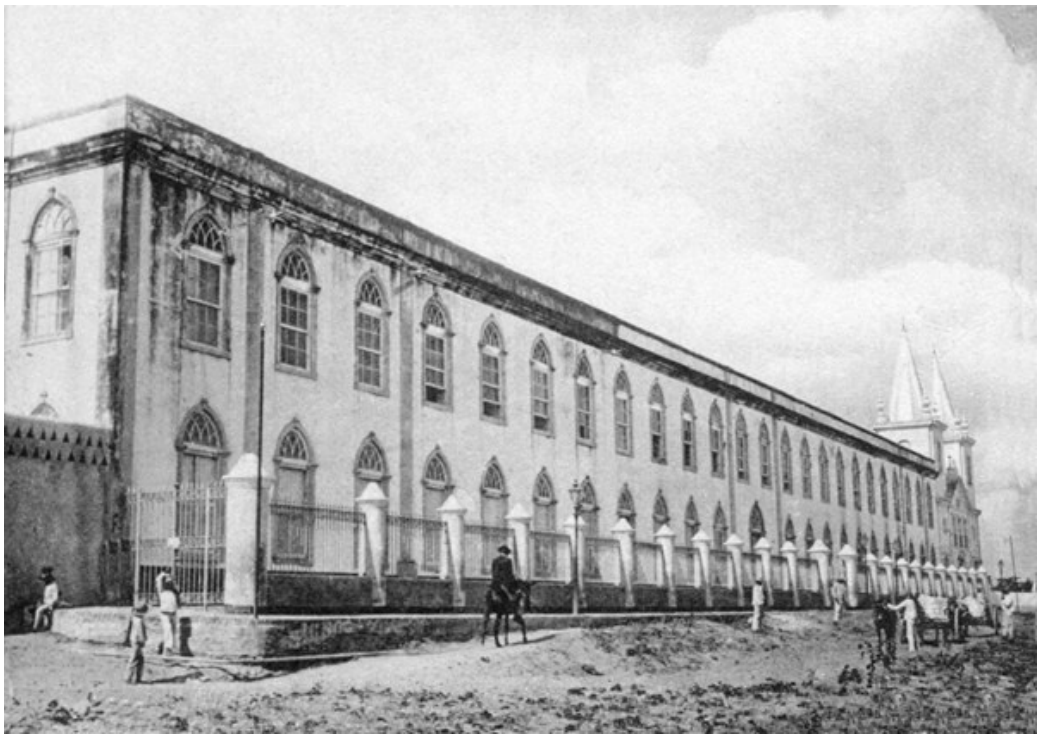
Ainda de acordo com as análises feitas por Costa Filho, após a chegada, no ano de 1891, à reitoria do Seminário, o padre Júlio Simon sentiu-se incomodado com a recusa dos membros da Irmandade em cederem a administração da capela à Igreja, e insistiu para que o bispo tomasse as providências, a fim de mudar essa situação. Dom Joaquim José, buscando evitar mais problemas, caso dissolvesse de vez a Sociedade, que, segundo o autor, poderia contar com membros que ainda detivessem algum prestígio social, procurou a intercessão de algum dos membros que regiam a Irmandade, para que esse pudesse convencer os outros irmãos a cederem a capela, o que acabou por acontecer em 1894 (Costa Filho, 2004. p. 71-74). A respeito desse episódio, Costa Filho cita uma das observações feitas pelo historiador Edilberto Cavalcante Reis, que aponta:

> […] para D. Joaquim José era muito pouco educativo que os futuros padres aprendessem a submeter-se aos caprichos das Irmandades ou de outros movimentos leigos. Os seminaristas, afinal de contas, estavam ali (no Seminário) para aprender a comandar as igrejas paroquiais." (Reis, 2000, p. 130)

---

causava repugnância apertar a mão do monarca que mandou prender dois bispos brasileiros – referindo-se aos bispos presos durante a chamada Questão Religiosa. Cabe aqui ressaltar que a questão religiosa foi um conflito ocorrido no Brasil na década de 1870 entre a Igreja Católica e o Estado Imperial brasileiro, em torno da questão da Maçonaria. A questão evoluiu centrada na atuação de dois bispos, Dom Vital Maria Gonçalves de Oliveira, bispo de Olinda, e Dom Macedo Costa, bispo do Pará, defensores do catolicismo ultramontano e críticos da presença maçônica. Baseando-se em ordenações papais não aprovadas pelo Império brasileiro, ao interditarem irmandades sob sua jurisdição, por manterem em seu seio, membros maçons, julgou-se que feriram a Constituição do Império, sendo presos e condenados a trabalhos forçados. Pouco tempo depois foram anistiados, mas isso não aplacou o acérrimo debate público que se desencadeou a respeito da união entre Igreja e Estado, ao contrário, o problema permaneceu em discussão, agregando outros elementos ideológicos e sociais e facções cada vez mais extremadas, enfraquecendo a autoridade e o prestígio da monarquia. Em agosto de 1883, o Papa Leão XIII em bula papal confirmou a indicação de Joaquim José para o bispado do Ceará, ocorrendo em dezembro de 1883 sua sagração episcopal na Igreja matriz de Campinas, desembarcando em Fortaleza apenas em 1884. Ver mais em: BRANDÃO, Marcella de Sá. "A maçonaria e os bispos ultramontanos na segunda metade do século XIX: breve análise a partir do jornal religioso *O Apostolo*". In: *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*. Vol. 3 n. 5, jul. 2011, pp. 138-140

Com isso, levando-se em consideração a temporalidade do episódio – entre 1884 (com o início do governo episcopal de D. Joaquim José no Ceará) e 1894 (com a capela de Nossa Senhora da Conceição passando à administração e sendo anexada oficialmente ao Seminário da Prainha) e sabendo que Joaquim Antônio de Almeida (Dom Joaquim) adentrou o Seminário em Fortaleza no ano de 1889, subentende-se que ele veio a presenciar o decorrer desse processo, acompanhando como Dom Joaquim José levou ao enfraquecimento das associações leigas na região.



Seminário da Prainha, final do século XIX. Disponível em: http://www.fortalezaemfotos.com.br/2011/10/igreja-nossa-senhora-da-conceicao-da.html. Acesso em: 08 mai 2023.

Após a anexação da capela construída pelos irmãos em devoção à Nossa Senhora da Conceição pelo Seminário da Prainha, este adquiriu ares de independência e reclusão do mundo secular "[…] longe dos movimentos da modernidade do centro de Fortaleza […]" (Costa Filho, 2004. p. 66) chegando a ocupar toda uma quadra. Além dos conflitos entre o bispo e as irmandades, o seminarista Joaquim Antônio de Almeida durante seu período na instituição vivenciou os embates entre o catolicismo romanizado, cujo principal representante era D. Joaquim José, conhecendo também um catolicismo do povo, materializado em Padre Cícero e seus defensores.

Segundo a historiadora Ediane dos Santos Nobre, D. Joaquim José, segundo bispo do Ceará, inicia suas represálias ao Padre Cícero[19] ainda em janeiro de 1890, exigindo uma minuciosa apuração dos fatos, buscando deixar claro que, se um fato ocorria fora das vistas do bispo, sem sua avaliação e, principalmente, um fato da natureza de um possível milagre, não poderia ser qualificado como verídico[20]. Após duas comissões episcopais para investigar a situação e evitar ainda mais a expansão da crença na figura de Padre Cícero, o então bispo concluiu que os milagres haviam sido falsos, suspendendo as ordens do padre. Encontra-se no Arquivo Histórico do Seminário Episcopal de Fortaleza / Setor de História Eclesiástica, a Carta Pastoral[21] redigida por Dom Joaquim José, que circulou em Fortaleza em março de 1893, na qual o então bispo expõe o episódio do possível milagre e seu veredito sobre o caso, reformando o centralismo católico e a obediência religiosa em torno da figura clerical, influência direta das ordens tridentinas:

> Já declaramos de modo público e solene que o sangue aparecido na boca de Maria de Araújo, não era, nem podia ser o Sangue do Divino Salvador.
>
> […] e o Concílio Tridentino na Sess. 25 de *Invocat. Venerat. et Rel. Santorium* decreta que « não se devem admitir novos milagres, nem receber novas Relíquias, sem as reconhecer e aprovar o Bispo […]

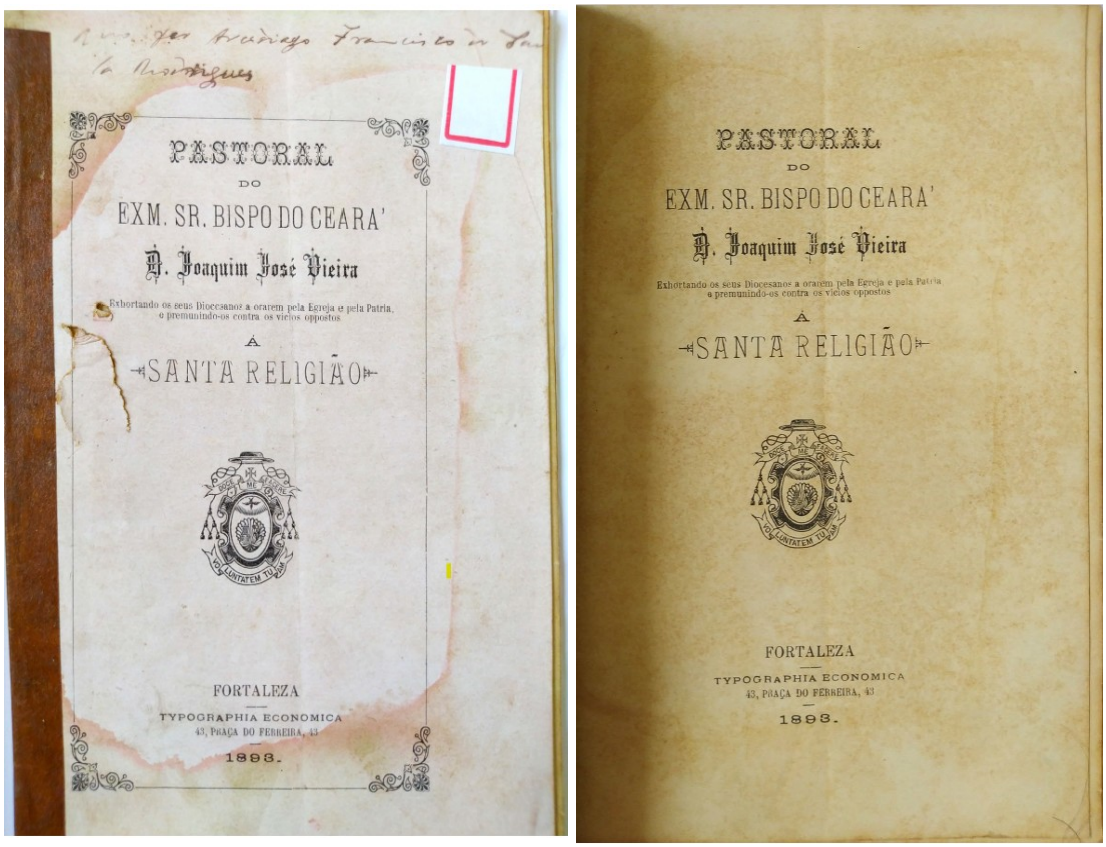
---

[19]Cícero Romão Batista, nascido em 1844, tornou-se uma figura famosa por seu magnetismo religioso na região de Juazeiro, no Cariri, interior do Ceará. Após sua formação no Seminário de Fortaleza, onde vivenciou os rigores dos padres lazaristas e a romanização de D. Luís Antônio, estabeleceu-se em um pequeno vilarejo, Juazeiro, adotando um perfil pastoral de cuidado com os mais pobres, gerando na população a imagem de um clérigo piedoso e generoso, aos moldes franciscanos. Sua fama como "homem santo" tem início em 1889, com o "milagre" ocorrido em uma das beatas da região – Maria de Araújo – quando, na hora da comunhão, a hóstia entregue por Padre Cícero verte-se em sangue na boca da mulher, repetindo-se mais algumas vezes. Para o padre, que não buscou comunicar ao bispo antes de divulgar o ocorrido, aquilo se tratava de uma clara mensagem do Cristo para que o povo reavivasse sua fé e combatesse os inimigos da fé. Padre Cícero encontrou em D. Joaquim José um freio para a divulgação dos milagres, haja vista que o bispo, mergulhado em uma perspectiva romanizadora de hierarquia, embargou o padre por este não ter buscado inicialmente a aprovação episcopal, o que deixa claro em sua carta pastoral *À Santa Religião* de 1893. Ver mais em: OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. *Religião e dominação de classe*: gêneses, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil. Editora Vozes Ltda – Rio de Janeiro. 1985, p. 248 – 254.

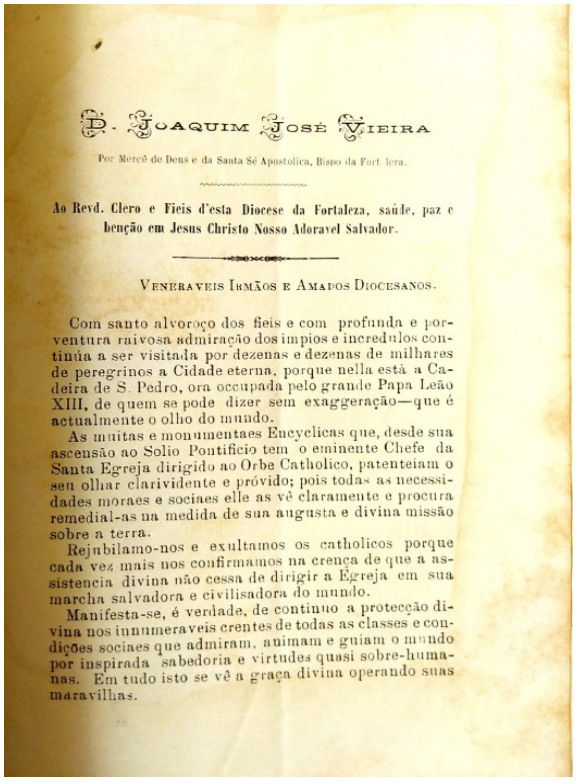
[20] NOBRE, Edianne dos Santos. O teatro de Deus: a construção do espaço sagrado de Juazeiro a partir de narrativas femininas (Ceará, 1889-1898). 2010. 196 f. Dissertação (Mestrado em História e Espaços) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

[21]As Cartas Pastorais podem ser entendidas como lugar onde o bispo expõe ao seu rebanho de fiéis e ao clero suas ideias, e instrui ao "melhor caminho". Tiveram grande importância para a implementação da doutrina ultramontana. Eram dirigidas aos diocesanos, clero e leigos, tratando de assuntos variados como: questões doutrinárias ligadas à fé cristã, costumes, problemas de interesse da Igreja como as orientações pastorais e sua participação e relação com o Estado, imprensa, formação, combate às ideias contrárias às orientações dos documentos papais e outros. (DIAS, 2008. p. 82)

> […] O Bispo e só o Bispo Diocesano é, pois, a autoridade competente, salvo sempre os direitos do Supremo Chefe da Igreja, para instruir processo, examinar e julgar os casos de novos milagres sucedidos em sua Diocese [...] e se o caso for difícil, deverá expô-lo, não mais ao Concílio Provincial que raramente se reúne, mas à Sé Apostólica e esperar sua decisão.
>
> […] Seu dever é comunicar tudo fielmente, minuciosamente ao seu bispo e esperar; pois que as obras de Deus se impõem com irresistível soberania. (Vieira. Carta pastoral. 1903. p. 14-24)



Capa e contracapa da Carta Pastoral de Dom Joaquim José Vieira. *A Santa Religião*. Arquivo Histórico do Seminário Episcopal de Fortaleza / Setor de História Eclesiástica. Fortaleza – 1893.



D. Joaquim José Vieira

Por Mercê de Deus e da Santa Sé Apostolica, Bispo da Fortaleza.

Ao Revd. Clero e Fieis d'esta Diocese da Fortaleza, saúde, paz e benção em Jesus Christo Nosso Adoravel Salvador.

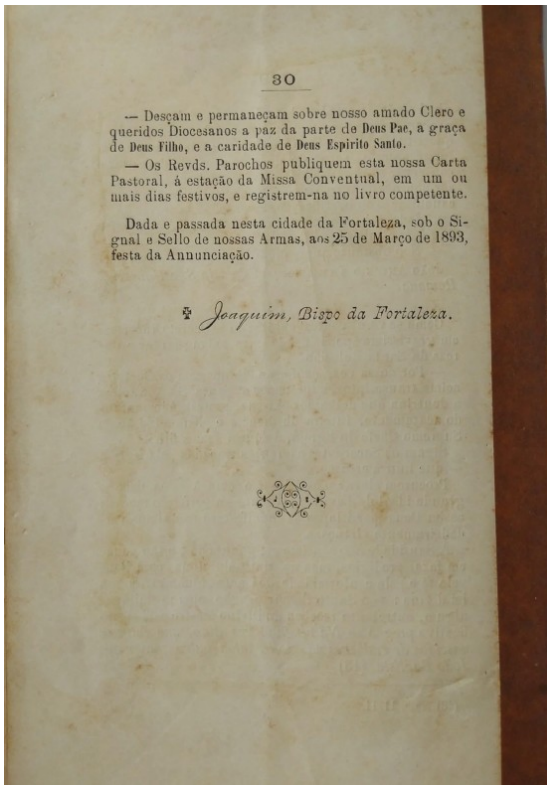
Veneraveis Irmãos e Amados Diocesanos.

Com santo alvoroço dos fieis e com profunda e porventura raivosa admiração dos impios e incredulos continúa a ser visitada por dezenas e dezenas de milhares de peregrinos a Cidade eterna, porque nella está a Cadeira de S. Pedro, ora occupada pelo grande Papa Leão XIII, de quem se pode dizer sem exaggeração—que é actualmente o olho do mundo.

As muitas e monumentaes Encyclicas que, desde sua ascensão ao Solio Pontificio tem o eminente Chefe da Santa Egreja dirigido ao Orbe Catholico, patenteiam o seu olhar clarividente e próvido; pois todas as necessidades moraes e sociaes elle as vê claramente e procura remedial-as na medida de sua augusta e divina missão sobre a terra.

Rejubilamo-nos e exultamos os catholicos porque cada vez mais nos confirmamos na crença de que a assistencia divina não cessa de dirigir a Egreja em sua marcha salvadora e civilisadora do mundo.

Manifesta-se, é verdade, de continuo a protecção divina nos innumeraveis crentes de todas as classes e condições sociaes que admiram, animam e guiam o mundo por inspirada sabedoria e virtudes quasi sobre-humanas. Em tudo isto se vê a graça divina operando suas maravilhas.



30

— Desçam e permaneçam sobre nosso amado Clero e queridos Diocesanos a paz da parte de Deus Pae, a graça de Deus Filho, e a caridade de Deus Espirito Santo.

— Os Revds. Parochos publiquem esta nossa Carta Pastoral, á estação da Missa Conventual, em um ou mais dias festivos, e registrem-na no livro competente.

Dada e passada nesta cidade da Fortaleza, sob o Signal e Sello de nossas Armas, aos 25 de Março de 1893, festa da Annunciação.

✠ *Joaquim, Bispo da Fortaleza.*

Respectivamente: Primeira e Última páginas da Carta Pastoral de Dom Joaquim José Vieira. *A Santa Religião*. Arquivo Histórico do Seminário Episcopal de Fortaleza / Setor de História Eclesiástica. Fortaleza – 1893.

Episódios como o de Padre Cícero – ao exigir do padre o reconhecimento público de sua obediência à hierarquia da Igreja – ou a subjugação dos interesses das Irmandades pelas necessidades da Igreja Católica exemplificam a relação entre o ultramontanismo e a religiosidade popular no final do século XIX, buscando abafar e silenciar as práticas que se davam longe da diligência clerical, foi um traço majoritário das vivências religiosas brasileiras até a metade do referido século, transformando o rechaçar da religiosidade do povo, religiosidade independente, em partes, distanciada das ordenanças hierárquicas, como uma lição que deveria ser apreendida pelas novas gerações de clérigos formadas no Seminário. Pelas palavras de Costa Filho entende-se que:

> Semelhante a outros seminários de linha ultramontana do País, os sacerdotes cearenses formados na Prainha recebiam, durante todo o seu período de formação, informações acerca da religiosidade popular, senão de forma negativa. […] era comumente considerada atrasada, supersticiosa, inculta e até expressão de fanatismo, sem valor para a vida genuinamente cristã" (Costa Filho, 2004. p. 131-132)

Diante disso, materializando o afastamento que os católicos deveriam ter do mundo secularizado, o Seminário da Prainha foi erguido nas margens de Fortaleza, longe do centro urbano da cidade, de onde ecoava o brado das tendências modernas que acalentavam os corações dos jovens letrados cearenses, de onde os ultramontanos buscavam se afastar. Sobre isso propõe Costa Filho que:

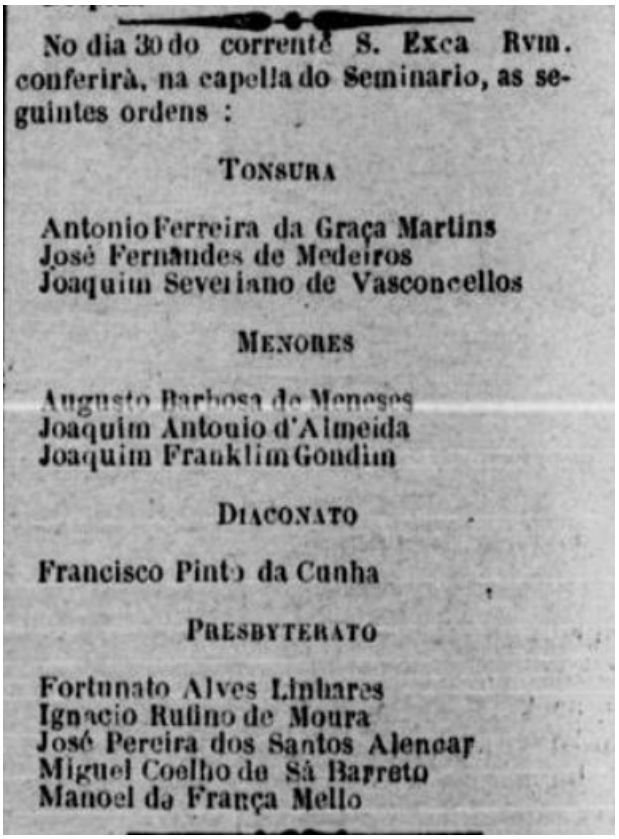
> […] mais do que um prédio assobradado que embelezava a periferia da Cidade, o Seminário (da Prainha) se colocava imponentemente como um meio de resistência da Igreja contra todo o desvirtuamento da religião e toda a força ideológica que visasse a penetrar e dominar as mentes e corações dos fortalezenses e de todos os cearenses. (Costa Filho, 2004, p. 74)

Tal afastamento do mundo secular dava-se não somente pelo distanciamento do Seminário em relação ao restante da cidade, mas também por meio dos regimentos internos da Instituição. Como expõe Costa Filho em suas pesquisas no Álbum Histórico do Seminário Episcopal do Ceará, as saídas não autorizadas do prédio eram passíveis de expulsão; trocas de cartas entre os seminaristas e pessoas de fora do Seminário passavam pela leitura prévia, assim como o controle sobre a entrada de jornais, revistas e livros, principalmente por parte dos seminaristas. Sobre isso, pontua Costa Filho:

> […] havia intenso controle sobre o direito de locomoção e a comunicação dos estudantes de qualquer um dos cursos. Tudo isso reforçava o ensino, a obediência e o respeito, sentimentos que, futuramente, o candidato que se formasse teria que dedicar aos seus superiores. Assim, tudo servia para o aprendizado do seminarista. (Costa Filho, 2004. p. 76)

Todo esse contexto – edificado por Dom Luís e Padre Chevalier e que foi continuado por Dom Joaquim José e Padre Júlio Simon, onde "o seminarista deveria não só ter cuidado com suas expressões gestuais ou orais, mas sobre o que poderia pensar e escrever" (Costa Filho, 2004. p. 77) – foi vivenciado, por Joaquim Antônio de Almeida (D. Joaquim) que havia adentrado o Seminário da Prainha como seminarista no ano de 1889 e seguiu na instituição, conseguindo, em 1891, receber a tonsura clerical, e em 30 de novembro de 1892 as ordens menores, como podemos ver no jornal cearense *A República,* que noticiou os nomes daqueles que seriam ordenados dentro de alguns dias:

> No dia 30 do corrente S. Exca. Rvm. Conferirá, na capela do Seminário, as seguintes ordens:
>
> […] Menores
>
> Augusto Barbosa de Meneses
>
> Joaquim Antonio d'Almeida
>
> Joaquim Franklim Gondim […] (A REPÚBLICA, 1892. p.2)



No dia 30 do corrente S. Exca Rvm. conferirà, na capella do Seminario, as seguintes ordens :

TONSURA

Antonio Ferreira da Graça Martins
José Fernandes de Medeiros
Joaquim Severiano de Vasconcellos

MENORES

Augusto Barbosa de Menezes
Joaquim Antonio d'Almeida
Joaquim Franklim Gondim

DIACONATO

Francisco Pinto da Cunha

PRESBYTERATO

Fortunato Alves Linhares
Ignacio Rufino de Moura
José Pereira dos Santos Alencar
Miguel Coelho de Sá Barreto
Manoel da França Mello

A República. Fortaleza. 28 nov 1892. n° 185. Ano I.[22]

Passadas as avaliações de caráter mais geral, que, segundo Costa Filho, ocorriam três vezes ao ano, uma no início do ano letivo, a fim de recordar o conteúdo anterior, uma no meio do ano e uma ao final, o seminarista passava por um teste sobre temas mais específicos antes da ordenação. Caso viesse a aprovação, logo formava-se em Teologia. A ordenação maior, como presbítero, que dava o direito de exercer as funções de padre, só seria concedida, caso o seminarista fosse aprovado também quanto ao comportamento, a índole dentro do seminário, a piedade e a aplicação às atividades ritualísticas, confessionais e sacramentais, também, eram avaliadas. Esse rigor quanto às

[22] Imagem retirada do acervo da Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional, para melhor ilustração do texto ao leitor.

ordenações veio por imposição do Papa Pio IX, a fim de que, somente os que realmente merecessem as ordens clericais, as recebessem (Costa Filho, 2004, p. 94)[23].

De acordo com os apontamentos de Costa Filho, extraídos do *Livro de Matrículas do Seminário Provincial de Fortaleza* e do *Álbum Histórico do Seminário Episcopal do Ceará*, entre os anos de 1864 e 1914, foram matriculados no Seminário cerca de 1406 alunos – vindos tanto do interior cearense, quanto de outras províncias, como: Pernambuco, Piauí[24] e Paraíba –, no entanto, até 1914, apenas 11% haviam saído ordenados, o que gira em torno de 154 seminaristas (Costa Filho, 2004, p. 118 – 128)[25]. Pelas palavras do autor, tem-se que:

> […] muitos deles simplesmente não voltavam mais depois das férias, uns eram mandados de volta aos seus pais por serem indisciplinados e outros, como referido há pouco, terminavam os preparatórios e iam para as faculdades de Direito ou de Medicina. (Costa Filho, 2004. p. 125)

No ano de 1889, ano de ingresso de Joaquim Antônio de Almeida como seminarista no Seminário da Prainha, outros 26 jovens compunham o quadro de matriculados, no entanto, em novembro 1894[26], período de sua ordenação, somente três

[23]Não deve ser esquecido o caráter ultramontano de Pio IX, fazendo com que ele julgasse necessária a reforma na formação do novo clero durante o século XIX.

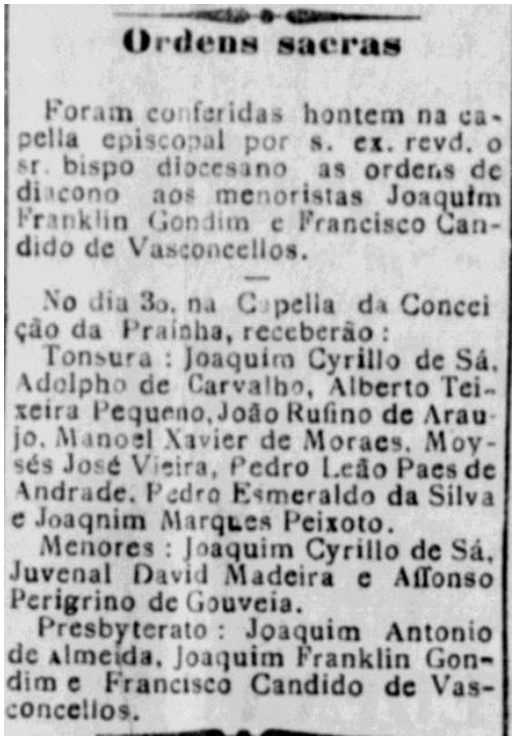
[24] Como apresenta o *Livro de Matrículas dos ordenados menores*, esse foi o caso do piauiense Monsenhor Raimundo Gil da Silva Brito, matriculado no Seminário da Prainha no ano de 1879, levando consigo as cartas demissórias (carta com recomendação de um diocesano a um bispo para dar-lhe as ordens sacras) redigidas pelo cônego Raimundo da Purificação dos Santos Lemos. Recebeu em agosto de 1879 a primeira tonsura e as quatro ordens menores diretamente pelas mãos de D. Luís Antônio, então bispo do Ceará, na capela de Nossa Senhora da Conceição, local onde também recebeu o presbiterato em 7 de novembro de 1880. O *Livro de Matrículas dos ordenados menores* também a matrícula dos piauienses Apollônio Quintino de Moraes Rego (no ano de 1873) e Acylino Baptista Portella Ferreira (1876) naturais da freguesia de Oeiras; Augusto Francisco Nogueira (1876) natural de N. S. do Livramento de Parnaguá; Fábio José da Costa (1884) natural de Santo Antônio; e Elyseo César Cavalcante (1876) natural de Corrente, que mais tarde viria a ser um dos sacerdotes curadores das freguesias sulistas do Estado do Piauí, juntamente ao Padre Antônio Marques dos Reis, responsáveis pelas freguesias de Floriano, Jerumenha, Bom Jesus, Paranaguá, Corrente, Santa Filomena e suas capelas filiais.

[25] De acordo com o pesquisador, essa causa se dava tanto pela extrema rigorosidade no regimento e na vigilância do Seminário, quanto pelo fato de que o Seminário da Prainha por tempos passou a ser a única instituição de cunho secundarista e superior da região cearense, devido a isso muitos alunos, principalmente aqueles que saiam de famílias abastadas, matriculavam-se objetivando cumprir o curso de Preparatório (educação secundária) para depois se destinarem a outras carreiras no Brasil ou na Europa, tais como medicina (sendo 28% dos casos analisados pelo autor), direito (14%), comércio (13%), exército (8%), repartições públicas (8%), farmacêutica (6%) e o magistério (5%), além daqueles que optavam pela vida política. Ver em: COSTA FILHO, 2004. p 119 – 124.

[26]Alguns autores como Antônio Fonseca Neto e Apolônio Nóbrega colocam como data de ordenação de Dom Joaquim Antônio o dia 2 de dezembro de 1894, no entanto nos apegamos à datação posta em fonte hemerográfica, no jornal cearense *A República,* que noticia o episódio como ocorrido no dia 30 de novembro. Buscamos no jornal citado, em edições posteriores alguma menção ao fato, se o mesmo teria ocorrido no dia 02 de dezembro, como havia sido apontado na bibliografia, mas não foi encontrado.

conquistaram as ordens maiores (Costa Filho, 2004. p. 128), como podemos ver no artigo que saiu no jornal *A República* no referido ano, com os nomes dos seminaristas que concluíram sua formação e alcançaram o presbiterato:

> No dia 30 na Capela da Conceição da Prainha, receberão:
>
> […] Presbiterato: Joaquim Antônio de Almeida; Joaquim Franklin Gondim e Francisco Cândido de Vasconcellos." (*A República*, 1894. p. 2)



Ordens sacras

Foram conferidas hontem na capella episcopal por s. ex. revd. o sr. bispo diocesano as ordens de diacono aos menoristas Joaquim Franklin Gondim e Francisco Candido de Vasconcellos.

—

No dia 30, na Capella da Conceição da Prainha, receberão:

Tonsura: Joaquim Cyrillo de Sá, Adolpho de Carvalho, Alberto Teixeira Pequeno, João Rufino de Araujo, Manoel Xavier de Moraes, Moysés José Vieira, Pedro Leão Paes de Andrade, Pedro Esmeraldo da Silva e Joaqnim Marques Peixoto.

Menores: Joaquim Cyrillo de Sá, Juvenal David Madeira e Affonso Perigrino de Gouveia.

Presbyterato: Joaquim Antonio de Almeida, Joaquim Franklin Gondim e Francisco Candido de Vasconcellos.

A República. Fortaleza. 26 nov 1894. n° 269. Ano III.[27]

Cumprida sua missão no Seminário Maior de Fortaleza e ordenado aos 26 anos de idade, o padre Joaquim Antônio de Almeida finalmente volta à sua terra natal, por volta do dia 18 dezembro do mesmo ano, celebrando sua primeira missa, em Goianinha, interior do Rio Grande do Norte, na Igreja matriz de Nossa Senhora dos Prazeres, despertando acaloradas aclamações em seu retorno à cidade. Com seu retorno, o padre Joaquim Antônio reaproxima-se também do recém-sagrado bispo da Diocese paraibana, que até então também abarcava as terras do Rio Grande do Norte, Dom Adauto Aurélio de Miranda Henriques, que havia sido um de seus professores durante o breve período de permanência de Joaquim Antônio no Colégio Diocesano de Olinda. Em Pernambuco,

[27] Imagem retirada do acervo da Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional, para melhor ilustração do artigo ao leitor.

monsenhor Adauto Aurélio e monsenhor Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti[28] foram seus mais próximos preceptores, mantendo contato com o seminarista Joaquim Antônio, em quem reconheceram potencialidades sacerdotais. Quando Joaquim Antônio retornou do seminário ordenado sacerdote, foi convidado por D. Adauto Aurélio, para servir junto a ele na Diocese da Paraíba.

2.2 As influências de D. Adauto Aurélio de Miranda Henriques

Em um cenário de "estadualização"[29] do poder eclesiástico, diante da perda de privilégios com a implantação do novo regime de governo no Brasil a partir de 1889, D. Adauto Aurélio fez-se figura influente nos sertões nordestinos. De acordo com o pesquisador Sérgio Miceli, após a laicização do Estado brasileiro a Igreja católica no Brasil teve que lidar com dois grupos cujas demandas por vezes se mostraram contraditórias, de um lado o Vaticano, que impunha um caráter romanizado ao seu clero, do outro, as oligarquias e lideranças políticas que limitavam a atuação da Igreja sobre os espaços seculares (MICELI, 2009. p. 31).

O período do bispado de Dom Adauto Aurélio foi tido como a gestão mais duradoura da Primeira República, característica possibilitada, em grande parte, pela proximidade e ligação de Dom Adauto com as oligarquias de sua região. Segundo Miceli no cenário pós-Proclamação da República no Brasil, foi necessário – nos estados considerados de menor visibilidade econômica e demográfica – manter as boas relações e a mutualidade entre o episcopado e os chefes políticos locais, a fim de que fosse possibilitada a atuação clerical com a garantia do apoio institucional e financeiro aos interesses eclesiásticos, como o ocorrido na Paraíba durante o bispado de Dom Adauto (MICELI, 2009. p. 66 – 67). Parafraseando as palavras de Miceli:

---

[28] Mais conhecido como Cardeal Arcoverde, foi o primeiro sacerdote a ser elevado ao título de cardeal na América Latina. Aos 13 anos adentrou no Seminário Menor de Cajazeiras na Paraíba. Aos 16 seguiu para Roma, onde cursou Ciências e Letras, Filosofia e Teologia, concluindo sua formação no Pontifício Colégio Pio Latino Americano, sendo ordenado em 1874, ainda em Roma. Após retornar ao Brasil, foi convidado por Dom Vital, então bispo de Olinda, para estruturar o Seminário pernambucano, onde foi professor de filosofia e reitor. Posteriormente foi sagrado aos bispados de Goiás, São Paulo e à Arquidiocese do Rio de Janeiro. Ver mais em: https://arquisp.org.br/historia/dos-bispos-e-arcebispos/bispos-diocesanos/dom-joaquim-arcoverde-de-albuquerque-cavalcanti

[29] Para o pesquisador Sérgio Miceli, com a perda do status de oficialidade religiosa e consequentemente a destituição dos privilégios inerentes ao seu caráter de braço da administração pública do Estado, a Igreja Católica defronta-se ao novo regime republicano com a expansão de suas ramificações diocesanas, buscando abarcar todos os estados brasileiros com pelo menos uma diocese, a fim de fortalecer o alcance pela expansão de seu sistema interno, criando uma rede de episcopados, sendo criadas entre 1890 e 1930 cerca de 56 novas dioceses. Tal processo foi categorizado por Miceli como "estadualização" do poder eclesiástico. (MICELI, Sérgio. A elite eclesiástica brasileira: 1890-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 58 – 75)

> A esfera de influência de d. Adauto de Miranda Henriques, ocupante da sede episcopal da Paraíba durante 41 anos [...] extravasou as fronteiras do estado, estendendo-se a todo o Norte-Nordeste, tendo logrado indicar seus auxiliares de confiança para Piauí, Sergipe, Pernambuco, Bahia e Amazonas.
>
> […] D. Adauto se valeu das relações com os círculos oligárquicos para carrear recursos, subsídios e favores em prol da organização eclesiástica […]. (Miceli, 2009. p. 65 – 73)

Adauto Aurélio de Miranda Henriques foi mais um dos que saíram do berço de famílias abastadas do interior nordestino para compor a elite eclesiástica brasileira. Considerando as origens sociais dos bispos da então chamada República Velha, tem-se um considerável grupo "recrutado" de famílias remanescentes da aristocracia imperial, geralmente, ligadas à posse de terras e antigos engenhos, que garantiam capital financeiro e social suficientes para viabilizar o ingresso e permanência de representantes das mesmas na cúpula da hierarquia da Igreja no Brasil (Miceli, 2009. p. 80 – 81). No caso de Dom Adauto Aurélio, natural de Areia, interior da Paraíba, era filho dos donos do Engenho do Buraco e do Engenho do Fundão, coronel Idelfonsiano Clímaco Clodoveu de Miranda Henriques e de Laurinda Esmeralda de Sá e Mello. Parafraseando o cônego Francisco Lima, sacerdote que conviveu por muito tempo com Dom Adauto e tornou-se biógrafo do referido bispo "[…] foi filho, neto e bisneto de senhores de engenho" (Lima, 2007. p. 65), o que favoreceu o contato entre Adauto e o mundo letrado, restrito a poucos, no século XIX, e ao convívio com outras figuras da elite local, tornando-se amigo de infância das principais lideranças políticas da oligarquia *alvarista*[30], egressos de uma família ligada à posse de terras e responsável pela criação do Partido Republicano da Paraíba (PRP), possibilitando com que Adauto Aurélio, quando empossado bispo da região, encontrasse permissibilidade política para suas

[30] A partir de 1891, com a troca na presidência da república do mandato de Deodoro da Fonseca por Floriano Peixoto, desencadeando reajustes políticos em alguns estados devido à rede de poder que se formava no final do século XIX, levando às características próprias do eleitorado brasileiro durante a República oligárquica, ascendeu na política paraibana a oligarquia *alvarista,* que teve como principais nomes o major Álvaro Machado – que chegou ao governo do Estado da Paraíba entre os anos de 1892 a 1896 e de 1904 a 1908 – e o padre Walfredo Leal – vice de Álvaro Machado na presidência do Estado, governador e senador. A oligarquia *alvarista* permaneceu vigorosa no poder por volta de vinte anos, entrando em declínio com a morte de Álvaro Machado em 1912. Ver mais em: MARQUES, Edilson de Souza. *Das cartas pastorais*: a atuação intelectual de Dom Adauto Henriques na Primeira República (1900 – 1909). Monografia (Especialização em História local, Sociedade, Educação e Cultura) – Universidade Estadual da Paraíba, 2020.

ordenanças clericais. De acordo com o historiador Roberto Barros Dias, Dom Adauto Aurélio:

> Foi alfabetizado até oito anos de idade, por sua mãe, quando passou a frequentar a escola primária de Areia, tendo como colegas de sala Álvaro Machado e João Machado, futuros presidentes da Província da Paraíba, e Walfredo Leal, que se tornou monsenhor e vice-presidente da Província. (Dias, 2008. p. 98)

Com o apoio financeiro da família, tendo sua formação provida principalmente por seu tio – o coronel e proprietário do antigo engenho Cafundó, Joaquim Salustiano Pereira de Melo – Adauto Aurélio parte em abril de 1875 para o Seminário de São Suplício em Issy (Paris), no mesmo ambiente de formação onde esteve Dom Vital – seu padrinho de crisma – iniciando seus estudos eclesiásticos – depois de uma rápida passagem pelo Seminário de Olinda, em Pernambuco, no mesmo ano – onde graduou-se em Filosofia, após dois anos. Em companhia de seu amigo de infância Walfredo Leal, seguiu para Roma, onde, em maio de 1877, ingressou no Colégio Pio Latino Americano, realizando os estudos teológicos até 1881, quando conseguiu alcançar a ordenação, em seguida obteve, em janeiro de 1882, o título de doutor em Direito Canônico pela Universidade Gregoriana de Roma (Lima, 2007. p. 70).

Como resposta à expansão dos interesses em formarem igrejas nacionais na América Latina, após os processos de independência, ou pela manutenção dos direitos de padroado nas antigas colônias ibéricas, o Papa Pio IX fundou o Colégio Pio Latino Americano, que abriu suas portas em novembro de 1858. Como pontuado pelo historiador Javier Solans, da Universidade de Zaragoza, os alunos que compunham o quadro de estudantes do Colégio Pio Latino Americano – e posteriormente formavam-se na Europa, concluindo seus estudos principalmente na Universidade Gregoriana, como foi o caso de Dom Adauto Aurélio e do Cardeal Arcoverde – estavam destinados a compor o quadro da elite eclesiástica na América e com eles levar a romanização ao continente. Ainda segundo o autor, após a formação em seio romano, já atuando como bispos ou professores de Seminários diocesanos deveriam preocupar-se com a melhora na formação do clero local, transmitindo o que foi aprendido em Roma sobre a moral e as doutrinas católicas, além de cobrarem de seus formandos a disciplina, a espiritualidade a devoção e a fidelidade à hierarquia da Igreja, tendo importância na

formação de uma consciência ultramontana, compreendida como uma unidade cujo epicentro estaria no Papa (Solans, 2017. p. 198 – 199). Em concordância afirma Miceli:

> […] o Colégio Pio Latino Americano, fundado com a atribuição explícita de oferecer aos futuros quadros do primeiro escalão latino-americano uma formação ajustada à política recém-implantada de 'romanizar' de alto a baixo as igrejas nacionais da periferia. (Miceli, 2009. p. 131)

O Colégio Pio Latino Americano foi idealizado pela Santa Sé e surgiu com o intuito de impedir o avanço das ideias liberais que norteavam o catolicismo no século XIX, formando uma unidade dentro do clero católico na região das Américas coesa, no sentimento de pertencer a uma Igreja universal, cujo centro era emanado de Roma. Nesse objetivo, foram mandados à Europa alunos que, saindo de Seminários, como o de Mariana, São Paulo, Olinda ou da Bahia, receberiam formação dentro dos moldes ultramontanos, sendo de fundamental importância despertar nesse clero em formação, a perspectiva de que, mesmo ao retornarem a suas localidades originárias, não deixariam de fazer parte de uma Instituição universal e milenar, despertar nos seminaristas a ideia de serem membros de uma comunidade e lutarem pelo fortalecimento da mesma. Segundo Miceli:

> O ritmo intenso de estudos para a obtenção dos diplomas, a aprendizagem de, pelo menos, duas línguas estrangeiras, o perfeito domínio do latim como 'dialeto organizacional e litúrgico', os contatos frequentes com colegas latino-americanos e outras procedências 'periféricas', os estímulos e prêmios à excelência intelectual e à ortodoxia doutrinária nos princípios recém-aprovados do Vaticano I, a intimidade com as engrenagens e manhas de uma Igreja em processo acelerado de 'romanização', todas essas experiências marcaram a fundo os estudantes brasileiros, contribuindo para reforçar os sentimentos de lealdade perante as autoridades pontifícias e para desgastar os laços com o ambiente social e político de origem. (Miceli, 2009. p. 131 – 132)

Nesse cenário encontrou-se Dom Adauto Aurélio, que teve sua formação eclesiástica em Roma, adentrando o Colégio em maio de 1877 e tendo sua saída em fevereiro de 1881. Foi ordenado padre na Basílica de Nossa Senhora de Loreto,

considerado o santuário mais importante da Itália, e em janeiro de 1882 obteve o título de doutor em Direito Canônico pela Universidade Gregoriana de Roma, retornando ao Brasil em março do mesmo ano e logo foi convidado a assumir o magistério no Seminário de Olinda e no Colégio Diocesano, onde aplicou as disciplinas de Retórica, Francês e Direito Canônico (Borges, 2016. p. 28). Entre os anos de 1882 e 1893, o cônego Adauto Aurélio dedicou-se a lecionar aos seminaristas que chegavam a Olinda, logo foi convidado pelo bispo da região para a missão de Diretor Espiritual da Instituição e foi nesse meio que conviveu com o jovem secundarista Joaquim Antônio, durante o ano de 1885.

No ano de 1893 foi eleito para a missão de ocupar a primeira cadeira episcopal na nova Diocese da Paraíba e retornou a Roma para ser sagrado bispo da referida diocese, tomando posse em 4 de março do ano posterior, como foi comentado no jornal paraibano *A União* em 3 de março de 1895, em comemoração ao primeiro ano de posse de Dom Adauto:

> Aniversário da chegada de S. Exc. Revm. O Sr. Bispo, D. Adaucto
>
> […] surgiu a benéfica aurora do 4 de março de 1894, anunciando, numa doce melodia de risos o advento do 1° Bispo da Diocese paraibense, D. Adaucto Aurélio de Miranda Henriques, sublime gazofilácio de nossas eternas gratidões. (A União, 3 mar. 1895. p. 1)

O historiador Donaldo de Assis Borges pontua que, depois de sua sagração, Dom Adauto Aurélio visitou o então Papa Leão XIII, para quem o novo bispo externou sua opinião sobre as mudanças de regimes políticos que ocorriam no Brasil. Borges afirma que, segundo o cônego Francisco Lima, o diálogo deu-se em audiência com o Papa, onde Leão XIII lhe havia perguntado se achava possível uma restauração monárquica no Brasil, para o qual teria respondido:

> […] 'É inteiramente impossível S. S. Padre' […] o sustentáculo dos tronos é a nobreza de sangue, e esta nobreza não existe no Brasil, um país novo sem tradições. […] Demais, S. S. Padre, a monarquia na América é uma planta exótica. A mentalidade americana é refratária ao sistema monárquico como bem prova o caso do México: o sacrifício do imperador Maximiliano'. (Borges, 2016. p. 29)

De acordo com Borges, para seu biógrafo, cônego Francisco Lima, Dom Adauto Aurélio estava em paralelo com a percepção de Leão XIII sobre a realidade política brasileira, tanto que o então Papa concordou com o jovem bispo brasileiro. Dom Adauto Aurélio comungava do projeto de sociedade proposta pelo referido pontífice, uma sociedade católica, com a consciência cidadã despertada na luta contra o indiferentismo religioso, combatendo o ateísmo constitucional e em defesa de uma pátria que valorizasse a religião católica e combatesse os males da modernidade, tal como pregava a Santa Sé. Nas palavras de Borges: "Dom Adauto era um intelectual da Igreja formado na escola de Leão XIII, e devidamente alinhado às determinações de Roma" (Borges, 2016. p. 34), tanto que a figura do Papa foi, várias vezes, revisitada nos discursos, tanto de Dom Adauto Aurélio quanto nas falas de Dom Joaquim Antônio, mostrando concordar com o Santo Padre principalmente na imprensa no que diz respeito ao combate às modernidades.

Leão XIII, que influenciou diretamente a formação de Dom Adauto Aurélio, e por consequência impactou na construção da perspectiva política e teológica de uma geração de clérigos ligados aos bispo paraibano, foi o Papa que adotou uma política de busca pela inserção de maneira ativa da Igreja no campo sociopolítico, combatendo a ideia liberal de distanciamento entre o Estado e a religião católica, com a ideia de Constituições cristãs que regessem os governos, opondo, no Brasil, segundo o historiador Donaldo de Assis Borges, os interesses católicos aos princípios liberais durante a República Velha (Borges, 2016. p. 52). O Papa Leão XIII, já em sua primeira Encíclica em 1878, *Inscrutabili Dei consilio: sobre os males da sociedade moderna, suas causas e seus remédios*, coloca a modernidade como a causadora da "subversão geral das verdades supremas"[31] por fazer com que o homem despreze e se afaste da Igreja e das tradições. O Papa Leão XIII, na referida encíclica, aponta para a união do clero com um corpo universal, mas que teria em Roma seu epicentro, devendo obedecer à autoridade papal, pois, somente pelo respeito à hierarquia da Igreja, poderia ser possível a reforma dos costumes públicos.

Na Encíclica *Humanum Genus*: o *gênero humano,* redigida em abril de 1884, o Papa Leão XIII, denuncia aos católicos os "perigos" por trás de ideias filosóficas e

[31] LEÃO XIII, Papa, *Carta Encíclica Inscrutabili Dei consilio:* sobre os males da sociedade moderna, suas causas e seus remédios. Vaticano, 1878. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_21041878_inscrutabili-dei-consilio.html>. Acesso em: 22, setembro, 2022.

concepções morais opostas à doutrina católica, tendo como principal foco da discussão a maçonaria. Além de apontar, segundo o pontífice, os erros cometidos, ao abraçarem as ideias maçônicas, condena os chamados "livres-pensadores", ao passo que elogia associações leigas e ordens religiosas como a Ordem Franciscana, ou Ordem Terceira de S. Francisco, e as Conferências de S. Vicente de Paulo[32]. Em sua mais conhecida Encíclica *Rerum Novarum*: *sobre a condição dos operários*, que circulou entre os bispos a partir de 1891, Leão XIII pontua a importância da atuação social da Igreja, sua contribuição para com a sociedade na manutenção da ordem e da concórdia, ao tempo que refrata ideias como o socialismo, o liberalismo político e econômico, e a corrupção dos costumes do século XIX, entre outros pontos[33].

A *Litteras a vobis,* encíclica redigida em julho de 1894 por Leão XIII, foi destinada diretamente ao clero brasileiro, na qual o Papa destacou a importância da criação de novas dioceses, como forma de evitar o enfraquecimento do catolicismo no Brasil, após as mudanças político-sociais, pelas quais o país estava passando no fim do século XIX. O pontífice pontua ainda, algumas estratégias que poderiam conter "a expansão dos males que se espalham por todos os lados", e aumentar a fé e piedade católicas na população. Para ele, estratégias como: uma formação do clero centrada do fortalecimento do conhecimento doutrinário "[…] pois é da boca do sacerdote que os fiéis devem aprender a lei: ele é o anjo do Senhor.", para isso a necessidade em construir novos Seminários e o cuidado com os professores que nele lecionam, a fim de que "o jovem clero se imbua do verdadeiro espírito da Igreja e cultive a virtude. Nessa encíclica, podemos perceber que o Papa Leão XIII orientou-se no sentido de, não apenas combater a modernidade, mas adaptar-se a ela, quando diz, por exemplo que "[…] a liberdade de educação que agora prevalece em seu país lhe dá maior facilidade para fazer o que recomendamos em relação ao arranjo de estudos."[34]

Dom Adauto Aurélio iniciou seu governo episcopal na Paraíba – em março de 1894 – recebendo, não de maneira proposital, mas curiosa, juntamente com os outros

[32] LEÃO XIII, Papa. *Carta Encíclica Rerum Novarum:* Sobre a condição dos operários.Vaticano, 1891. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_18840420_humanum-genus.html>. Acesso em: 26, setembro, 2022.
[33]LEÃO XIII, Papa. *Carta Encíclica Rerum Novarum:* Sobre a condição dos operários.Vaticano, 1891. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15051891_rerum-novarum.html>. Acesso em: 27, setembro, 2022.
[34]LEÃO XIII, Papa. *Litteras a vobis*. Vaticano, 1894. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/leo-xiii/en/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_02071894_litteras-a-vobis.html>. Acesso em: 27, setembro, 2022.

bispos brasileiros, as palavras de Leão XIII na *Litteras a vobis* (1894), e buscou pôr em prática as ordenanças do Santo Padre em seu episcopado. Ficou à frente da Diocese, que abarcava também o prelado norte riograndense, até o ano de 1935, onde aliou-se ao poder das elites locais, a fim de empreender seu projeto de sociedade. Em seus escritos, tanto em cartas pastorais quanto na imprensa, teceu várias críticas à democracia liberal e ao republicanismo, já que trariam à sociedade a instituição de constituições ateias. Para Dom Adauto, a democracia "necessitaria mais da religião do que outros sistemas políticos, justamente pelo fato de que, nela, o abuso da liberdade, poderia ocorrer mais facilmente"[35]. Essas ideias, derivadas das leituras de intelectuais contrarrevolucionários como o Visconde de Bonald[36] e Maistre[37], favoreciam a defesa pela construção de uma consciência cidadã na cristandade, sendo necessária a atuação dos fiéis, combatendo o que o bispo chamava de males da modernidade e o catolicismo popular, para restaurar o status da Igreja perante a sociedade, perdido entre os séculos XVIII e XIX (Marques, 2020. p. 18)

O novo bispo buscou implementar durante seu período de governo episcopal uma série de medidas que retoma os ordenamentos ultramontanos, aliada às ideias do Papa Leão XIII. Segundo Borges, Dom Adauto Aurélio argumentava que somente a

[35]AEAP. HENRIQUES, Adauto Aurélio de Miranda. *O segredo de nossa felicidade:* Carta pastoral de D. Adauto Aurélio de Miranda Henriques, arcebispo do metropolitano da Paraíba – Paraíba: Typographia da Imprensa, 1922. p. 25 – 26. Em: BORGES, Donaldo de Assis. *A oposição da Igreja Católica à ordem jurídica republicana:* o pensamento teológico-político de D. Adauto Aurélio de Miranda Henriques (1894-1935). Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista, Franca. 2016, p. 31.

[36] O pensador e político francês, Louis Gabriel Ambroise, Visconde de Bonald (1754-1830) desenvolveu a chamada "sociologia da ordem", onde tinha como base a necessidade da crença cristã presente na formação das sociedadess humanas, sendo o homem incapaz de governar a si próprio, sem a presença religiosa. Crítico ferrenho da Revolução Francesa, desenvolveu escritos de teor conservador, monárquico e teocrático, e se preocupou com perda do monopólio religioso em meio social e político. Além disso, Bonald, transcorria com pessimismo sobre o avanço da modernidade, afirmando ser a sociedade moderna fadada ao fracasso e a desordem. Segundo Marques, essas ideias estão presentes no discursos de Dom Adauto, como,, por exemplo, no que pode ser lido da Carta Pastoral *Deus e Pátria* de 1909: "é preciso saber que o fanatismo se origina justamente da falta de instrução religiosa e é preciso conhecer também o que chegaria a ser o mundo social sem a Religião. Dizemos, pois, servindo-os das palavras de um ilustre escritor: « A Religião é a vida de um corpo político, este não tem outra alternativa: ou conserva-se com ela, ou dissolver-se sem ela.» (CARTA PASTORAL, 1905. p. 16)" (MARQUES, 2020. p. 19-23)

[37] O Conde Joseph-Marie de Maistre (1753-1821) foi um escritor francês contrarrevolucionário, que, segundo Marques, também influenciou na formação do pensamento político-teológico de Dom Adauto Aurélio. Como ideia principal Maistre defendia a teoria do "providencialismo histórico" onde a intervenção da divindade influenciava nos processos históricos, dai a necessidade de união entre o Estado para com o Sagrado e a importância de seus intercessores "[…] a ideia de defesa do primado da sociedade orgânica proposta por Maistre, que justificava a necessidade da autoridade de um poder unificador: o Rei, na sociedade política, e o Papa, na sociedade religiosa, foi ressignificada para o contexto republicano brasileiro, para defender a importância da religião católica e sua função social." Na carta pastoral *Deus e Pátria*, Dom Adauto buscou reforçar a união com o Papa, representante de Deus na Terra, gerando a orientação necessária para as autoridades e governantes sobre a melhor forma de manter o ordenamento social. (MARQUES, 2020. p. 19-20)

presença de Deus na política traria bons resultados para a sociedade, afastando o ateísmo da República, além de externar um claro combate à modernidade e aos chamados "vícios modernos", atacando a maçonaria, o racionalismo e o liberalismo, interpretando as referidas ideias como "falsas concepções de liberdade" e de que "o mundo moral estava se desmoronando e somente seria possível reconstitui-lo por meio dos princípios e valores da religião católica" (Borges, 2016. p. 53).

Além disso, de acordo com o pesquisador Pedro A. Ribeiro de Oliveira, teria sido redigido em meados de 1890 por Dom Macedo Costa, líder do bispado brasileiro na época, um documento intitulado *Pontos de reforma na Igreja do Brasil* em que foram discutidas entre os líderes episcopais do período propostas a serem postas em prática, levando em consideração o novo panorama político o qual o Brasil estava atravessando. Nesse documento, notam-se propostas para o projeto de catolicismo que deveria vigorar no clero brasileiro no alvorecer do período republicano, tais quais: a uniformização da ação dos bispos, como um corpo único, por meio de conferências episcopais; a necessidade em reformar o clero, buscando resolver os casos de indisciplinas eclesiásticas, negligências aos cultos, mais rigor na vigilância com o clero, além de que deveriam cobrar dos padres a ampliação em seu campo de atividades pastorais como, por exemplo: a difusão dos periódicos católicos; a construção de seminários e a busca pela formação romanizada do novo clero; trazer da Europa congregações religiosas para dirigir a formação nas escolas e seminários; retomar o controle sobre as irmandades e confrarias; dentre outros pontos que foram postos em prática pelo episcopado nos anos seguintes (Oliveira, 1985. p. 279-282).

Tais medidas e iniciativas institucionais e do próprio indivíduo, implementadas não só por Dom Adauto Aurélio, mas por uma geração episcopal que estava aprendendo a lidar com o republicanismo, no intuito de se aliarem em uma sintonia quase que corporativa se manifestou desde a sofisticação no estilo de trabalho – como um uso recorrente das vestimentas e demais insígnias que mostrava que o poder episcopal – até a montagem de seu séquito, buscando auxiliares de confiança e que comungavam com suas perspectivas, exteriorizando os resquícios absolutistas da Instituição (Miceli, 2009. p. 145-146). Buscando cercar-se de figuras que se assemelhassem à proposta de catolicismo de Dom Adauto Aurélio, o novo bispo convidou para servir, em sua Diocese, poucos dias após sua primeira missa na Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres, padroeira de sua terra natal, o Padre Joaquim Antônio de Almeida, ordenado no

Seminário de Fortaleza no ano de 1894, mas que anteriormente conviveu com Dom Adauto Aurélio no Colégio Diocesano de Olinda.

A partir de seu primeiro ano de bispado, Dom Adauto Aurélio, em consonância com as estratégias que vinham sendo aplicadas pelos demais bispos ultramontanos[38] no Brasil, tratou de erguer uma instituição para a formação de clérigos na Paraíba, erigindo o Seminário Episcopal Nossa Senhora da Conceição; e institutos de ensino destinados à educação da juventude paraibana, criando quatro colégios diocesanos (dois masculinos e dois femininos, em João Pessoa e em Natal), um colégio para meninos pobres e dois para meninas pobres na Paraíba e a reestruturação de um colégio masculino em Cajazeiras. Tendo à sua disposição, ligações de proximidade com as oligarquias políticas e econômicas paraibanas, Dom Adauto Aurélio construiu uma significativa rede de ensino tornando-se uma figura importante na educação da região, fazendo frente à Constituição republicana que determinava a laicidade do ensino na rede pública de educação (Cavalcante Neto, 2014. p. 10). Inclinado à perspectiva do Papa Leão XVIII de que a educação religiosa teria força para reconstituir uma constituição católica, Dom Adauto afirmava que o magistério tinha o dever de ensinar o fiel, orientar e estimular a participação dos fiéis na política (Borges, 2016. p. 53).

Após a criação do Seminário em 1894, Dom Adauto Aurélio delegou ao jovem padre Joaquim Antônio de Almeida as funções de professor dos seminaristas, que passou a lecionar Geografia; Corografia; Francês; Escritura; Liturgia; Eloquência Sagrada; Teologia Moral e Canto Gregoriano, além da missão de ser Diretor Espiritual do Seminário, entre os anos de 1895 e 1897. Segundo Miceli, por pertencer às elites rurais, Dom Adauto selecionava para integrar seus quadros eclesiásticos figuras que detinham tal semelhança – representatividade econômica, política ou ligação a elites locais – como foi o caso do jovem padre Joaquim Antônio de Almeida, que, além de se destacar no Colégio Diocesano em Olinda, de acordo com Fagundes, por seu desempenho acadêmico, ainda demonstrava vocação ao mundo eclesiástico. Dom Adauto Aurélio se valeu das relações de seus selecionados com elites locais, a fim de fortalecer sua malha de atuação episcopal.

[38] De acordo com o historiador Faustino Teatino Cavalcante Neto, o clero ultramontano via na educação um ponto estratégico, utilizado para formar uma elite intelectual católica, capaz de atuar diretamente no campo da política, onde a laicidade se expandia, e garantindo a continuidade dos princípios católicos na sociedade. Ver mais em: CAVALCANTE NETO, Faustino Teatino. *A Igreja Católica na Paraíba republicana:* romanização e "males" a serem combatidos. Revista Paraibana de História, ano I, n. 1, 2° semestre de 2014. p. 8-19.

Tamanho era o crédito depositado no jovem padre Joaquim Antônio de Almeida por Dom Adauto, que o então bispo da Paraíba o convocou para mais uma ação missionária a serviço da Diocese, ao fim de 1895: integrar a comitiva episcopal em uma exaustiva visita pastoral[39], que durou aproximadamente dois meses, empreendida no início do período de governança episcopal de Dom Adauto pelos sertões de seu prelado, como podemos ver sendo noticiado no jornal paraibano *A União*, que passou a ecoar a viagem, a partir de janeiro de 1896:

> Visita Pastoral de S. Exc. Revdm. o Sr. D. Adauto Aurélio de Miranda Henriques, Bispo da Parnaíba.
>
> […] o Sr. Bispo D. Adauto, decreta na plenitude de suas graças a efetuação de sua frutuosa visita pastoral a uma parcela muito amada do grande pascigo de 800.000 almas, confiadas à sua paterna custódia.
>
> […] Às 2 horas da tarde do dia 12 de novembro […] Sr. Exc Revdm. partiu de sua residência episcopal, se encaminhando ao majestoso templo da Sé do Bispado, d'onde após comovente oração na capelinha do Santíssimo Sacramento e do altar-mor de Nossa Senhora das Neves se dirigiu ao porto da Capital.
>
> […] com seus zelosos e incansáveis colaboradores, o ilustrado vigário de Nossa Senhora das Neves, P. Fernando Lopes e Silva, o virtuoso diretor espiritual do Seminário Episcopal, P. Joaquim Antônio de Almeida […] (A UNIÃO, 17 jan 1896. p. 2)

A primeira visita pastoral de D. Adauto Aurélio, que visitou cerca de 9 freguesias do bispado, ocasião em que administrou comunhões e crismas, além da celebração de casamentos comunitários, confissões e batizados aos paroquianos, foi também a primeira viagem em visita pastoral do padre Joaquim Antônio. Levado como parte da comitiva, o então diretor espiritual do Seminário paraibano passou até mesmo pela freguesia de Goianinha, sua terra natal. O bispo empreendeu no ano de 1896 mais duas visitas pastorais, a fim de contemplar as demais freguesias que compunham seu rebanho episcopal, o que foi reproduzido por Joaquim Antônio, quando chegado à Diocese do Piauí, tratando de visitar as freguesias piauienses ainda no primeiro ano de seu bispado.

[39]Incursão clerical católica a regiões de difícil acesso praticando a catequese e oferecendo os sacramentos aos que não podiam frequentar as igrejas com constância. As visitas pastorais também serviam para que o bispo cumprisse o papel de vigilante dos párocos e dos leigos. Ver: REDUSINO, 2019.

O padre Joaquim Antônio, juntamente ao pároco Fernando Lopes da Silva, acompanhou a trajetória de Dom Adauto Aurélio em sua primeira visita pastoral como bispo dos paraibanos e norte riograndenses, saindo das terras de Natal partindo rumo a Ceará-Mirim, São Gonçalo do Amarante, Macaíba, São José de Mipibu, Goianinha (Cidade natal de Joaquim), Canguaretama, Bananeiras. Recebidos com festas, homenagens e honrarias dos paroquianos, iam deixando pela região um lastro sacramentário. A população alegrava-se com a chegada da comitiva do bispo, os párocos adornavam as matrizes das cidades, a fim de causar boas impressões a Dom Adauto. Para Miceli, essas árduas visitas pastorais realizadas, por vezes, de maneira penosa pelos clérigos devido às longas distâncias ou as altas temperaturas em deficitárias redes de transporte, eram a oportunidade de fiscalizar e questionar os padres e vigários a respeito do cumprimento de seus serviços dentro dos parâmetros romanizados, assim como eram operações de arrecadação não só financeira – com a coleta dos donativos e recursos deixados pelas famílias mais abastada da região – mas também no acúmulo administrativo com a distribuição dos sacramentos e a realização das uniões matrimoniais, sendo contabilizados e divulgados na imprensa, a fim de acumular nos indicadores de produtividade material e espiritual (Miceli, 2009. p. 147). Sobre as Visitas Pastorais, comenta Castelo Branco:

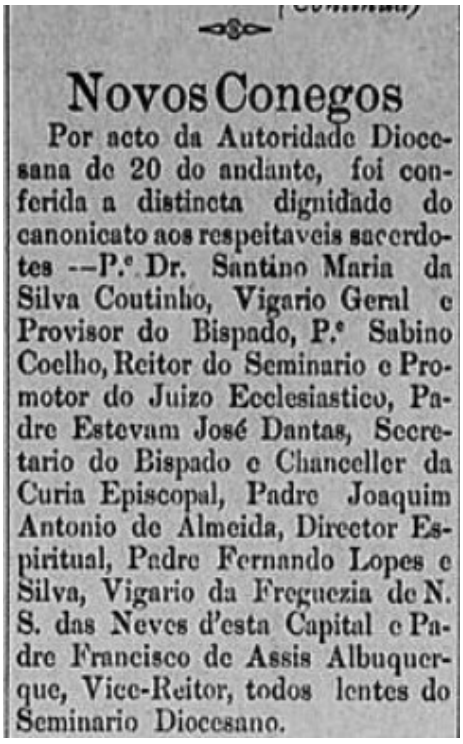
> As condições materiais do Brasil, no século XIX, particularmente no que diz respeito à infraestrutura de transporte e comunicação, obrigavam os Bispos a percorrerem longas distâncias em embarcações fluviais, mas principalmente se deslocando em exaustivas e demoradas jornadas a cavalo. (Castelo Branco, 2020. p. 247)

Retornando às terras paraibanas, depois do intenso labor na visita pastoral, quando acompanhou Dom Adauto Aurélio, padre Joaquim Antônio recebeu da Diocese, em meados de 20 agosto de 1896 o título de cônego[40] honorário do cabido da catedral paraibana, pelo zelo ao magistério e ao ministério sacerdotal, como noticiado no jornal *A União* em 22 de agosto de 1896:

> Novos Cônegos

[40] O cônego, dentro da hierarquia católica, também é um presbítero, porém vive sob a regra de realizar as funções litúrgicas mais solenes na igreja catedral. O conjunto de cônegos forma o Cabido, ou seja, o colégio reunido sob uma mesma cabeça, um chefe ou superior. Historicamente, a função do cabido de cônegos é a de assegurar o serviço religioso da catedral, colegiado ou igreja a que pertence.

> Por ato da Autoridade Diocesana de 20 do andante, foi conferida a distinta dignidade do canonicato aos respeitáveis sacerdotes – […] Padre Joaquim Antônio de Almeida, Diretor Espiritual, Padre Fernando Lopes e Silva, Vigário da freguesia de N. S. das Neves desta capital […] todos lentes do Seminário Diocesano.
>
> […] reconhecimento pela espontânea coadjuvação que lhe tem prestado tão distintos sacerdotes […] por parte do nosso venerado prelado e o laurel exuberante do mérito a que fizeram jus os novos neo-eleitos cônegos honorários da Sé Episcopal da Diocese paraibense (A UNIÃO, 1896. p. 2)



Novos Conegos

Por acto da Autoridade Diocesana de 20 do andante, foi conferida a distincta dignidade do canonicato aos respeitaveis sacerdotes --P.e Dr. Santino Maria da Silva Coutinho, Vigario Geral e Provisor do Bispado, P.e Sabino Coelho, Reitor do Seminario e Promotor do Juizo Ecclesiastico, Padre Estevam José Dantas, Secretario do Bispado e Chanceller da Curia Episcopal, Padre Joaquim Antonio de Almeida, Director Espiritual, Padre Fernando Lopes e Silva, Vigario da Freguezia de N. S. das Neves d'esta Capital e Padre Francisco de Assis Albuquerque, Vice-Reitor, todos lentes do Seminario Diocesano.

A União. João Pessoa. 22 ago. 1896. n° 883. Ano IV. p. 2.

Cônego Joaquim Antônio logo foi convidado pela Diocese para substituir, após o pedido de exoneração do Cônego Dr. Sabino Coelho, o reitor do Seminário paraibano, e Cônego Fernando Lopes o substituiu como diretor espiritual na instituição, no ano de 1898, onde permaneceu até sua sagração em 1906, como foi noticiado em 21 de novembro de 1897, no jornal *A Imprensa*, periódico católico criado por Dom Adauto Aurélio que será explorado mais à frente:

> A subida proficiência de que tem dado o mais inequívoco testemunho na Direção espiritual do Episcopal Seminário; os sobejos dotes de seu

> espírito, decorado das inestimáveis qualidades, com que se tem imposto a admiração de todos, o elegeram para o árduo e difícil munus de Reitor do Seminário e Colégio Diocesano, uma vez que S. Exc. Revdma. o Sr. Bispo Diocesano aqueceu aos reiterados pedidos de exoneração do Revd. Cônego Sabino Coelho. (A IMPRENSA, nov. 1897. p. 2)

Já na abertura do Seminário, no ano de 1898, seu primeiro ano como reitor, o cônego Joaquim Antônio, juntamente com Fernando Lopes, convocou os seminaristas para vivenciarem um retiro espiritual de três dias, presidindo a missa de encerramento, a fim de iniciar a formação dos alunos em contrição. Segundo seu biógrafo, Antônio Fagundes, como professor e posteriormente reitor, Joaquim Antônio conquistou a estima dos seminaristas, que regularmente o contemplavam com sucessivas manifestações de afeição, com discursos calorosos que ligavam a imagem de Joaquim ao espírito do Seminário, e explanando a importância do cônego para a formação daquela mocidade. "*Sedes santos seminaristas que sereis bons sacerdotes*" eram as palavras que constantemente Joaquim Antônio entregava aos seus seminaristas, a fim de lembrar-lhes de sua missão posterior e o caminho pelo qual eles deveriam seguir (Fagundes, 2011. p. 37-38). Na condição de reitor, cônego Joaquim Antônio, ajudou Dom Adauto a moldar um clero que geraria mais de 18 bispos.

Além de mais um dos Consultores Diocesanos, e Vigário Geral da catedral de Nossa Senhora das Neves, voltando a realizar Visitas Pastorais com o prelado da Paraíba no ano de 1904, ao cônego Joaquim Antônio, também foi confiada a missão de integrar o grupo de redatores do jornal católico *A Imprensa*[41], criado por Dom Adauto Aurélio em 1897 como um semanário, mas que logo tornou-se diário, com o objetivo de fazer do periódico um dos principais meios de divulgação do seu pensamento e de intervenção política, ajudando até mesmo na circulação de suas cartas pastorais e na propaganda dos feitos de seu governo, como o resultado das visitas pastorais. Identificado em seu subtítulo como "Orgam Hebdomadário, noticioso e religioso", o periódico manteve-se circulando entre os anos de 1897 e 1968, e, de acordo com a

[41]Segundo Simone Bezerril Guedes Cardozo, o referido jornal encontra-se disponível no Arquivo da Cúria, no Mosteiro de São Francisco em João Pessoa, não estando disponibilizado na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. No entanto, é possível ter acesso a algumas de suas edições digitalizadas por meio do projeto "Jornais e Folhetins Literários da Paraíba no século 19", que, desde 2007, detém projetos de pesquisa financiados pelo CNPq, que, tomando como corpus os jornais paraibanos, tentam reconstituir, as categorias históricas das práticas leitura e de escrita do século XIX, na Paraíba. Disponível em: http://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/ Acesso em: 10/11/2022.

pesquisadora Simone Bezerril Guedes Cardozo, *A Imprensa* não abordou somente temáticas religiosas, mas também questões políticas e sociais, pois, caminhando sobre a perspectiva de Leão XIII, o "bom cidadão" deveria ser o "bom cristão", as duas vertentes deveriam caminhar unidas. Regressando às palavras do pesquisador Oscar de Figueiredo Lustosa, "a Imprensa, sobretudo os periódicos foram o canal privilegiado, utilizado bem ou mal pela hierarquia e pelos católicos […] para informar e formar." (Lustosa, 1983. p. 8).

Oscar de Figueiredo pontua que, a partir dos anos de 1870, viu-se no Brasil a expansão massiva na circulação do periodismo católico, comungando com as premissas romanas de incentivo ao uso do jornalismo pelos católicos, objetivando ampliar o alcance das ideias religiosas. O jornal ia até onde, por vezes, o bispo não conseguia ir, adentrando as casas e levando consigo não somente as notícias do prelado, mas também os pensamentos do clero. E as razões que se dão a isso, como pontua Lustosa:

> […] estão evidentemente ligadas ao movimento de agitação e de transformação que sacode e permeia a sociedade brasileira. […] a Igreja se viu acuada pelos ataques constantes dos que hostilizavam a sua missão social e queriam a neutralização de sua influência na sociedade, reforçando a sua sujeição ao Estado ou pretendendo a separação pura e simples dos dois poderes, o espiritual e o temporal […]
>
> A reação da Igreja se desenvolveu no campo do jornalismo (Lustosa, 1983. p. 15)

Em um de seus artigos, intitulado *O Jornalismo,* publicado em 6 de julho de 1902, foi exposto aos leitores o consumo da "boa imprensa", dos periódicos que existem a serviço dos movimentos religiosos católicos para a difusão e a defesa da doutrina, imprensa vinculada à missão da Igreja, não bastando apenas ser feita por católicos, mas vociferando a vinculação orgânica com o sentido missionário. No referido artigo nos defrontamos com a ideia de que:

> [...] deve chamar muito a atenção dos leitores que devem olhar no bom jornal uma escola de ótimos ensinamentos e de moral pura, ao passo que no mal jornal, verdadeiro vulcão a derramar lavas que tudo aterram e aniquilam não há se não veneno letal [...] Ensinar a verdade e, ilustrar o cidadão, descortinando-lhe o caminho reto do progresso

> tal é a nossa missão e nunca desviar a atenção pública deste fito. [...] Cumpramos o nosso programa e assim a nossa missão estará realizada e a consciência jamais nos arguirá [...]. (*A Imprensa.* 6 jul 1902. p. 1).

A partir do Papa Leão XIII, a Igreja Católica passou a atentar para o fato de que não bastava mais resistir e expurgar a modernidade, era necessário e, por vezes, até benéfico, adaptar-se ao moderno, utilizando, inclusive, de elementos da própria modernidade para ecoar mais longe sua mensagem. Essa análise recai sobre o uso da Imprensa pela Igreja, para cumprir os objetivos da Instituição, sendo até mais radical com relação ao periodismo que seu antecessor. Segundo o historiador Christopher Clark, enquanto Pio IX, apesar dos momentos de ambiguidade, tendia a apoiar jornais ultramontanos contra clérigos liberais, Leão XIII apoiava seus bispos contra aquilo que se entende por "má imprensa", os jornais tidos como intransigentes, cindindo a dicotomia no periodismo (Clark, 2003. p. 34) O pensamento leonino a respeito da imprensa pode ser percebido no discurso que Dom Adauto Aurélio expôs, por exemplo, em sua Carta Pastoral, intitulada *Do nosso dever para com a imprensa*, publicada em 29 de junho de 1918, já como arcebispo metropolitano da Paraíba. Nela, Dom Adauto, direcionando suas palavras para todos os fiéis de seu prelado, pontuou:

> O imortal Pontífice Leão XIII que resolveu, com aprumo e tato social, as grandes questões de seu tempo, resumiu nestas palavras o âmbito de nossos deveres para com a imprensa: 'Cumpre aos católicos, escreveu ele, sustentar, de uma maneira eficaz, a boa imprensa…, concorrendo diretamente para fazê-la viver e prosperar, o que pensamos se não há feito bastante até agora.
>
> […] a imprensa constitui hoje, mais que nunca, o principal alimento do espírito, assim para a vida como para a morte, tanto para o bem como para o mal. (Carta Pastoral, 1918. p. 1)

Dom Adauto Aurélio usa sua Carta Pastoral para discorrer sobre a dicotomia entre a "boa" e a "má" imprensa, como ditou Leão XIII, exigindo dos fiéis que combatessem os maus jornais – aqueles que propagavam ideias modernas ou se colocavam indiferentes quanto à religião – cobrando dos católicos a sustentação dos jornais católicos. Segundo o bispo, seria obrigação do "bom católico" não só apoiar a

imprensa católica, mas, também evitar a circulação dos “maus escritos”, aqueles, que, segundo o bispo, desvirtuavam os leitores desconfigurando suas noções de moral:

> Se os católicos se resolvessem, como devem, a não mais comprar nunca livros maus e não assinar jamais um só jornal que publique coisas contra a fé ou os bons costumes, contra a Religião ou seus ministros, contra a justiça ou a caridade, certo desapareceriam na sua mor parte estas máquinas de guerra e fatores de demolição e já não teríamos de deplorar as suas más consequências na família e na sociedade. (Carta Pastoral, 1918. p. 4)



Capa da Carta Pastoral de Dom Adauto Aurélio de Mirando Henriques. *Do nosso dever para com a imprensa*. 1918. In: LUSTOSA, 1983. p. 85.

Conforme a análise hemerográfica de Simone Cardozo, o jornal católico *A Imprensa* era publicado semanalmente pela Paraíba, aos domingos, e seus leitores o consumiam por meio de quatro folhas, sendo cada uma delas dividida em cinco colunas, sem presença de ilustrações. Com formato 47 cm x 33 cm (largura x altura), sofrendo com o tempo algumas modificações de tamanho e periodicidade. Segundo a pesquisadora, dispunha de algumas seções, veiculadas de maneira desmetódica, ou seja,

sem uma organização fixa, quanto à distribuição do material produzido, uma vez que uma das principais características dos impressos jornalísticos do século XIX era a ausência de disciplina quanto à fixação de colunas e apresentação de seus conteúdos (Cardozo, 2019. p. 5). Além disso, a pesquisadora aponta o fato de que o periódico possuía uma tipografia própria, mostrando que o jornal contava com uma boa estruturação financiadora, circulando até mesmo fora da capital do Estado, podendo ser assinado com um acréscimo no valor da assinatura. Quanto ao quadro de colaboradores, era redigido por padres, médicos e homens letrados da sociedade paraibana.



A IMPRENSA

ORGAM HEBDOMADARIO, DOUTRINARIO E NOTICIOSO

ASSIGNATURA ANNUAL. 10$000 — SEMESTRE.....5$000

ANNO VII — Parahyba, 20 de Setembro de 1903 — N. 296

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA GENERAL OSORIO, MOSTEIRO DE S. BENTO

EXPEDIENTE

A IMPRENSA, publica-se aos domingos.

Acceita toda collaboração desde que seja digna de ser publicada. Não *republicam-se* as *correcções* cuja procedencia não for *reconhecida pelo Director.*

Parte Official

LEÃO XIII E PIO X

S. Exc.ª Rvm.ª o Snr. Bispo Diocesano recebeo da Nunciatura Apostolica a seguinte carta circular:

Petropolis 24 de Agosto de 1903.

Exmo. e Rvmo. Snr.

A filial e esplendida demonstração feita pelos fieis desta Nação por occasião do fallecimento de Leão XIII e da elevação ao Pontificado Romano do Exmo. Cardeal José Sarto, que tomou o nome de Pio X, encheu de verdadeiro jubilo o Nosso Coração, por ser isso uma prova inequivoca de que dá o nobre Povo Brasileiro de sua piedosa e filial affeição ao Chefe Supremo da Egreja e uma profunda homenagem ao Divino Redemptor na pessoa do Seu Vigario.

Apresso-me, pois, a apresentar as minhas sinceras congratulações em primeiro lugar ao Episcopado Brasileiro que, com o seu exemplo e com sabia direcção, tem sabido tão bem dirigir e alimentar este religioso movimento.

Por meio do Episcopado exprimo minha completa satisfação ao Clero, á Imprensa Brasileira e a todas as Classes Sociaes, que, começando pelo Supremo Magistrado da Republica, Ministros de Estado, Autoridades e Representantes do Povo, não sómente na Capital Federal, mas tambem em todos os Estados da Federação, tiveram nesta solemne circumstancia procedimento verdadeiramente digno de uma Nação Catholica.

Faço os mais ardentes votos para que Deus Nosso Senhor queira sempre manter viva nesta Nobre Nação Brasileira, a Fé, a Religião e a affeição á Cathedra de Pedro que são bases do Progresso e bem estar tambem material dos povos.

Aproveito com prazer o favoravel ensejo para confirmar-me com os protestos da mais subida consideração.

De V. E. Rvm. Indigno servo
† Joaquim, Arcebispo de Ancyra
Nuncio Apostolico

A IMPRENSA

VALOR DA IMPRENSA

E' um problema resolvido que a imprensa está destinada a ser a propulsora de todas as boas de que necessita a sociedade para subsistir e manter-se no equilibrio a que se destina.

A imprensa, sem odio, sem paixão e emancipada em absoluto do sectarismo fementido que tudo atrophia e definha, na ordem moral, é a luz necessaria para o progresso marchar: é a escola de grandes ensinamentos, no passo que, tirando-se-lhe este conceito grandioso que lhe é devido, e que faz as esperanças do jornalista, ella não passa de um elemento da destruição, cuja efficacia é a mesma do veneno, derramado pelas veias.

Temos que nos bater sempre por este ponto — a propagação da boa imprensa, não só por ser este o nosso programma, como porque é preciso que façamos face ás investidas dos máos escriptos, que vem em opposição aberta ao fim a que se propõe o jornalismo catholico. Nós, os catholicos, devemos protegar a boa imprensa, e abraçar a sua causa com enthusiasmo e valor.

Nas columnas do jornal, as questões mais intrincadas são relatadas ao passo que a instrucção vai se diffundindo; o que precisamos é agir, com a perseverança e com o auxilio quesas nossas forças permittirem.

As grandes empreza não podem e não devem ficar em meio caminho, e nas vemos uma empreza tão grandiosa como a manutenção da imprensa catholica, collocada no gráu de acção em que ella deve estar.

A imprensa catholica, tem um fim de grande alcance e se todos o reconhecessem como devem, certamente, o erro e o máo escripto não penetrariam com tanta audacia no lar domestico e não iriam roubar nos mães de filhos de familia. A Religião em o nosso Brazil muito deve ao jornalismo catholico, que, destemido, tem levantado a fronte e batido o erro preservando o povo catholico do virus pernicioso das más doutrinas.

Acção, neste sentido!

Embora a imprensa catholica tenha, como acabamos de dizer, o seu valor real no seio da sociedade, todavia ella não poderá subsistir sem o concurso dos catholicos. Em todos os tempos os Pontifices tem chamado pela necessidade de se arregimentar o jornalismo catholico sustentando com valor o decoro e interesse sagrados que nos bate á porta.

Nada tão pernicioso como o máo jornal e o escripto pornographico. Pio IX dirigindo-se aos peregrinos de Rennes, lhes disse: «a imprensa é uma Obra pia de uma sobrenatural utilidade.» O immortal Leão XIII era grande defensor da boa imprensa, e uma vez bem o manifestou, quando fallava ao Eugenio Veuillot, redactor do «Univers», nestes termos: «Continuai a vossa obra, continuai a com firmeza.

A Religião é muito atacada, é necessario defendel-a.

Tais são, sem duvida, os meios de que a sociedade defendendo-se os principios religiosos. *A Imprensa Catholica*, de todo coração subscreve aos escriptos da Santa Sé, e hoje mais do que nunca, e tenho o peito animal-as

O grande [illegible] sendo Mayol de Lupé, redactor principal da «Union», escrevendo de Roma para egreja jornal, referindo-se a audiencia que acabava de ter com o santo Padre, dizia: «A grande e util missão da imprensa subsiste aos ensinamentos da Santa Sé, os serviços que ella tem prestado e deve prestar ainda, nos foram os pontos sobre que o Santo Padre mais detevese em considerações».

O glorioso Pontifice que o tumulo acabava de chamar a si, fallando do importante jornal o *Monde*, disse: «Conheço particularmente o *Monde*, é um excellente jornal pela seriedade da doutrina e correcção da linguagem». Não se pode duvidar, pois, que o jornal bom, o jornal catholico obedecendo a estes principios tão altamente exaltados pelos homens experientes, por diversos Pontifices, foi sempre [illegible] e a sentinella [illegible] da egreja vigilante na defesa contra a aggressão do erro e da seita.

Cumpre, portanto, aos catholicos que tenham as suas vistas voltadas para este ponto, e a imprensa, fiel ao campeão que defende os interesses da Religião e da Sociedade estará sempre ao lado dos grandes casos.

D. IGNACIO DE ALMEIDA

Volveu á esta capital, de volta de interior do Estado para onde havia seguido em companhia do Exmo. Sr. Bispo que estava em visita Pastoral, o nosso collega D. Ignacio de Almeida, Redactor Chefe da «Imprensa».

Tendo-se demorado entre nós, dois dias, o Revm.º D. Ignacio de Almeida, seguiu no dia 15 deste para a fazenda «Lage de Areia» a visitar aos Exm.ºs Familia e dar-lhes os trabalhos afanosos da visita pastoral.

A «Imprensa» cujas columnas tantas vezes tem sido honradas com a penna illustrada do nivel exercedor, apresenta ao Revm.º D. Ignacio de Almeida os seus cumprimentos pela sua volta ao seio de seus collegas e amigos.

O FRUCTO DO ESTUDO

Certamente nem sempre tem sido bem comprehendida esta verdade: que o estudo, feito com methodo e perseverança, é o caminho aberto para as grandes e supremas ambições, tendo por fim illustrar e educar o espirito, envolvendo-o em uma athmosphera limpa, livre, pela leitura sã e meditada, dos miasmos da ignorancia e desse indifferentismo cruel, que é a morte, de muitos digamos convictos. No reino vegetal, dizem os naturalistas e mais que ellas nos dizia observação quotidiana, as plantas aquaticas, se apparentemente se mostram vigosas e cheias de vida, são por isto mesmo as menos fortes e a sua vida, tão rica aos nossos olhos, é entretanto ephemera. Assim tambem é a arte dos que se apresentam dessa litteratura, que á primeira vista parece o resultado de um estudo profundo, mas que entretanto outra cousa não é senão — planta sem vida real, creada dentro d'agua e que um leve sopro converterá em pantano repugnante. O estudo tonifica o espirito e abre-lhe horizontes vastos, descobre-lhe verdades grandiosas, e nada ao homem a ser o que effectivamente deve ser — o no seio da sociedade; descobre-lhe a tangente dos problemas mais intricados; proporciona-lhe mares de alegrias, faz-lhe sentir o peso das verdades praticas, levando-o aos campos planos da verdadeira sciencia.

O estudo bem feito, e feito conscienciosamente, no [illegible] da paz, não superficialmente, mas meditado e com criterio, torna-se a esperança do homem, enaltecendo-lhe e descobrindo-lhe a linha recta por onde deve chegar e aperfeiçoar-se a sociedade como cidadão grande e consciente.

O homem ignorante é um elemento pernicioso e sem a bussola dos conhecimentos, ao menos rudimentares, sem a luz do saber, as trevas não necessita vida, torna-se um impecilho na sociedade. Ao elle estuda, medita e examina o que estudou e meditou, e semelhante a uma columna, de pé, sustentando um grande edificio, pela moralidade de seus actos, pela intransigencia do seu caracter, com boa dose de senso pratico; ao contrario, porem em sentido opposto, se nada disso faz: abombas o estudo, determina sem pensar, dis-se-hão, uma scisão de Boscia, alheio por completo aos ensinamentos da boa logica, zombateiro do meticuloso, sim, neste caso elle ainda será aquella columna sem a columna, decahida por terra ingloria a passagem dos homens! O fructo do estudo deve de ser a colheita da temporada feliz do lavrador. A proposito do que vou narrando, descontentes comesmo, acodem me á mente as considerações seguintes, quando vejo a anciama com que no fim do anno lectivo, o estudante deligente procura se desobrigar dos seus trabalhos escolares: Ao passo que o estudante se enquieta na expectativa do bom resultado, os professores, compenetrados do grave dever que lhes impõem a consciencia, não medem esforços e chamam constantemente os seus alumnos ao rigor do estudo, mostrando-lhes bons ou más consequencias nos exames finaes, ao as suas palavras foram ouvidas ou olvidadas! Estão cumprindo o seu dever, estão mobilitando o seu magisterio — ensinar e ensinar bem para que a sociedade possa acolher varias prestantes a Patria, filhos dignos deste nome.

A temporada dos exames vem rapida, e o alumno obra de egrégio, applica-se, estuda, prepara-se e as horas minguadas de que dispõe tornam-se oiro parisiense em suas mãos. O fructo do estudo, quanto é util pensar nelle! Nos Estabelecimentos de educação, onde se preparam individuos para diversas carreiras, o mechanismo dos trabalhos escolares, quando bem organisados, é admiravel e prende irresistivelmente as nossas attenções, pois é dalli que sahem as esperanças da Patria e da Religião.

O fructo do estudo, acompanhado em suas differentes phases, é grandioso! O menino de primeiras lettras, cuja intelligencia apenas pode comprehender o que é sufficiente, ao criterio do mestre, lança os primeiros ensaios da escripta, escreve, lê, decora, rabbisca, ouve as lições preliminares da grammatica, da geographia, da arithmetica, vida pratica, contabilidade, etc., e prepara-se para o exame. O estudante de geographia, de historia natural, admirando os phenomenos da natureza, do Ha-

Primeira página do jornal católico paraibano *A Imprensa.* 20 set 1903. n. 296. ano VII. In: http://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/aimprensa1897.html Acessado em: 23/11/2022

O cônego Joaquim Antônio permaneceu na redação do jornal *A Imprensa* entre o ano de fundação e 1906, quando foi indicado por Dom Adauto Aurélio a ocupar a cadeira episcopal na Diocese do Piauí, expandindo sua esfera de influência para além do prelado paraibano. Foi com a Bula *Cunetis Ubique*, publicada em 19 de janeiro de 1905, que veio a nomeação pelo Papa Pio X de Joaquim Antônio de Almeida para a missão de presidir a primeira cadeira da Diocese piauiense. Segundo os apontamentos de Fagundes a respeito da sagração de Joaquim Antônio de Almeida, o então Monsenhor Joaquim, foi consultado por D. Adauto Aurélio em meados de dezembro de 1905 sobre aceitar o

bispado do Piauí, recém-desmembrada da Diocese do Maranhão. Depois de relutar, com dificuldade para resolver-se, segundo o biógrafo, apresentou ao seu prelado uma série de objeções e solicitou um prazo de 15 dias para a resposta. Todavia, em janeiro de 1906, Dom Adauto Aurélio já lhe entregou a nomeação assinada pela Santa Sé, dando ciência a ele das ordens que recebera para que ocupasse o Bispado do Piauí. Pelas palavras do historiador Fonseca Neto:

> [...] Joaquim é nomeado bispo do Piauí designado para inaugurar o bispado recém-criado: era dezembro e transcorria o papado de Pio X. Monsenhor Almeida aparentemente hesita em aceitar a complexa missão, pede quinze dias para se decidir, faz algumas objeções, mas logo recebe a carta designatória. Em fevereiro de 1906, dia 4, é sagrado sob a presidência do Núncio Apostólico, Dom Júlio Tonti, na catedral da Paraíba, assistido por outros três bispos da região: o próprio Adauto, Luiz Raimundo da Silva Britto (de Olinda) e Antônio Manuel de Castilho Brandão (de Maceió). A posse em Teresina ocorre em 12 de março seguinte. (Santos Neto, 2016. p. 99)

Sem mais retrucar os ordenamentos, a sagração de Joaquim Antônio de Almeida deu-se em 4 de fevereiro de 1906 na Catedral de Nossa Senhora das Neves, em João Pessoa, tendo como sagrante Dom Júlio Tontti – núncio apostólico[42] do Brasil na época – e como consagrantes Dom Adauto e Dom Luís de Brito – então bispo de Olinda. Na primeira página do *Jornal do Recife* em sua publicação de número 28, noticiou-se em artigo, a sagração de D. Joaquim Antônio, como bispo da recém-criada diocese piauiense, o articulista expõe ao leitor toda a cerimônia ocorrida, que perdurou, segundo o autor, de 7 horas da manhã às 18 horas da noite do dia 4 de fevereiro de 1906.[43]

> Realizou-se anteontem na catedral da diocese da Paraíba a sagração do Exmo. monsenhor Joaquim Antônio de Almeida, nomeado bispo da diocese do Piauí.
> […] Às 7 1/2 o exmo. monsenhor Júlio Tonti, núncio apostólico, acompanhado dos exms. srs. d. Adauto de Miranda Henriques, bispo da Paraíba, d. Luís Raymundo da S. Britto, bispo deste Estado, d. Antonio Castilho Brandão, bispo de Alagoas, monsenhor Joaquim Antonio de Almeida, nomeado bispo do Piauí, cerca de cinquenta sacerdotes e todo seminário paraibano, dirigiu-se do Convento de São Francisco para a catedral que àquela hora estava repleta de povo.

[42]Um núncio apostólico ou núncio papal é um representante diplomático permanente da Santa Sé que exerce o posto de embaixador. Representa a Santa Sé perante os Estados e perante a Igreja local. Costuma ter a dignidade eclesiástica de arcebispo.
[43] SAGRAÇÃO episcopal. *Jornal de Recife*, Recife, ano 49, n. 28, p. 1, 6 fev. 1906.

> Tomando lugar na capela mor., às 8 horas teve início a sumptuosa cerimonia, depois de entoado pela orquestra o *Ecce Sacerdos magnus* à entrada da comitiva.
> Foi sagrante o exmo. monsenhor Júlio Tonti, núncio apostólico; primeiro assistente – d. Adauto; segundo – d. Antônio Brandão; assistente *in stalle* – d. Luiz de Britto; presbítero assistente – cônego Dr. Santino Coutinho; primeiro diácono de honra – cônego Manoel Paiva, segundo-cônego Sabino Coelho; cerimoniais – cônego José Thomaz, Odilon Coutinho, padres Alfredo Pegado [...] (SAGRAÇÃO episcopal. *Jornal de Recife*, Recife, ano 49, n. 28, p. 1, 6 fev. 1906.)

Após a sagração e suas devidas festividades, de acordo com Fagundes, Dom Joaquim Antônio teria recebido de uma senhora, parente de Dom Vital, o anel episcopal que outrora pertencera ao bispo – protagonista, junto a Dom Antônio de Macedo Costa, na chamada Questão Religiosa que tanto abalou os ânimos ultramontanos no Brasil, já no final do século XIX. No ano de 1906, escreveu sua primeira Carta Pastoral endereçada aos piauienses, na qual deixou registrado a importância da figura de Dom Adauto Aurélio em sua construção clerical:

> O anjo que vela pelo presente e o futuro da Diocese da Paraíba e o mesmo que mostrava o trilho de nossa carreira na vida prática, é o mesmo que nos aconselhava nas dificuldades naturais ao desempenho do cargo que ocupávamos, que nos guiava sempre pelo caminho do bem […]
>
> As nossas palavras não traduzem o que vai em nossa alma cheia de gratidão ao Exmo. Snr. Bispo da Paraíba, pelos inúmeros obséquios, benefícios e exemplos de virtude, que nos deu ao correr dos de 1895 a 1905. (CARTA PASTORAL, 1906. p. 20-21)

Pôde-se perceber como o Seminário de Fortaleza, uma instituição com um objetivo didático ultramontano, influenciou na formação de Dom Joaquim Antônio, tanto por sua grade pedagógica, quanto pela moralização e contrição almejadas por seus reitores e docentes. Além disso, Dom Joaquim Antônio experienciou influências em pessoas que geraram exemplo ao então seminarista e, posteriormente padre Joaquim, através de suas ações diocesanas, como o bispo Dom Joaquim José Viera – então bispo do Ceará quando o jovem seminarista Joaquim Antônio estava em suas terras – e como o bispo Dom Adauto Aurélio, bispo da Paraíba, que também abarcava o prelado do Rio Grande do Norte, quando Joaquim retornou do Seminário em 1894, o convidando para servir em sua diocese e concedendo a possibilidade a ele de observar e aprender sobre o agir episcopal.

3– O PROJETO DE CATOLICISMO DE D. JOAQUIM ANTÔNIO DE ALMEIDA PARA O PIAUÍ

No ano da graça de 1901, contava-se já os passares de fevereiro, quando se teve por criada, a Diocese do Piauí, tendo como Catedral a Igreja de Nossa Senhora das Dores, na praça Saraiva, centro de Teresina. O Decreto de Instalação, porém, é datado de 11 de março de 1903, sendo o primeiro bispo nomeado, o Monsenhor Antônio Fabrício de Araújo Pereira, sacerdote pernambucano, que, no entanto, renunciou antes de ser ordenado ao bispado:

> Em vista da renúncia de Monsenhor Antônio Fabrício, que havia sido nomeado bispo do Piauí, S. Santidade Pio X nomeou para o referido cargo Monsenhor Joaquim de Almeida, atual reitor do seminário da Paraíba.
> Monsenhor Almeida conta 32 anos de idade. É um sacerdote virtuoso, inteligente, bem preparado e muito distinto. Como reitor do seminário da Paraíba, em cujo estado nasceu, tem prestado relevantíssimos serviços à religião e auxiliado com abnegação ao ínclito e operoso D. Adauto[44]

Joaquim Antônio de Almeida, Dom Joaquim Antônio, contava seus 34 anos quando aportou em Teresina pelas águas do rio Parnaíba, em 1906, para presidir o clero piauiense e assentar-se, pela primeira vez, na cadeira da Sé no Piauí. Esse episódio preencheu não só as crônicas de Higino Cunha, mas também a memória da população que se aglomerava para receber seu primeiro bispo, após anos de pedidos junto às assembleias portuguesas e brasileiras e à Santa Sé para a desanexação do Piauí da Diocese do Maranhão.

Faz-se necessária atenção ao fato de que, além de receber um bispado recém-criado, em que seria possível pincelar as novas ordens administrativas seguindo sua matriz de pensamento, Dom Joaquim Antônio recebeu também uma Igreja há pouco cindida do Estado, onde já não mais vicejavam as raízes regalistas do padroado para interferir em sua jurisdição, mas que, no entanto, ainda não se desviava das questões políticas. Diante desse cenário, Dom Joaquim Antônio, o primeiro bispo da Diocese do

[44] NOTICIAS. *A Fé Christã*, Penedo, ano 3, n. 35, p. 3, 10 set. 1904.

Piauí, iniciou os rumos das ordenanças religiosas no Estado, de acordo com as suas convicções e com a bagagem clerical que carregava consigo.

No capítulo seguinte, buscamos compreender a atuação do bispo Dom Joaquim Antônio, durante seu período de episcopado à luz de seu processo de formação eclesiástica, suas influências e os contatos interpessoais que moldaram a sua visão de mundo e, consequentemente, o que levou o bispo a querer implementar no Piauí um projeto de catolicismo com viés ultramontano, mesmo em tempos de expansão do liberalismo e livre pensamento nas referidas terras. Iniciamos discorrendo a respeito do processo de criação da Diocese piauiense, buscamos ater a análise a uma perspectiva que atrela o Piauí à conjuntura da Igreja no Brasil, durante a passagem dos séculos XIX para o século XX. Com isso, partimos do entendimento da ação de Dom Joaquim Antônio à luz da conjuntura, na qual ele se encontrava, analisando suas principais estratégias objetivando a construção de um ideal ultramontano de sociedade e de catolicismo.

3.1 *Supremum Catholicam Ecclesiam*[45]: A criação da Diocese do Piauí

Muitos são os historiadores que apontam o século XIX como momento-chave para a fundamentalização organizacional eclesiástica da Igreja Católica em âmbito internacional, assim como em terras brasileiras. Como afirma o historiador australiano Christopher Clark, o novo catolicismo, posterior ao século XIX na Europa foi mais uniforme, mais centralizado e mais "romano" do que em seu século anterior, reformulação proporcionada pelos embates ocorridos entre a instituição católica junto ao Estado, nas chamadas "guerras culturais", despertando nas sociedades novecentistas um reavivamento religioso católico. Segundo o autor, ao passo que o século XIX experienciou um intenso crescimento cientificista, viu-se em paralelo a primavera de uma religiosidade mais piedosa, marcada por mistérios, milagres e devoção popular (Clark, 2003, p. 11-18).

Tal corrente não se distancia das características da Igreja brasileira no período, pois, como afirma Ítalo Santirocchi, no século XIX, os eclesiásticos e os leigos católicos brasileiros, contrários ao liberalismo e ao regalismo foram chamados pejorativamente de "ultramontanos[46]", sempre que esboçavam resistência frente à secularização de espaços e instituições, que até então eram do interesse e controladas

[45] Bula de criação do bispado piauiense, redigida em 20 de fevereiro de 1901, pelo então Papa Leão XIII, que declarou como Catedral, sede do episcopado, a Igreja de Nossa Senhora das Dores, na cidade de Teresina. O decreto de instalação, porém, só foi promulgado em 11 de março de 1903.

pela Igreja católica – como os cemitérios e os casamentos, que até então eram de total responsabilidade da Igreja Católica – além de aderirem à ortodoxia e obediência ao Papa (Santirocchi, 2010).

Nesse contexto de busca por uma maior presença na vida cotidiana civil, a Igreja procurou fortalecer sua presença na sociedade, por meio da instalação de novos bispados, ao longo do território brasileiro, entre os quais o bispado do Piauí, criado para atender ao objetivo da Igreja de estadualizar sua presença institucional, ao tempo em que atendia a uma reivindicação quase centenária da população do Estado, que, desde os anos 1820, reivindicava a criação de um bispado e o fim da jurisdição da diocese do Maranhão sobre a população do Piauí. As distâncias entre a sede do Bispado do Maranhão e as populações do Piauí complicavam a vida dos fiéis, que tinham de percorrer longas distâncias e gastar muitos recursos para dispensas matrimoniais e outros despachos que demandavam ao prelado. Até o final do século XIX, o Piauí contava com apenas 29 freguesias, com uma relação aproximada de 1 sacerdote para cada 20 mil habitantes (MONTEIRO, 2015. p. 168). Segundo Pedro Vilarinho e Elisângela Barbosa, no artigo Padres, Política e Masculinidade no Piauí no século XIX, como se não bastasse o ínfimo número de sacerdotes, durante o período imperial, o presidente da província informou em relatório, que, no Piauí, havia apenas vinte e quatro padres, sendo doze deles nulos para o sacerdócio e que parte dos serviços religiosos prestados por eles eram queixosos e pouco vigiados (CASTELO BRANCO; CARDOSO, [s.d]).

Diante de tal realidade, desenvolveu-se, durante o início do século XX, o projeto de expansão institucional da Igreja Católica no Brasil, com o aumento considerável do número de arquidioceses e dioceses, como objetivo de capilarizar ainda mais seu alcance pelos estados e municípios, iniciando assim, segundo Pedro Vilarinho, em seu artigo, O ultramontanismo, as práticas discursivas católicas e as relações familiares

[46]Segundo o historiador Ítalo Santirocchi, o Ultramontanismo pode ser entendido como "uma série de atitudes da Igreja Católica, num movimento de reação a algumas correntes teológicas e eclesiásticas, ao regalismo dos estados católicos, às novas tendências políticas desenvolvidas após a Revolução Francesa e à secularização da sociedade moderna. Pode-se resumi-lo aos seguintes pontos: o fortalecimento da autoridade pontifícia sobre as igrejas locais; a reafirmação da escolástica; o restabelecimento da Companhia de Jesus (1814); a definição dos 'perigos' que assolavam a Igreja (galicanismo, jansenismo, regalismo, todos tipos de liberalismo, protestantismo, maçonaria, deísmo, racionalismo, socialismo, casamento civil, liberdade de imprensa e outras mais), culminando na condenação destes por meio da Encíclica Quanta Cura e do 'Sílabo dos Erros', anexo à mesma, publicados em 1864." (SANTIROCCHI, 2010. p. 24). O catolicismo ultramontano passa a condenar taxativamente os considerados erros de seu tempo, tais como: 1) a mutabilidade da doutrina da Igreja; 2) o indiferentismo religioso; 3) a ilusão de liberdade de consciência; 4) a rebeldia contra as autoridades legitimadas; 5) a separação entre Igreja e Estado

modernas em Teresina no início do século XX, a política de reestruturação do catolicismo brasileiro (CASTELO BRANCO, 2020. p. 371-391). De acordo com o historiador, o Brasil contava, em 1889, com 01 arquidiocese e 11 dioceses, enquanto em 1930 já se contabilizavam 16 arquidioceses, 50 dioceses, 20 prelazias ou prefeituras apostólicas, ilustrando o empenho da Igreja em incrementar sua presença institucional no país (CASTELO BRANCO, 2020. p. 371-391).

Sem a tutela estatal, a Igreja estava livre para realizar sua expansão no número de dioceses no Brasil e, assim, transmitir de forma mais eficaz os dogmas e a fé, assim como potencializar a sua presença efetiva e o controle disciplinador sobre os fiéis, a Igreja veio a afirmar "[...] não é tolerável que ignorem a aptidão política e social da Igreja[...]"[47] e a vigilância sobre os sacerdotes. O fim do padroado e dos vínculos institucionais entre Igreja católica e Estado no Brasil era, para a Igreja católica, uma perda, no entanto, a orfandade colocou à instituição o desafio de se reinventar e de fazer da crise, uma oportunidade para o seu fortalecimento no seio da sociedade, ao tempo que incrementava sua coesão interna.

A Igreja Católica encontrou em solo piauiense terreno propício para alcançar tais objetivos, pois a implantação de uma diocese já vinha sendo reivindicada pelo governo e a população piauiense, desde 1822, quando, em Lisboa, o deputado pelo Piauí, Miguel de Sousa Borges Leal Castelo Branco propôs a desanexação da diocese do Maranhão (CUNHA, 2015. p. 106-107). De acordo com atos oficiais citados na obra *História das religiões no Piauí*, seu autor, Higino Cunha, mostra que, de 1822 a 1837, houve uma grande atividade na propaganda em prol da criação do bispado piauiense, justificada judicialmente pelas dificuldades encontradas pela população do Piauí, ao enfrentar as longas distâncias até a sede diocesana em São Luís no Maranhão, causando desconfortos financeiros e práticos. A referida propaganda pela criação do bispado foi abandonada, tendo em vista as dificuldades alegadas pela diocese maranhense, que via a separação da diocese, como um fator que levaria à sua ruína financeira. Postergado por todo o período imperial, o projeto foi retomado em 1897 pelo padre Joaquim de Oliveira

[47] DA VIRTUDE necessária aos homens de estado: conclusão. *O Apóstolo*, Teresina, ano 2, n. 101, p. 3, 16 maio 1909.

Lopes, vigário de Pedro II, que tomou para si a campanha pró-diocese[48] Agora dentro de outro contexto histórico.

Para concretizar a instalação da nova Diocese, faltava a posse no Paço Episcopal do seu novo governante, mas logo foi empossado o jovem monsenhor norte riograndense Joaquim Antônio de Almeida. Diante do anúncio da chegada do novo dirigente da recém-instaurada diocese em território piauiense, a cidade lhe fez calorosa recepção, pessoas de todas as circunstâncias aglutinavam-se à espera da embarcação, que, atravessando o Parnaíba, traria o novo sacerdote diocesano na tarde de 11 de março de 1906:

> Ao subir a rampa do cais do porto, às cinco horas da tarde do dia 11 de março de 1906, a capital católica do Piauí já o esperava. Eram milhares de pessoas à beira do rio Parnaíba, para acolher calorosamente seu primeiro bispo. Além do povo, também o esperavam autoridades do campo político e administrativo, comerciantes e oficiais de muitos fazeres. (Santos Neto, 2016. p.2)

O historiador José de Jesus Redusino afirma que a comitiva que acompanhava Dom Joaquim era composta pelos clérigos Alfredo Pegado, um dos redatores d'*O Apóstolo*, Bianor Aranha; Francisco Ernesto e Moysés dos Santos, além de alguns aspirantes ao sacerdócio, que partiram de São Luís para Caxias no Maranhão, onde foram recepcionados por três comissões: a do Governo do Estado do Piauí, na figura dos senhores Dr. Arlindo Nogueira, João Gayoso e Dr. Agrícola Castelo Branco; a do comércio e a do clero. De Caxias, seguiram para a Vila das Flores – atual Timon – por uma companhia de trens, lá foram recebidos pelos padres da recém-criada diocese piauiense e pelo vice-governador, Dr. Areolino de Abreu, além de membros da alta cúpula administrativa do Estado do Piauí (Reduzino, 2019. p. 34).

Para o cronista piauiense Higino Cunha, aquela foi uma das maiores recepções já ocorridas em Teresina, unindo pessoas de todas as classes sociais da capital e do interior do Estado para acompanhar o desembarque do bispo (Cunha, 2015. p. 110-111), vindo o próprio autor a discursar em homenagem à chegada de Dom Joaquim:

> [...] Diante da imensa multidão que nos contempla, não há orador que não se comova e não hesite sob o peso da gravíssima responsabilidade

[48] Segundo o pesquisador Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, a liderança do Padre Joaquim Lopes dentro da campanha a favor da instalação da diocese não pode ser vista apenas como um ato de caráter religioso, que significasse apenas a defesa da fé, mas sim, vindo a ser, antes de tudo, a luta pela reconquista da força política da Igreja, diante da ascensão de maçons e anticlericais ao poder governamental. Ver: MONTEIRO, 2015, p. 173-177.

> que assume. Gravíssima. Pela eminência do vulto do homenageado e pela majestade do auditório, composto de milhares de pessoas de todas as classes sociais, de todas as idades, de ambos os sexos, de todas as autoridades civis, militares e eclesiásticos e de todos os credos políticos e religiosos […] (Cunha, 2015. p. 111)

A respeito da criação do bispado no Piauí, em fevereiro do ano de 1900, uma carta, remetida de terras paraibanas, e redigida pelo cônego Fernando Lopes, que depois faria parte da comitiva que acompanharia Dom Joaquim Antônio, da Paraíba ao Piauí, é publicada no jornal carioca *O Apóstolo*, anunciando à comunidade católica da, até então, capital do Brasil, o processo e a luta do povo piauiense pela instalação do bispado[49], bem como a consequente separação da Diocese do Maranhão.[50]

> Senti tanta satisfação que não duvidei em vos pedir um agasalhozinho nas colunas do vosso jornal para estas linhas escritas atoa. Na impossibilidade de prestar aos meus patrícios um contingente mais valioso no momento em que todas as classes se erguem e lançam as primeiras bases para uma conquista tão nobre, quis ao menos, de longe mesmo, participar de vossa alegria, chamando também, pela imprensa em favor do nosso *desideratum*.
> [...] Bendito o povo piauiense, o dia em que sobre o nosso torrão natal aportar o primeiro bispo eleito para dirigir as nossas almas
> [...] Tem sido elevado à categoria de bispado diversos estados do Brasil, em nenhum, porém, foram encontrados elementos tão prontos e tanta força de vontade, parecendo que os nossos patrícios em harmonioso concerto de sentimentos tão patrióticos, se identificaram em um só coração para produzir essa força que abalou pelo alicerce as montanhas de obstáculos que se nos afiguravam.
> [...] O Maranhão, como Bispado, não precisa mendigar de nós o nosso concurso, pois, Estado rico, nunca assolado pelas secas, diocese antiguíssima, pode viver por si perfeitamente.
> O Maranhão, se não me engano, tem quase 56 freguesias constituídas, e se tem falta de sacerdotes, em pouco tempo, com a chegada de seu Bispo, tê-los-á em abundância, pois o Maranhão é um Estado católico, e nele, como em todos os outros, se encontram vocações.
> [...] Queremos mesmo até acreditar que o Maranhão lucrará, estando separado, por se tornar mais fácil de ser curado, do que unido ao Piauí, pois atualmente, toda a diocese compreende a extensão enorme de cerca de 770.000 quilômetros quadrados (os dois Estados). Isto é intuitivo.

[49] SILVA, Fernando Lopes e (Côn.). Bispado do Piauí. *O Apóstolo*, Rio de Janeiro, ano 35, n. 46, p. 3, 9 jun. 1900.

[50] Segundo João Vitor Araújo Sales e Marcelo de Sousa Neto a relação entre as províncias do Maranhão e do Piauí tornava-se mais imbricada ao se analisar os aspectos jurídico-religiosos que as uniam, percebido como abusivo pelos piauienses. O Piauí era visto no período oitocentista como entreposto comercial de cunho assistencialista, estando subordinado aos interesses de províncias mais desenvolvidas. Para mais detalhes a respeito da desanexação da diocese maranhense pelo Piauí. SALES, João Vitor Araújo; SOUSA NETO, Marcelo de. Desejos e rancores: os discursos por autonomia eclesiástica da província eclesiástica da província do Piauí (1829-1838). In: CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho; CERQUEIRA, Maria Dalva Fontenele. *História, catolicismo e educação*. Teresina. EDUFPI, 2019. p. 59-83.

> [...] Prossigamos, formemos o patrimônio, preparemos o espírito do povo, escrevamos pela imprensa, e ao primeiro grito da vitória obtida, ninguém poderá descrever o nosso jubilo e mil bênçãos cobrirão os promotores de tão alevantada empresa.
> Olharemos em torno de nós e não veremos senão os abismos de trevas em que dormíamos e do alto da montanha contemplaremos as grandezas da Religião […] [51] (Silva, 1900. p. 3)

Passadas as águas ressacadas que dificultaram a desanexação da diocese maranhense, o Piauí via, finalmente, sua capital elevada à condição de sede diocesana, com a notícia se espalhando pelo território brasileiro já no ano de 1903, como podemos ver, em um artigo publicado no periódico maranhense *Diário do Maranhão*, que afirma ter sido anunciado a criação da nova diocese:

> [...] Jornais do sul anunciaram estar definitivamente criado o Bispado do Piauí, constando-nos também que o Decreto Pontifício, contendo tão útil e desejada providência, já se acha em poder do Exm° Sr. Bispo Diocesano para sua inteira execução […] (DIÁRIO DO MARANHÃO, *Bispado do Piauhy,* 9 fev. 1903. p.2)

Criado e instalado o bispado no Piauí, cabia ao novo bispo, empossado no ano de 1906, dar início à execução do seu projeto ultramontano de catolicismo no seio da comunidade piauienses, espalhar nas novas terras a mensagem que recebera como missão, ao ser nomeado pela bula papal *Cunetis ubique*, semear nos fiéis de seu rebanho as "verdades" divinas da Igreja.

3.2 "*In Cruce Vita":* atuação episcopal de Dom Joaquim Antônio de Almeida

Logo ao ser sagrado novo bispo da Diocese piauiense, Dom Joaquim Antônio toma para si o lema episcopal "*IN CRUCE VITA*", cujo significado em muito dialoga com a sua trajetória, tanto no Piauí quanto nas terras nortes riograndenses, "a vida está na cruz", acentuando o aspecto missionário de sua vocação, como o próprio bispo pronunciou em sua primeira carta pastoral em 1906 "[…] nas palavras vigorosas do Evangelho, levaremos a pesada cruz do episcopado por essas terras abençoadas do Piauí […]" (CARTA PASTORAL, fev. 1906. p.11). Por ter no ultramontanismo as bases teológicas que formaram sua ação clerical, fez do lema seu escudo e estandarte para apregoar a imagem de uma Igreja brasileira renovada nos desígnios religiosos. Conforme o historiador piauiense Antônio Fonseca Neto, ao caracterizar a atuação clerical de Dom Joaquim, pode-se perceber como:

---

[51] SILVA, Fernando Lopes e (Côn.). Bispado do Piauí. *O Apóstolo*, Rio de Janeiro, ano 35, n. 46, p. 3, 9 jun. 1900.

> Sua vida e sua formação sacerdotal consistente amoldam-se nos remansosos caminhos da Igreja daquela esquina de séculos e ele carrega em seu pastoreio o jeito apostolar de ir aonde o povo-rebanho está, desafiado que se sente em seus 38 anos, idade que tinha quando assomou ao sólio episcopal em terras piauienses. Certamente, estava o bispo do Piauí em sintonia fina com o debate de sua Igreja e conhecia o sentido das contracorrentes que se agigantavam. (SANTOS NETO, 2016. p. 90-91)

Dom Joaquim Antônio chegou ao bispado piauiense convicto de sua missão: desacelerar o avanço das ideias que a modernidade trazia para os brasileiros e, consciente da necessária submissão à autoridade divina, por parte de leigos e religiosos, e respeito à hierarquia da Igreja, Dom Joaquim Antônio assume seu papel revestido pelo mesmo pensamento teológico de todos aqueles que passaram por ele durante a caminhada por sua formação eclesiástica. Certo de que, assim como pregava Leão XIII, Dom Adauto Aurélio, Dom José Joaquim e toda uma Igreja mergulhada no ultramontanismo como única saída possível para evitar a desgraça de todo o meio social, apenas se sujeitando às ordenanças divinas. A comitiva que acompanhou Dom Joaquim Antônio ao Piauí[52] era formada por 6 padres, 2 subdiáconos, 5 clérigos de ordens menores, 2 teólogos, 7 filósofos e 3 preparatorianos. Do referido grupo, o nome mais familiar ao novo bispo era o do cônego Fernando Lopes, que o acompanhou desde o início das missões na diocese paraibana, inclusive estavam juntos na comitiva da primeira visita pastoral de Dom Adauto em 1894 (A VERDADE, 2003. n. 18. ano XI. Natal – RN). Em artigo noticioso publicado no jornal diocesano piauiense *O Apóstolo,* publicado em 14 de julho de 1907, foi sabido que Dom Joaquim Antônio nomeou Fernando Lopes, no referido ano, Vigário da catedral:

> Por ato do Exmo. e Revdmo. Sr. Bispo Diocesano foi nomeado Cura da Catedral e Vigário das freguesias de Nossa Senhora das Dores, nesta Capital, e da de Natal, o Revmo. Cônego Fernando Lopes e Silva a quem igualmente S. Excia. Revdma. nomeou Presidente da «Sociedade do Clero» ultimamente criada […]" (O APÓSTOLO, 14 julho 1907. p. 1)

Segundo o historiador Roberto Barros Dias, as estratégias utilizadas pelos bispos brasileiros, no pós proclamação da República, a fim de evitar o enfraquecimento da Igreja Católica no referido, período podem ser classificadas em dois grupos: as estratégias organizacionais, de caráter interno – tal como a formação do clero, a renovação dos seminários e o aumento do contingente de religiosos com a vinda de missionários estrangeiros para o Brasil – e as estratégias de ação pastoral – as Cartas

52

Pastorais, as Visitas Pastorais e o periodismo católico (Dias, 2008. p. 79). No exercício do bispado, Dom Joaquim buscou aplicar o projeto romanizado na Diocese do Piauí, como havia visto seus mentores realizarem. Alguns princípios do ultramontanismo já se faziam presentes no Piauí, mesmo antes da desvinculação do Estado da Diocese do Maranhão, no entanto, era difícil avaliar, o grau de romanização dos fiéis católicos no Piauí, em virtude das profundas raízes de vivências católicas anteriores[53], o que poderia causar certas dificuldades ao novo bispo na sua ação pastoral. Teresinha Queiroz afirma, em sua obra, *Os literatos e a República*, comenta as referidas dificuldades de mensurar a penetração do ultramontanismo na sociedade piauiense, bem como trata de algumas ações encaminhadas pela hierarquia católica, no fim do século XIX e início do século XX:

> É difícil avaliar o grau de penetração do catolicismo ultramontano no Piauí no início do século XX, e até que ponto essa orientação prevalecia entre os fiéis. O que é certo é que fez parte do esforço de sua implantação a construção de novas igrejas, tanto na capital como no interior, a criação de associações como as do Sagrado Coração de Maria e de Jesus, e a Associação de São Vicente de Paulo, a instalação mesmo do Bispado autônomo e a criação dos colégios católicos. (QUEIROZ, 2011, p. 261)

O historiador Pedro Vilarinho Castelo Branco – em artigo que trata dos discursos e das práticas católicas de inspiração ultramontana, em Teresina no início do século XX – corrobora com a fundamentação da ideia de que não haveria uma igualdade exata entre as estratégias postas pelos bispos ultramontanos no Brasil, no entanto, a coluna vertebral que inspirava tais ações alinhavam-se aos discursos e às práticas da Igreja, em nível nacional, e essas, por sua vez, reverberavam as diretrizes romanas, apontadas pelos pontífices em orientações direcionadas a seus bispos latinos, objetivando retomar as rédeas sobre a direção da Igreja Católica nas Américas,

[53]Nos relatos do presidente da província piauiense, em 1846, são apontados a falta de sensibilidade e o apego ao dinheiro, mesmo na hora de prestar os santos sacramentos e, ainda, a relação com a política partidária como problemas morais do clero, o que fazia com que as práticas religiosas fossem gerenciadas pelas próprias comunidades leigas, que, unidas em irmandades, zelavam por si, de forma pragmática, na resolução de problemas cotidianos, como também cuidavam da parte espiritual de seus grupos. Dentro desse cenário, se fazia necessário à Igreja Católica, a instalação da Diocese no Piauí, para evitar a expansão dos ideais modernos, para gerenciar a ritualística espiritual do Estado, para controlar a formação e o exercício sacerdotal, assim como para evitar o fortalecimento de um catolicismo barroco entre os populares. Contudo, como pontua o historiador Pedro Vilarinho Castelo Branco, o intento ultramontano era de que "o padre deveria ser santo para santificar seus fiéis, manter padrão de civilidade, ter comportamento que o distinguisse dos demais.", no entanto, a herança que a Diocese do Maranhão trouxe do período colonial, apontava para profundas carências na formação desses padres, além das dificuldades materiais que impossibilitavam as vigilâncias episcopais sobre o bem servir dos párocos e sobre a religiosidade local

alinhando-a às ordens romanas. (Castelo Branco, 2019. p. 153-181). Dom Joaquim Antônio prezava pela obediência à hierarquia da Igreja, e seu alinhamento aos ordenamentos do Pontífice é evidenciado em trechos de sua primeira Carta Pastoral:

> Não há família que não tenha pai, não há sociedade que não possua seu chefe. A família, como a sociedade cristã, tem um pai e chefe na pessoa de Pedro, e a Pedro na pessoa de seu sucessor em Roma, para onde o mundo católico volve seus olhos constantemente a fim de ouvir a voz que ordena […]" (CARTA PASTORAL, fev 1906. p. 6)

> O Divino Espírito Santo vem assistir e reger a Igreja de Jesus na pessoa dos apóstolos e de seus sucessores […] Pedro vive na pessoa do Papa e os demais apóstolos na pessoa dos bispos, seus sucessores, e, quando Pedro fala pela boca do continuador de sua missão nesse mundo, os demais apóstolos ouvem e obedecem à voz de Jesus que fala por sua Igreja [...]1" (CARTA PASTORAL, fev 1906. p. 93)

Com a criação da diocese piauiense no ano de 1906, cuja sede localizava-se na cidade de Teresina, desde o princípio Dom Joaquim Antônio objetivou que sua administração episcopal seguisse os moldes ultramontanos, a fim de impedir o avanço do indiferentismo religioso: "[…] os dizeres preceptivos do Santo Concílio de Trento […] "(CARTA PASTORAL, 1906. p. 20). Pelas palavras deixadas em sua primeira carta pastoral, que endereçou a todos os católicos piauienses e ordenou que a mesma fosse lida por todos os párocos, ao fim da missa nas Igrejas matrizes e capelas, exigindo dos vigários um retorno a respeito do cumprimento das ordens dadas em carta pastoral no prazo de seis meses, o então bispo expunha a missão do clero mediante os erros vindos com a modernidade naquele momento "[…] o tempo em que os homens rejeitariam a doutrina de Jesus e se entregariam à incredulidade." (CARTA PASTORAL, 1906. p. 18):

> A sociedade que forma o rebanho de Jesus acha-se hoje, mais que nunca, cercada dos embustes e engenhosa astúcia do inimigo que procura tragá-la como lobos devoradores. A mesma sociedade que procura sua felicidade, como lhe é natural, não conhecendo os meios legítimos para estabelecê-la, desvia-se do caminho do bem e vai repousar nos sentidos e na matéria, adormecendo nos braços da ignorância das verdades, únicas que poderiam salvá-la de tantos erros […] os homens descristianizam-se, os costumes aviltam-se, a inteligência ofusca-se e o coração se corrompe à falta do conhecimento do bem que se esconde sob as forças vitais dos mandamentos de Deus e da Igreja e por entre as poucas folhas de um livro – o Catecismo – desconhecido infelizmente por muitos homens que a sociedade denomina de sábio e literatos. (CARTA PASTORAL, 1906. p. 18)

Atuando, inicialmente, no campo da formação, centrando seu olhar, tanto na educação da juventude leiga da cidade – fosse no em âmbito escolar ou no familiar – quanto na formação eclesiástica dos novos sacerdotes que se formassem no Piauí, Dom Joaquim Antônio tornou-se o bispo que, em terras piauienses, mais fez ordenações sacerdotais. Para o referido bispo, um dos erros da modernidade era, naquele período, tornar desconhecidas as tradições e as leis da Igreja nas escolas e nas famílias:

> As leis que formam o coração do jovem, que mantêm a vida inocente e pura no adulto, que fortificam e consolam a velhice, estas leis não se estudam mais nos bancos escolásticos, e, ainda pior, que, até no seio de muitas famílias, são desconhecidas e consideradas como antiquadas e retrógradas para a formação do caráter do homem moderno. (CARTA PASTORAL, 1906. p. 19)

Assim que aportou no Piauí, em março de 1906, Dom Joaquim buscou tomar providências para melhorar a formação educacional e sacerdotal de seus fiéis, diante da demanda de fazer frente aos avanços da educação laica que se alastrava no país, o novo bispo, no dia 25 de março de 1906, promoveu a criação de uma instituição para a formação do clero piauiense, um Seminário Diocesano, assim como fomentou de maneira quase que simultânea a criação de centros educacionais para a formação de meninos e meninas da região, nas cidades de Teresina, sede do bispado e na cidade de Parnaíba, no litoral do Piauí:

> No Piauí, a prática educacional da igreja encaixa-se na caracterização feita anteriormente, pois D. Joaquim, primeiro Bispo do Piauí, pouco tempo após tomar posse, em 1906, criou quatro instituições de ensino, isto é, quatro escolas confessionais: o Colégio Sagrado Coração de Jesus, o Colégio Nossa Senhora das Graças, ambos dirigidos por freiras e voltados ao público feminino, localizados, respectivamente, nas cidades de Teresina e Parnaíba; e o Colégio Diocesano e o Seminário, instalados em Teresina e administrados por padres, com vistas a atender à clientela masculina. As duas escolas dirigidos pelas freiras eram empreendimentos vultosos, faziam parte do projeto de estruturação da Igreja Católica no Piauí e tinham como objetivo instruir as meninas, moldar os comportamentos, fazer delas mulheres religiosas, apegadas aos valores cristãos e exemplos de moral e virtude na sociedade [...]. A vivência dos sacramentos, mormente da Primeira Eucaristia e da confissão, eram estratégias eficazes no trabalho de divulgação de valores e princípios católicos. (Castelo Branco, 2019. p. 161-162)

Segundo o jornal *O Apóstolo*, em sua primeira edição, no artigo intitulado *Um anno de governo*, no ano 1907, comemorando o primeiro ano da administração de Dom Joaquim Antônio, o Seminário teria sido "[…] a primeira pedra que lançou no grande edifício […]" (O APÓSTOLO, 19 maio 1907. p. 3), precedido pela fundação de uma

escola para meninos, assim como Dom Adauto Aurélio realizou em seu primeiro ano de bispado na Paraíba, e deixava claro em seus discursos, alinhando-se ao ordenamento papal. Na Carta Pastoral intitulada *"Dos males da ignorância religiosa"* redigida no ano de 1905 – portanto um escrito que Dom Joaquim Antônio acompanhou de perto, antes de seguir ao Piauí – Dom Adauto Aurélio, enfatizou o ponto central da Encíclica de Pio X *"Acerbo nimis – sobre a doutrina cristã"*: a principal causa da crise da Religião seria a ignorância das coisas divinas, o desconhecimento da doutrina cristã levaria à desordem social (MARQUES, 2020. p. 23):

> […] o grande inimigo que devemos temer e contra o qual devemos lutar constante e energicamente [….] é a ignorância da Doutrina de Cristo, ignorância que vai produzindo indiferentismo religioso com o qual é impossível nas famílias, nos Estados e na sociedade em geral a ordem e a liberdade. (CARTA PASTORAL, 1905. p. 14)

As palavras do Papa Pio X, em sua encíclica" Acerbo *nimis – sobre a doutrina cristã"* de 1905, foram comunicadas à cristandade por Dom Adauto Aurélio e posteriormente, também por Dom Joaquim Antônio, em sua primeira carta pastoral dirigida aos católicos piauienses, em 1906, em que se apegando às palavras do Pontífice, explana como objetivo primordial de seu episcopado salvar a sociedade da desordem e desmoralização, empreendendo um projeto educacional que não só aumentasse o número de padres, ou criasse uma imagem de igrejas mais cheias, mas formar o máximo de indivíduos em condições de defender os preceitos da Igreja, pondo em prática um projeto de formação clerical resignado aos ditames do cristianismo tridentino "[…] devemos começar a exercer o nosso mistério nessa Diocese, mandando executar fielmente o que nos ordena o Santíssimo Padre Pio X em sua encíclica *Acerbo nimis* […]" (CARTA PASTORAL, 1906. p. 17). A ideia de formação do referido bispo aos piauienses têm como objetivo moldar aquilo que Dom Adauto Aurélio, absorvendo de Leão XIII, há muito, já entendia como "o bom cidadão": "É a doutrina da Igreja de Jesus que sabe formar os bons cidadãos […] é ela que torna inviolável a fé dos esposos, planta e assegura a tranquilidade no seio das famílias e dos Estados." (CARTA PASTORAL, 1906. p. 15)

Para Dom Joaquim seria inerente à função episcopal o cuidado em assegurar a salvação de seu rebanho, pelo fim da ignorância religiosa, mediante a expansão das ideias modernas, que retiravam da Igreja o monopólio sobre as concepções de verdade, tragando os homens às ilusões e colocando os fiéis à mercê daqueles que "não querem a

religião, que a olham como um prejuízo "[…] daí o desvio do espírito, o erro, os pecados, as injustiças e todas as espécies de delitos contra todas as leis […]" (CARTA PASTORAL, 1906. p. 18) apontando o ateísmo e o indiferentismo dos homens para com a religião como um mal que deveria ser expurgado para assegurar o ordenamento social. O referido bispo teve como preocupação inicial a construção de instituições de ensino, tanto em Teresina quanto em Paranaíba, comprando e recebendo, por doação, áreas urbanas de tamanho considerável nas referidas cidades, para esse fim, mediante a laicidade da Constituição que tornava abolidos os ensinos religiosos na rede pública de ensino e seguindo as palavras de Pio X, em sua encíclica *Acerbo nimis*, onde o Pontífice ordena que:

> Nas grandes cidades, sobretudo naquelas onde estão abertas Universidades, liceus, colégios, serão fundadas escolas de religião destinadas a instruir, sobre as verdades da fé e os preceitos da vida cristã, à juventude que frequenta as escolas públicas onde não se dão lugar algum à Religião. (ACERBO NIMIS, 1905)

Tendo como primeiro reitor o Padre Bianor Aranha, seu vice, o Padre Ernesto Vasconcelos, acumulava a função de diretor espiritual, tanto do Seminário quanto do Colégio Diocesano, sendo inaugurada as duas instituições, no dia 25 de março de 1906, tornando a Praça Saraiva, no centro de Teresina, um complexo urbanístico que girava em torno do religioso, tendo como epicentro a Catedral Metropolitana de Nossa Senhora das Dores, como foi noticiado no jornal norte riograndense *Diário do Natal*, que publicou em 1906 uma nota escrita e enviada ao Rio Grande do Norte pelo Padre Bianor Aranha:

> Tendo a subida honra de comunicar a V. S. que no dia 25 de março transato foi aberto o Seminário do Piauí, e anexo a este o Colégio Diocesano, ambos por dirigidos, sob os auspícios de S. Excia. O Sr. D. Joaquim, Bispo desta Diocese." (DIÁRIO DO NATAL, 22 maio de 1906. p. 2)

Dom Joaquim, segundo o historiador Fonseca Neto, ofertou todos os cursos necessários para a formação clerical, no Seminário Maior e Menor, e uma dinâmica de circulação de estudos e de professores bem estruturada, conseguindo celebrar no dia 25 de março de 1906, a aula inaugural em ambas as instituições, além de empreender retiros espirituais aos seminaristas, ao menos uma vez por ano, para despertar nos formandos uma proximidade com a contrição religiosa. Ainda de acordo com Fonseca Neto, a Diocese do Piauí, recebeu por doação do Monsenhor Raimundo Gil, dois terrenos na zona urbana de Teresina, o primeiro, uma quinta, que se estendia por todo

um quarteirão, com a frente para a Praça Saraiva, onde teve início a construção de um edifício que abrigaria o Colégio Diocesano – mesmo lugar onde ainda se encontra em funcionamento; o segundo, um terreno também de uma quadra completa, na Avenida Frei Serafim que seria destinado à construção de um colégio confessional para meninas. Para os mesmos fins, Dom Joaquim fez a aquisição de prédios em Parnaíba, a fim de acomodar e formar meninas e meninos da região. Tanto em Teresina quanto nas terras parnaibanas, o cuidado com a formação das meninas fora entregue às Irmãs Catarinas de Senna, a convite do padre Joaquim Lopes, promovendo a viagem das freiras da Itália para o Piauí, que, imediatamente, deram início às atividades no Colégio Sagrado Coração de Jesus, popularmente conhecido como Colégio das Irmãs.

Desde o início de seu bispado, D Joaquim buscou implementar uma série de reformas administrativas de cunho ultramontano no clero local, que, em parte, ainda se enquadrava no pensamento regalista, e encontrava-se envolvido com questões políticas e com práticas sacerdotais reprováveis pelos princípios romanizados. com a queda do Império no Brasil, momento de tensão para as elites do Estado que, segundo Fonseca Neto "[…] engalfinhavam-se no reajustar das 'placas tectônicas' de seus grupos partidários, em busca de uma melhor colocação na corrida pelo poder da província." (Santos Neto, 2016. p. 81). Sem um poder central atuante que unificasse o poder do Estado em torno de sua figura, as pequenas oligarquias passaram a se digladiar pelo poder político no interior no país, dentro desse cenário – e com a Constituição de 1891 retirando do Estado a competência administrativa que lhe cabia à ordenança religiosa – passou a ser responsabilidade romana a distribuição das nomeações episcopais, o que abriu espaço para a tentativa de atuação ultramontana de bispos no Brasil, disputando com elites locais. Como afirmou Miceli, principalmente nos Estados menos impactantes na política e economia nacional, para conseguir pôr em prática seus ordenamentos episcopais, a Igreja tinha que formar alianças com setores dessas elites oligárquicas da região, como foi o caso de Dom Adauto na Paraíba. Afinal "[…] um bispo imerso e articulando-se na convivência comum tornar-se-ia referência e agente na condução do viver político local." (Santos Neto, 2016. p. 81-82).

Dentro dessa conjuntura, Dom Joaquim Antônio promulgou em 1907 os Estatutos Diocesanos, um documento organizado com cerca de 171 páginas contendo os deveres dos párocos, capelãos e demais sacerdotes, que oferecia aos padres amplos conceitos a respeito dos sacramentos da Igreja, prescrevendo aos mesmos normas para

sua efetivação (Santos Neto, 2016. p. 84), como noticiado no jornal *O Apóstolo*, na edição do dia 24 de novembro de 1907:

> Veio-nos também um exemplar dos Estatutos Diocesanos promulgados pelo exmo. sr. D. Joaquim A. de Almeida por ocasião do retiro espiritual do clero diocesano […]
>
> Há nessa carta, instruções e conselhos salutares e preciosos para os que estão subindo os degraus do sacerdócio ou já se acham revistados desse caráter sagrado.
>
> Os estatutos que acompanham a Pastoral são um magnífico resumo ou compêndio da doutrina e prática da Igreja acerca dos Sacramentos, do culto divino e da disciplina eclesiástica. (O APÓSTOLO, 24 nov 1907. p. 3)

Além disso, Dom Joaquim reorganizou os compromissos de todas as irmandades existentes na abrangência geográfica do seu bispado, dando estatutos uniformes e frisando o fato de que nenhum dos membros dessas irmandades poderia pertencer a grupos condenados pela Igreja, a exemplo da maçonaria. Ao passo em que objetivava pôr as irmandades sob o dossel episcopal, apoiou e propagandeou de maneira considerável as Sociedades Leigas, tais como a Sociedade de São Vicente de Paulo – os Vicentinos – fazendo com que suas conferências se multiplicassem por todas as paróquias e, ainda, buscou fortalecer o Apostolado da Oração e a Associação das Filhas de Maria:

> Ao chegarmos em Teresina, corremos a vista, sem curiosidades pelas corporações católicas com a intenção única de incrementá-las e fortalecê-las na fé.
>
> Em quase todas as freguesias estavam criados os centros do Apostolado da Oração, e em algumas funcionava a sociedade da caridade conhecida – as conferências de S. Vicente de Paulo.
>
> Foram as três divididas e cada uma ficou com duas conferências, criando-se em seguida, os conselhos particulares em todas, e o conselho central em Teresina, que mereceu aprovação do Conselho Superior do Rio, ficando assim, desmembradas do Conselho do Maranhão.
>
> Muitos frutos espirituais têm dado as ditas conferências, obra abençoada de S. Vicente de Paulo, e tudo devemos a graça do céu e aos esforços dos dignos presidentes dos conselhos central e particular e das conferências e também dos bons católicos e Vicentinos. [...]
>
> Foi criada a associação das Filhas de Maria, em Teresina, Parnaíba e Natal.
> Nesta capital já o número superior a 143 moças da primeira sociedade, associadas a tão benemérita corporação, em que estão distribuídas 31 assinaturas de Boletim das Filhas de Maria, do Rio.

> Funcionando com a maior regularidade e observância dos seus preceitos essa corporação tem produzido frutos espirituais e grandes consolações no seio da família católica de Teresina, Parnaíba e Natal. [...]
>
> Reformamos as Irmandades existentes na Diocese, dando-lhes estatutos uniformes. […] o amor aos preceitos divinos e a dedicação à salvação de suas almas e a glória de Deus seja o penhor de sua obediência às leis da Igreja de Jesus." (O PIAUHY, 23 jun 1911. p. 1)

Assim como Dom Adauto Aurélio, Dom Joaquim empreendeu, logo em seu primeiro ano de bispado, Visitas Pastorais, a fim de conhecer as condições materiais da religiosidade católica no Piauí, cumprindo as ordens papais de supervisionar o catolicismo nos interiores de seu bispado, já sabendo da pouca quantidade de sacerdotes que se encontrava nessas regiões. Era necessário ao catolicismo ultramontano evitar a sensação de "desamparo sacerdotal" às comunidades mais distantes da vigilância do bispo, a fim de expurgar as influências de um catolicismo barroco – catolicismo popular – principalmente mediante o avanço de figuras messiânicas como Padre Cícero e seus seguidores no Ceará. Dom Joaquim Antônio, durante seu período como seminarista em Fortaleza, viu o bispo Dom Joaquim José Vieira empreender forte combate contra as crenças que se espalhavam em torno de Padre Cícero, e por mais que a devoção em torno do mesmo não tenha cessado nos entornos de Juazeiro, foi o referido bispo que deu o veredito final sobre o caso, sentenciando a inexistência de milagres. Dom Joaquim Antônio havia visto a importância, na prática, da vigilância sacerdotal nas regiões interioranas, para evitar a expansão de crenças populares e da falta de orientação adequada. Nas palavras expressas por D. Joaquim em sua carta de despedida endereçada aos ex-diocesanos do Piauí em 1911, podemos perceber, as intenções do bispo piauiense, com suas visitas pastorais, particularmente, sua intenção de assistir e curar os fiéis, dos malefícios da falta da correta orientação:

> […] preencher o grande vácuo formado pela falta de sacerdotes que curassem as freguesias abandonadas, no território, até de 80 léguas de extensão fomos pessoalmente, iniciar nossa primeira visita pastoral em que percorremos 13 paróquias, fazendo o caminho de 20 léguas a cavalo." (O PIAUHY, 17 jun 1911. p. 2)

O roteiro das missões e visitas pastorais de Dom Joaquim Antônio e de suas comitivas no empreendimento dessas viagens pastorais compreendia não somente fiscalizar o que estava sendo feito nas freguesias pelo pároco responsável e levar os sacramentos aos fiéis, mas também instruir tanto os clérigos quanto os leigos, como

noticiado no jornal *O Apóstolo* em junho de 1907: "havendo sempre benção com o S. S Sacramento, quase todas as noites, instrução religiosa sobre os atos da Visita Pastoral, a dignidade episcopal e os deveres dos fiéis." (O APÓSTOLO, *Sagrado Coração de Jesus,* 23 jun 1907. p. 1)

As Visitas Pastorais de Dom Joaquim Antônio, às terras do bispado piauiense, podem ser divididas em 3 levas centrais: a primeira visita às freguesias do Norte do Estado, a segunda às freguesias do Centro, e a terceira realizadas nas freguesias do Sul. A primeira, partindo em 25 de julho de 1906, demorou cerca de 4 meses entre vilas, povoados e aldeamentos, passando cerca de 8 dias em cada localidade, onde, segundo o bispo em memórias deixadas em sua carta de despedida: "[…] empregávamos na pregação da palavra divina, na administração dos Santos Sacramentos e na visita e revista às Matrizes, arquivos, cemitérios e em deveres sociais." (O PIAUHY, 17 jun 1911. p. 2):

> […] aos 25 de julho de 1906, partimos de Teresina com destino ao esperançoso povoado denominado – São José dos Altos – a 16 léguas da Capital, percorrendo em seguida os seguintes lugares: Humildes, vila e sede de freguesia; Castelo, vila e sede de freguesia; Itamaraty, cidade e sede de freguesia; Piripiri, cidade e sede de freguesia; Piracuruca, cidade e sede freguesia; Campos Sales, vila e sede de freguesia; Parnaíba, cidade e sede de freguesia; Amarração, vila e sede de freguesia; Barras, cidade e sede de freguesia; União, cidade e sede de freguesia; Livramento, vila e sede de freguesia. Fazendo esse percurso, em que levamos 4 meses, tocamos e demoramos dias, em alguns povoados e aldeias, reservando para cada sede de freguesia a demora de oito dias, mais ou menos […] (O PIAUHY, 17 jun 1911. p. 2)

Já no ano seguinte, Dom Joaquim Antônio partiu em comitiva em sua segunda Visita Pastoral, agora às freguesias do Centro do Estado, saindo de Teresina em 9 de julho de 1907, percorrendo, por volta de 5 meses, dezenas de léguas, tanto a cavalo quanto por meio fluvial percorrendo rios em navios a vapor:

> Em 1907, aos 9 de julho, partimos de Teresina no vapor fluvial «Piauhy» fazendo nossa visita pastoral, às seguinte dez paróquias: Amarantes, cidade e sede de freguesia; Regeneração, vila e sede de freguesia; Valença, cidade e sede de freguesia; Picos, cidade e sede de freguesia; Pio IX, vila e sede de freguesia; Jaicós, cidade e sede de freguesia; Paulista, vila e sede de freguesia; S. Raimundo Nonato, vila e sede de freguesia; S. João do Piaui, cidade e sede de freguesia; Oeiras, cidade, antiga capital e sede de freguesia.
>
> Neste percurso de 309 léguas a cavalo e 84 a vapor, tocamos, em quase 5 meses, em diversos povoados e aldeias, observando o mesmo

> programa que estabelecemos na visitar anterior. (O PIAUHY, 17 jun 1911. p. 2)

As freguesias do sul do Estado, que Dom Joaquim Antônio considerava naquele período a parte mais "[…] inculta do território, era a mais necessitada de sacerdotes […] curadas apenas por dois sacerdotes de idade acrescida: Padres Antônio Marques dos Reis e Elyseu Cezar Cavalcanti." (O PIAUHY, 17 jun 1911. p. 2) era inerente ao bispo seu objetivo em visitá-las pessoalmente, no entanto, nos anos que se seguiram, essa viagem foi impossibilitada, segundo o mesmo, por problemas que o prendiam à Capital. No entanto, em 1908 enviou o Vigário-geral de sua Diocese, Monsenhor Raimundo Gil da Silva Brito em visita às localidades sulistas, em seu nome, ao passo que providenciou vigários para as capelas da freguesia de Jerumenha:

> Em 1908, por motivos que nos prendiam à Capital, não fizemos a visita às freguesias do sul da Diocese. Fizemo-la, porém, enviando nosso vigário-geral, Exm. Mons. Raimundo Gil da Silva Brito, que percorreu as freguesias: Floriano, Jerumenha, Bom Jesus, Paranaguá, Corrente, Santa Filomena e suas capelas filiais. [...]
>
> Graças sejam dadas ao Divino Pastor das almas, que hoje estão todas providas com seus respectivos vigários, e mais um coadjutor, com residência na futurosa vila de Uruçuí, capela da freguesia de Jerumenha. [...]
>
> Faltava-nos, porém, a visita pastoral feita pessoalmente a Bom Jesus, Paranaguá, Corrente, Santa Filomena que, embora já visitadas, pelo nosso vigário-geral, deviam ser conhecidas por seu bispo.
>
> E por serem essas quatro as únicas freguesias em que não tínhamos ido, pessoalmente, esperávamos poder fazê-lo neste ano de 1911, quando N. senhor nos manda para a Diocese de Natal." (*O Piauhy,* 17 jun 1911. p.2 num. 1123)

Dom Joaquim Antônio intentou empreender uma Visita Pastoral às freguesias mais ao sul do bispado, adiando para o ano de 1911 tal missão, no entanto foi transferido para a diocese de Natal, no Rio Grande do Norte, antes que pudesse concluir sua passagem pela referida região, pois sabia da necessidade em evidenciar sua presença naquelas terras, deixar seu rebanho ciente da consciência de que o pastor estava acompanhando seus passos. Durante as viagens, passando pelas freguesias, juntava multidões de fiéis e de curiosos que acompanhavam os passos da comitiva episcopal. Segundo o historiador Fonseca Neto, Dom Joaquim Antônio passou por localidades cujas paróquias não recebiam seus bispos há mais de 20 anos, o que tornavam as passagens episcopais ainda mais atrativas e festejadas pela população, que enchiam as matrizes e capelas para acompanhar as celebrações presididas pelo Bispo e, além disso,

tornavam-se números proveitosos para propagandear a presença da Igreja Católica junto à população:

> […] perto de seis mil pessoas aqui se acham para receber o tesouro de bençãos que Deus lhes distribui durante a visita pastoral.
>
> […] Houve 1300 comunhões, 1284 crismas, 100 casamentos de amasiados, 171 batizados. (O APÓSTOLO, *Freguesias*. 25 ago 1907. p. 3-4)

No fim das viagens ficavam os saldos de comunhões, crismas e casamentos entre aqueles que não tinham uma união sacramentalizada – os números em torno da quantidade de casamentos era primordial para a Igreja Católica naquela virada de século, diante da expansão da ideia de matrimônio formalizado pelo Estado, o incentivo aos casamentos religiosos em detrimento dos casamentos civis – além da celebração de missas e confissões, contabilizadas para quantificar a produtividade das missões e expostas como propaganda nas páginas de jornal, para mostrar que o catolicismo resistia mesmo nas terras mais afastadas (Santos Neto, 2016. p. 129-148), tornando as missões penosas as suas comitivas, por exigir um roteiro de serviços disciplinarmente regrado, mas necessariamente produtivas à Instituição naquele período:

> A parte do serviço do Sr. Bispo era assaz penosa: celebrava e dava a sagrada comunhão, administrando depois da missa o santo crisma; voltando a casa examinava os livros; ao meio-dia dava audiências e recebia visitas; às 3 da tarde ia crismar novamente; às 7 da noite pregava e assistia em seguida a benção." (O APÓSTOLO. *Visita Pastoral*. 15 dez 1907. p.2)

Empreendendo um projeto de fortalecimento do catolicismo ultramontano no Piauí, em um período onde a instituição buscava apoio popular para fincar-se nas microrregiões de poder, sedimentadas pelas demarcações das dioceses, mas com o epicentro de suas ordenanças voltadas ao Vaticano, por fim, Dom Joaquim Antônio – assim como havia feito Dom Adauto Aurélio na Paraíba – voltou-se aos instrumentos materiais que facilitariam a veiculação de sua mensagem, entre eles o uso da imprensa, foi a mais recorrente. Assim como aponta Oscar de Figueiredo Lustosa, em sua obra *Os bispos do Brasil e a imprensa*, com a mudança de regime político e a laicidade da Constituição brasileira, os pastores se voltaram aos instrumentos que pudessem ajudar nas tarefas da Igreja, não podendo faltar o uso da Imprensa nesse rol de recursos significativos e eficientes a serem empregados, no objetivo de garantir mais viabilidade na presença eclesiástica em meio a sociedade, ao passo que, também, seria utilizada, a

fim de opor com “as mesmas armas” a onda de periódicos seculares que passou a circular no período onde se defendia um discurso moderno (Lustosa, 1983. p. 22).

Dom Joaquim Antônio de Almeida utilizou-se de estratégias ultramontanas em seu período de governo episcopal buscando alicercear contrição e a obediência em seu prelado com a construção de instituições de ensino e formação clerical e leiga, além de propagandear a ideia de que o catolicismo se mantinha forte na população, mesmo com os avanços liberais em meio social em tempos delicados para a Igreja Católica. Como havia aprendido e visto em outros bispados, Dom Joaquim Antônio buscou fortalecer um catolicismo ativo no Piauí, com suas rotineiras visitas pastorais, mesmo com sua saúde debilitada, assim como buscando ecoar a mensagem da Igreja romanizada, como havia sido proposto pelo Papa Leão XIII, através das páginas periódicas da imprensa.

4 JORNAL *O APÓSTOLO*: um moderno espírito de fé

A instituição religiosa, em específico a Igreja Católica, mantém em torno de si um monopólio sobre a criação de determinados discursos que giram em torno da construção da noção do real, corroborando com a criação de *estratégias* (Certeau, 1996, p. 99) que servem à influência empreendida por ela. A Igreja Católica passou no século XIX por intensos enfrentamentos que colocaram em xeque o referido monopólio. Os enfrentamentos provocados pela modernidade contribuíram para desencadear reações e a busca de um revigoramento da cristandade católica, a fim de manter o *status quo* que outrora, segundo Bourdieu, mantinha no seio social:

> […] a religião contribui para a imposição dos princípios de estruturação da percepção e do pensamento do mundo e, em particular, do mundo social, na medida em que impõe um sistema de prática e de representações cuja estrutura objetivamente fundada em um princípio de divisão política apresenta-se como a estrutura natural/sobrenatural do cosmos. (Bourdieu, 2001 p. 33-34)

A busca pela manutenção do seu espaço social e poder simbólico – aquilo que, segundo Pierre Bourdieu, é a força que movimenta a crença, o poder que permite obter aquilo que pode ser obtido pelo uso da força física ou econômica, graças ao efeito de mobilização, mas que só se exerce quando reconhecido e legitimado (Bourdieu, 2001. p. 14) – é o que movimenta as reações da Instituição Católica no século XIX, um século marcado por embates discursivos que perfuram o dossel estendido pela Igreja acima da

cristandade, antes unida ao Estado, mas que agora viu seu monopólio discursivo ameaçado pela crescente onda secular do período, e passa a combater com suas encíclicas os erros da modernidade, objetivando repeli-la, como afirmou Gregório XVI em sua encíclica *Mirari Vos* de 1832 e posteriormente Pio IX com a publicação do *Syllabus* em 1864. Diante desse cenário, os bispos ultramontanos passaram a utilizar meios para semear a mensagem da Igreja, para tal fim o uso da imprensa passou a ser requisitada no Brasil desde meados do fim do século XIX até início do século XX, como foi proposto por Dom Joaquim Antônio com a criação no Piauí do jornal católico *O Apóstolo.*

No presente capítulo buscaremos analisar as edições do jornal diocesano *O Apóstolo* como uma das estratégias ultramontanas de Dom Joaquim Antônio, criado pelo referido bispo no Piauí, a fim de espalhar em seu prelado a mensagem entendida pelo bispo como "santa". Buscamos catalogar e analisar suas principais temáticas objetivando entender o ideal católico pretendido por Dom Joaquim aos católicos piauienses.

4.1 Jornal *O Apóstolo*: um traço de modernidade no projeto conservador

Pensando as religiões cristãs sob uma ótica weberiana pode se pensar o catolicismo como antagonista ao desenvolvimento moderno do Ocidente, vendo sua elevação institucional inversamente proporcional aos avanços da modernidade, afastando, por exemplo, os católicos dos altos cargos empresariais e lançando as nações protestantes, emergidas em sua própria ética teológica, desde o século XVI, à frente numa corrida desenvolvimentista, o que, segundo Max Weber "[...] pode ser explicado parcialmente em termos de circunstâncias históricas, que remontam a um passado distante [...]" (WEBER, 2013. p. 33).

No entanto, tal pensamento é passível de críticas, principalmente no que tange à relação: catolicismo e progresso técnico, por segmentos da instituição, independente do período, que flertam com o desenvolvimento tecnológico vivenciado em suas respectivas contemporaneidades, ao buscarem adaptar-se a seus cotidianos. Mesmo dentro do movimento ultramontano, houve admiradores da técnica, que buscaram ressignificar o progresso de acordo com suas necessidades, abrindo-se às inovações tecnicistas, desde que essas servissem a seus interesses.

Com isso, segundo Michel Lagrée, dentro do discurso católico, no que abarca, principalmente os anos de 1830 a 1960 – período marcado por reformas dogmáticas

baseadas no Concílio de Trento, no seio clerical – pode ser percebido o contato entre uma face profana, advinda da "técnica", e a face sagrada da Igreja (LAGRÉE, 2002. p. 18-20). Comparando, de maneira análoga, a Igreja Católica a um camaleão, nota-se, durante o desenrolar de sua História, que, desde seus primórdios, a referida instituição esteve em constante processo de adaptação às realidades que a cercavam, buscando absorver e racionalizar dentro da sua lógica de interesses, certas práticas que a princípio estavam fora do seu escopo e do seu funcionamento[54]. Diante disso, os processos de industrialização e o desenvolver tecnicista do século XIX, passaram a ser pauta para o clero católico. De acordo com Lagrée:

> Enquanto a modernidade política e ideológica questionava diretamente, até em suas obras vivas, um catolicismo que a diabolizava transformando-a em modernismo, a modernidade técnica agia em sentido contrário. Não existia então nenhuma razão objetiva que impedisse a Igreja Católica de acompanhar, mesmo que fosse às vezes com atraso, como entre Gregório XVI e Pio IX, o nascimento do novo mundo tecnológico. (Lagrée. 2012, p. 490)

Significa que, ao passo em que o século XIX ocidental assistiu o aflorar do progresso tecnicista e de uma modernidade social, o mesmo também observou o aflorar de uma face reacionária da instituição católica diante de tais mudanças. No entanto, a relação mantida entre a Igreja Católica e a modernidade pós-revolução industrial, constituiu-se de maneira até mesmo paradoxal, haja vista que a referida instituição passou a se utilizar das tecnologias oitocentistas de maneira combativa em relação aos avanços modernos em âmbito sociocultural.

Em âmbito geral, o que se percebeu ao final do século XIX foi a relação da Igreja católica – tradicionalmente uma organização social de Antigo Regime – diante das possibilidades organizacionais advindas do avanço na aceitação do protestantismo, do progresso científico (que ameaçava sua legitimidade existencial), dos discursos anticlericais e antirreligiosos, e da ilustração – até mesmo dentro da própria instituição – derivada do Iluminismo e do liberalismo, tais quais a Igreja considerava como "modernismos" (Gomes Filho, 2008 p. 76).

---

[54] Entendemos, aqui, o catolicismo não como um bloco homogêneo, mas sim como uma forma poliédrica, já que a Instituição, por mais que seja hierarquizada, abarca às mais diversas mentalidades, até mesmo antagônicas, com membros mais progressistas ou mais conservadores, convivendo de maneira contemporânea, relacionadas, por exemplo, diante do aflorar da própria industrialização no século XIX, onde se percebeu alas católicas que viam a industrialização como uma benção divina enquanto outras amaldiçoavam tal desenvolvimento. (LAGRÉE, 2002)

Dentro de uma percepção filosófica oitocentista – com falas de pensadores como Herbert Spencer – a noção de futuro se mostrava cada vez mais positiva, no sentido dos avanços científicos, técnicos e políticos, o que confrontava a ideia escatológica de um futuro apocalíptico provinda das falas católicas e ameaçava a influência, e até mesmo a existência, da Igreja dentro do cenário político-social. Com isso, a Instituição sucumbe a um movimento de reação, o movimento Ultramontano, surgido nas primeiras décadas do século XIX diante dos avanços liberais franceses, inspirado no Concílio de Trento do século XVI, e objetivando o combate ao avanço dos modernismos. De acordo com Ítalo Santirocchi, o Ultramontanismo pode ser entendido como:

> [...] uma série de atitudes da Igreja Católica, num movimento de reação a algumas correntes teológicas e eclesiásticas, ao regalismo dos estados católicos, às novas tendências políticas desenvolvidas após a Revolução Francesa e à secularização da sociedade moderna. ” (Santirocchi, 2010. p.24)

O movimento tinha como premissas básicas o aumento do rigor nas noções de hierarquia dentro da Igreja, impondo obediência total à figura papal e dos bispos diocesanos, que agora deviam ser nomeados pelo próprio Papa, e impondo também a condenação dos discursos modernos (Santirocchi, 2013. p 1-7). Tal movimento desembarcado no Brasil, ainda em meados do século XIX, ganhou maior importância após a separação legal entre Estado e Igreja, com a laicização constitucional em 1889, na medida que o referido modelo católico serviu como guia e suporte para a reestruturação da Igreja católica, agora sem a tutela do Estado.

A espiritualidade e a fé dos católicos brasileiros passaram a ser trabalhadas com veemência pelos bispos ultramontanos, influenciados por perspectivas discursivas vindas da Europa, para que os fiéis materializassem os mandamentos da Igreja e fortalecessem a sensação de presença da instituição (Caes, 2002). Era necessário à Igreja solidificar seus discursos[55] doutrinários para que houvesse a consubstancialização de seus dogmas na vida prática dos fiéis, de forma pública e privada. Diante disso, ao final do século XIX, no Brasil, eclodiram tipografias católicas, que passaram a redigir dezenas de jornais ligados aos interesses da instituição, exemplificando o uso das inovações técnicas desde que essas atendessem aos interesses da Igreja.

[55] Segundo Michel de Certeau, dentro dos discursos se faz presente a noção de conteúdo disciplinador, produzido e propagado em instâncias institucionais, que são vistos como espaços legitimados para a criação das verdades e que têm o direito de interferir no corpo social, procurando homogeneizá-lo. Ver: CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano*: morar, cozinhar. v. 2. Petrópolis: Vozes, 1994.

Entre os anos de 1870 e 1945, de acordo com Lustosa, viu-se no Brasil a explosão, organização e articulação do periodismo católico. Após a Questão Religiosa (1873-1875) surgem pequenos periódicos nas comunidades eclesiais de todo o país, como uma reação diante dos embates deflagrados em âmbitos político e social. Com a Proclamação da República e declaração de laicidade do Estado, na Constituição de 1889, a Igreja utilizou-se da imprensa para tentar impedir a perda cada vez maior de seus direitos e de sua influência (Lustosa, 1983, P. 15), a chamada "boa imprensa".

É dentro desse cenário que devemos entender o surgimento do periódico *O Apóstolo*, criado pelo então bispo do Piauí, Dom Joaquim Antônio de Almeida, dentro do contexto nacional de restruturação católica, no qual a Igreja atuava em um campo de estratégias ultramontanas, com o ímpeto de combater a expansão de ideias modernas. Assim a religião católica protegia-se de tendências seculares consideradas pela Igreja como perigosas, como a maçonaria, o protestantismo, o espiritismo, o ateísmo, o comunismo, dentre outras que circulavam em Teresina (Pinheiro Filho, 1997) e defendia-se das críticas satíricas direcionadas ao clero e à instituição, utilizando-se da imprensa para reverberar suas linhas de atuação no meio social.

Os jornais diocesanos acabavam atuando como propagandistas das ações do bispo e das ideias reformadoras da instituição. Não foi diferente, no caso d'*O Apóstolo*, no qual se percebe de modo frequente a divulgação das ações de D. Joaquim Antônio de Almeida, bem como a constante presença das ideias ultramontanas, como vimos em seu editorial, postos como um dos objetivos que irá reger a montagem do corpo editorial do periódico. O boletim expressava a vontade da instituição católica em apartar-se da política partidária, buscando permanecer viva na sociedade e na mente de cada um dos indivíduos, homens e mulheres a quem procurava alcançar e moldar com seus discursos de cunho religioso e disciplinador. Seu idealizador, Dom Joaquim Antônio, que tinha acabado de deixar as redações do *A Imprensa*, jornal católico paraibano, decidiu criar em sua Diocese no Piauí um veículo de divulgação nos mesmos moldes e com objetivos semelhantes.

Dentre o meio das novidades seculares que preenchem a consciência social do homem no século XVIII-XIX vem o uso deliberado e cada vez mais popularizado da imprensa advindo dos movimentos de mudança social que ocorriam no período, as revoluções, as independências, o enfraquecimento do Antigo Regime e a ascensão do letrado homem burguês. A imprensa passa a ser utilizada como instrumento de ataque às

antigas forças repressivas materializadas na figura do rei absolutista e do Papa. Pelas palavras do historiador Sérgio da Mata:

> [...]sistemas de crença, seitas e igrejas não refluíram ante o avanço da ciência e da racionalização. A 'ilusão' religiosa passou a se servir e cada vez mais da técnica, de forma a ampliar a sua influência. O mundo não foi desencantado. (Mata, 2010, p. ?)

Com o pontificado de Leão XIII veio a reação prática aos avanços modernos, dentre suas estratégias, esvaziando a tecnologia de *alma*, ou seja, neutralizando a tecnologia para que a mesma pudesse ser utilizada pela própria Instituição, Leão XIII convocou o corpo eclesiástico para utilizar a imprensa como meio de divulgação das "verdades" pregadas no discurso da Igreja. É a utilização da técnica para barrar o enfraquecimento do monopólio religioso no seio social.

De acordo com o pesquisador Oscar de Figueiredo Lustosa, a partir do Concílio Plenário Latino-americano, celebrado em território romano no ano de 1899, deu-se início ao "surto pastoral de iniciativas e empreendimentos novos para diversos países da América Latina" (Lustosa, 1983, p. 17) consequentemente, a partir de então, os episcopados passaram a se organizar em torno de projetos que objetivam a expansão da influência católica na referida região. Com as Conferências e Congressos Católicos no Brasil – encontros nacionais ou regionais que tiveram larga influência em setores vitais das comunidades eclesiásticas – a discussão em torno da Imprensa Católica, passou a ocupar local de destaque dentro dos projetos de atuação episcopal (LUSTOSA, 1983.p 18).

A Imprensa Católica, propagada no seio da Instituição como a boa imprensa, mais do que um meio de comunicação social da Igreja tornou-se um meio estratégico de difusão de objetivos, proposições e representações de poder, como forma de enraizamento, na sociedade, dos dogmas ou princípios morais daquela instituição. Assim, afirma Oscar de Figueiredo Lustosa:

> A imprensa católica é uma espécie de termômetro da vitalidade da comunidade eclesial em cada uma das épocas históricas significativas. Através de uma leitura crítica dos periódicos se toma o pulso da atuação da Igreja, de suas posições e se pode contar com dados preciosos e diversificados para uma interpretação objetiva da participação dos católicos na vida da sociedade brasileira. (Lustosa, 1983. p.72)

Segundo o presidente da CEPEHIB – Centro de Pesquisas e Estudos de História da Igreja no Brasil – o frei Oscar de Figueiredo Lustosa, o periodismo católico inicia-se no Brasil em meados de 1830, no que ele chama de fase de iniciação, em que se viu a hegemonia do artesanato na confecção dos jornais, bem como a dispersão temática nos mesmos, com um pequeno raio de ação e um curto período de circulação. Jornais caracterizados por um estilo que, de acordo com o autor, mais pareciam um prolongamento do catecismo, voltados para a questão do culto, da piedade e da doutrina, os quais objetivavam estender aos fiéis os ensinamentos eclesiásticos (Lustosa, 1983. p. 13-14).

A Igreja usava a imprensa como espaço para divulgar as suas ideias, convicções e assim combater seus inimigos em matéria religiosa, política e social, ou seja, uma arma de combate à Maçonaria, ao protestantismo, ao espiritismo e às ideias modernas, em síntese, os jornais católicos eram instrumentos de defesa dos interesses eclesiásticos.

De acordo com José Pereira de Sousa Júnior, entre 1870 e 1930, circulavam dezenas de jornais católicos espalhados pelo território brasileiro, como: *A Boa Nova* (Pará), *A Tribuna Católica* (Ceará), A União (Pernambuco), *A Crônica Religiosa* (Bahia), *O Bom Ladrão* (Minas Gerais), *O Tambor* e *O Mensageiro do Coração de Jesus* (São Paulo), *A Imprensa* e *A Voz da Mocidade* (Paraíba), *O Oito de setembro* e *A Ordem* (Rio Grande do Norte) e tantos outros periódicos, que, por sua grande quantidade, comprovam a preocupação católica em expandir o contato com a "boa imprensa" (Sousa Junior, 2015. p.3). A ideia da igreja católica, era subverter o papel da imprensa, fazendo com que ela passasse de instrumento exclusivamente veiculador das mensagens de progresso, de liberdade, e de novas possibilidades de ordenamento social esvaziados de princípios católicos, e se transformasse em veículo também divulgador dos princípios católicos, a fim de disseminar os referidos preceitos e fortalecer os vínculos da Igreja com a sociedade e com o Estado.

É nesse contexto que Dom Adauto Aurélio empreende, juntamente com outros bispos no Brasil, e recomenda o uso da "boa imprensa" para a divulgação das "verdades" que somente à Igreja Católica cabia apregoar. "É dever de todos os católicos sustentar, conforme suas posses, a boa imprensa, avigorar, na medida de suas forças o jornalismo católico." (CARTA PASTORAL, *Do nosso dever para com a imprensa.* 1918. p. 6) comunicava o referido bispo ao seu rebanho, cobrando dos católicos a manutenção da boa imprensa na sociedade, já que, para ele "à imprensa católica,

sobretudo, está confiada a missão de salvar a sociedade, de vivificá-la." (CARTA PASTORAL, *Do nosso dever para com a imprensa.* 1918. p. 15).

Consciente da importância da imprensa católica, e do potencial que tal veículo de comunicação teria na interação da Diocese com os fiéis, Dom Joaquim Antônio de Almeida, ainda em 1907, empreendeu na Diocese piauiense, como mais uma de suas iniciativas, a criação e circulação do jornal católico *O Apóstolo*, objetivando uma maior difusão de seus atos e ensinamentos de fé. Seguia o *modus operandi* de Dom Adauto, bispo da Paraíba, com quem havia trabalhado e aprendido a prática do pastoreio de fiéis católicos.

O Apóstolo tinha no seu corpo de editores e redatores, personagens como: Monsenhor Fernando Lopes, seu primeiro editor-chefe; Elias Martins[56], Monsenhor Joaquim de Oliveira Lopes[57] e Cônego Raimundo Gil[58]. A chamada "boa imprensa" servia como estratégia de ação levando ao cristão católico, leitor dos jornais religiosos, a ideia de cristandade que ele devia expressar. Além dos redatores já apontados, escreviam também no referido jornal outros articulistas como: "[…] 'os seminaristas Manoel Otaviano, Jefferson Urbano, Cícero Portella. Vale ressaltar que o próprio bispo, também, em inúmeros casos, atuava como redator do *O Apóstolo*, de forma explicita, ou em anonimato. (Santos Neto, 2016. p. 151)

O jornal da Diocese piauiense, *O Apóstolo*, tendia a atender a essa demanda, publicando semanalmente em suas páginas, de forma majoritária, mesmo que num primeiro momento, artigos referentes à vivência da fé, doutrinando as práticas cotidianas de seus leitores, colocando-os como soldados da fé católica "A manifestação sincera do credo católico à defesa da religião em todos os seus princípios, importa hoje a luta decidida contra muitos preconceitos sociais que estabelece, o divórcio entre Deus e as criaturas [...]". (NOTAS a esmo. *O Apóstolo*. 1907. p. 1)

---

[56] Elias Firmino de Sousa Martins nasceu em Picos (PI), bacharelou-se em Direito, em 1890, na Faculdade de Direito do Recife. Após formado exerceu a função em Teresina. Elias Martins elegeu-se deputado federal pelo Piauí em 1897 e exerceu o mandato até 1899. Fundou o jornal *República* e colaborou nos periódicos *A Atualidade*, *O Estado*, *O Diário*, *O Apóstolo* e *Jornal de Notícias*. Cf.: REDUSINO, 2019.

[57] Joaquim de Oliveira Lopes nasceu em Picos (PI) no ano de 1870, foi sacerdote, professor e jornalista. Ordenou-se em 19 de maio de 1894. Vigário de Itamarati, atual Pedro II, em 1897. Posteriormente passou a ser vigário da Igreja de Nossa Senhora do Amparo. Foi um dos maiores idealizadores e contribuintes da criação do bispado piauiense e um dos colaboradores do jornal *O Apóstolo*. REDUSINO, 2019.

[58] Vigário da catedral de Nossa Senhora das Dores. Foi escolhido pelo bispo diocesano Dom Joaquim Antônio de Almeida para exercer o cargo de vigário geral da Diocese do Piauí. Assumiu governo diocesano, logo depois da transferência do bispo para Natal. Considerado homem de posses, doou a chácara que foi residência do primeiro bispo do Piauí. REDUSINO, 2019.

Dom Joaquim Antônio instalou a redação do jornal em uma tipografia comprada pela Diocese na rua Olavo Bilac, número 8 em frente à Praça Saraiva, com circulação aos domingos, e assinatura custando, inicialmente, 1$000 a mensalidade e 10$000 a anuidade, que vigorará em tal taxação até a edição do número 51 (19 de maio de 1909), quando o jornal passa a ter um preço mais baixo, indo a $500 sua mensalidade e 6$000 sua assinatura anual – pouco tempo antes de adentrar sua segunda fase no perfil editorial (*O APÓSTOLO*, 1907. p. 1). Quando criado pela recém-instalada diocese piauiense, o periódico dominical trazia, inicialmente, como subtítulo, a inscrição "*Órgão Oficial da Diocese*" sendo o próprio Bispo um de seus principais colaboradores, chegando até mesmo a redigir alguns artigos. Os editores faziam constar um informativo na primeira página em que se afirmava: "Aceitam-se artigos de colaboração, contanto que não se afastem do nosso programa" (*O APÓSTOLO*, 1907. p. 1) demonstrando a preocupação dos redatores com a linha editorial de vertente religiosa assumida pelo jornal, para que os textos não se desvinculassem de seu foco inicial.

O Apóstolo foi criado como umas das ações católicas de Dom Joaquim, objetivando levar mais adiante as mensagens clericais e deter o enfraquecimento do catolicismo na sociedade piauiense mediante o avanço da maçonaria, que se expandia principalmente dentro da política e do governo, materializada na circulação de periódicos maçônicos, como o jornal *A Luz* (1890-1908), cuja redação trazia nomes como Miguel Rosa, Abdias Neves, Luís Nogueira, Chaves Junior, João Pinheiro e Antonino Freire, homens envolvidos com o mundo literário do Piauí e também com a política partidária local.

As batalhas travadas entre a Igreja e a maçonaria tiveram importante papel nas tomadas de decisões feitas pelo bispo Dom Joaquim. No período em análise, a maçonaria ganhou significativa influência no governo do Estado, em virtude da presença de pessoas filiadas à referida instituição nas entranhas do poder estadual, o que dificultou a expansão das ações ultramontanas de Dom Joaquim Antônio e provocava distanciamentos entre o bispo e parcela das oligarquias piauienses, principalmente em Teresina. (Monteiro, 2015. p. 164).



O APOSTOLO

Orgam Official da Diocese

ANNO I — Piauhy — Theresina, 26 de Maio de 1907 — Brasil — NUM. 2

EXPEDIENTE:

Assignaturas

Anno . . . . . 10$000
Semestre. . . . . 6$000
Um mez. . . . . 1$000

Acceitam-se artigos de collaboração, com tanto que se não afastem do nosso programma.

—Publicação Semanal—

Redação e Officinas—Rua Santo Antonio—6

O CRITERIO DA ANALYSE

A analyse dos factos que se desenrolam no mundo social, é hoje o que mais prende as nossas attenções, e mais nos impressiona, maxime quando essa analyse deixando de ser systematica e parcial, torna-se criteriosa, concorrendo assim para a orientação dos actos todos que dizem respeito ao bem geral.

Para os que se atiram a essa tarefa, alias melindrosa, de analysar os factos, é necessario, primeiro, o estudo serio sobre elles, e em segundo logar, a indagação das causas que os determinaram—sua efficiencia—porque, o desprezo desta lição esperimental, traz irremediavelmente o resvalo no desfiladeiro das inverdades e injustiças, pela precipitada analyse dos que se não conhecem bem.

E' certo que a paixão não orienta, nem a benevolencia estimula; a opinião criteriosa, e justa, porém, é que poderá normalisar as acções individuaes no campo da religião, da sciencia e da vida publica.

Indagar os effeitos sem o estudo apreciativo das causas, é repudiar os sãos principios da philosophia que prescruta e investiga as intrinsecas e extrinsecas determinações dos actos humanos.

Hoje, analysam todos e se analysa tudo; mas o que é de contristar, e de lamentar-se mesmo, é o não se resistir, muitas vezes, ás paixões violentas, resistencia essa que seria o mais admiravel triumpho para as almas fortalecidas pela fé, a mais completa victoria para os homens que se não regem pelos impetos da natureza nas ancias febris das impressões primeiras, e sim pelas maduras reflexões que nascem, por certo, do pensamento em plena calma, do espirito que raciocina e mede as consequencias das precipitações.

A analyse--muitos os ha que a querem feita pelo homem sob o influxo unico de sua animalidade; más isto importa a paralysia da razão que se deve unir à consciencia para os estudos especulativos e praticos. O apreciador não pode desprezar estas duas potencias, principalmente quando estuda o que é consoante ao bem geral, ao governo dos povos, ao bem da religião, á prosperidade da republica, ao principio de autoridade, à harmonia social, á paz da familia, sob pena de se atirar ao abysmo profundo de amarguras suas e reprovação da sociedade offendida em sua soberania.

O criterio da analyse, por consequencia, está na justeza com que se devem julgar os factos, e sem preconceitos, porque, como muito bem disse Balmes em sua «Philosophia Pratica», o homem a quem um preconceito domina não vê nos livros nem nas cousas o que os livros e as cousas contêm, mas só vê aquillo de que precisa para apoiar suas opiniões.

Não basta se perceber e julgar um facto,—é necessario defini-lo, porque a definição é a luz da percepção e do juizo, e sob a influencia dessa luz é que poderá prosseguir livremente o raciocinio, quando tenta demonstrar á opinião publica, a veracidade do facto sobre que assenta a analyse imparcial.

O jornalismo é no momento actual, mais que nunca, a mola admiravel dessa opinião; e sendo assim, concebe-se cada vez mais, a necessidade da rectidão na descripção dos factos e sua analyse, para que elle possa merecer o favoravel conceito da opinião publica, recebendo o amplexo estreito dos que estudam os homens e as cousas pela razão esclarecida.

O sr. ministro do Interior resolveu manter a declaração constante do aviso de 22 de março do corrente anno, determinando que, quando em qualquer secção de um estabelecimento de ensino, existirem dous lentes substitutos, estes devem ser empregados alternadamente nas regencias das cadeiras da sua secção e no exercicio dos cursos complementares.

Consta que existe séria desintelligencia entre o dr. Tavares Lyra, ministro do Interior e o commandante do corpo de bombeiros.

CHRONICA DA SEMANA

A terra brasileira, tão vasta e tão generosa, como prova com a inegualavel hospitalidade que tem dispensado a milhões de adventicios que haurem de seu seio ubertoso e inexgottavel, os mais amplos meios accumulativos de fortunas collossaes, já não guarda, no seu regaço de mãe, a doçura de um carinho, para abrigar, em poucos palmos de terra, um dos seus filhos illustres que a ingratidão de seus irmãos arremessou do torrão natal, para terras longinquas e extranhas, onde não sopra a brisa suave e perfumada que lhe embalou o berço querido.

E' o principe Luis de Orleans, filho da generosa princeza D. Izabel, cognominada—a redemptora, pelo seu rasgo de patriotismo na abolição da escravatura do Brasil; è esse brasileiro illustre que talvez ame, muito mais, a liberdade do seu paiz do que os nossos potateiros; é esse um filho desta terra livre, que não tem a liberdade de visitar os saudosos recantos, onde nasceu!

Soubessemos medir a dor da saudade, as tristes recordações do torrão natal, si, porventura, delle auzentes nos achassemos; conservassemos, na memoria, os primeiros idyllios da meninice, brincados á sombra do tecto que nos viu nascer; imaginassemos que esse dithyrambo dos primeiros annos, vale muito mais do que todo o poema da vida; sentissemos que o principe brasileiro tambem tem um coração como o nosso, que sorveu, nos primeiros annos de sua juventude, o ar puriissimo e perfumado das flores de nossos campos, e lhe teriamos aberto as portas de nossos lares, dando-lhe o nosso adeus de patricio.

Só isso seria bastante para dar-lhe direito ao nosso abraço, si, por acaso, não existisse mais, em nossos corações de povo generoso e civilizado, o merecido reconhecimento aos seus illustres descendentes que aqui tiveram o berço, e que tantos serviços prestaram a esta terra que lhes foi tão ingrata.

Que desejava o neto de Pedro II?

Não mais do que visitar a sua patria carinhosa; percorrer os velhos logares, onde sentiu, outr'ora, as pancadas desta luz tropical; beijar, talvez, um punhado da terra que seu pé infantil calcou pela primeira vez!

Nem isto lhe foi concedido!

O filho de D. Izabel, teve que se deter lá no meio da formosa Guanabara, contemplando, apenas, as torres das igrejas e dos castellos, que se desafogam da immensidade de casas que embellezam a tão falada terra carioca, ou lançando olhares de recordação, cuados, talvez, por entre reticencias de lagrimas, para o legendario gigante de pedra, cantado pelo estro indigena de Gonçalves Dias e pelas balladas romanticas de Magalhães.

Filho deste paiz immenso que sonha com um futuro melhor, sob o docel constellado do céu americano, Luis de Orleans não podia ter um coração pequenino e mesquinho.

E, assim, lançou solemnemente o seu protesto em face de tamanha ingratidão, e appellou, não mais para a justiça dos homens que, nem sempre, obram com rectidão, mas para a de Deus, que é a unica immutavel e verdadeira.

O vapor que o trouxe á terra natal, indireitou a proa para as republicas do Plata, onde o illustre brasileiro irá colher residuos historicos que o sangue de seus patricios, sob a tactica victoriosa de seu avô materno, gravou nos campos pantanosos do Paraguay.

Que os galernos ventos o conduzam, e a noite do despreso não enlute a sua alma de brasileiro com o *ingrata patria, non possidebis eam nec!*

Mendes Freire.

As riquezas do Norte

(Conferencia)

Começamos hoje a dar publicidade da 1.ª conferencia que o illustre Dr. Antonio dos Passos Miranda, proferiu em presença do Exmo. Sr. Presidente da Republica, do Eminentissimo Cardeal e de muitas autoridades civis e militares do Rio de Janeiro, tomando por thema: as riquezas do Norte.

Foi talvez o amor immenso que elle vota a essa região da qual è filho, que o fez dissertar tão brilhantemente, como quem conhece e viu tudo o que mostra em abandono e cuja parte, a mais prospera e feliz, só mereceu, até hoje, o olhar compassivo do velho que dirige e governa a grande nação brazileira.

O orador mostra tudo, minuciosamente e submettido aos dados de rigorosa estatistica, descreve o campo vastissimo de nossa actividade, de nosso trabalho, de nosso futuro no commercio, na creação, na agricultura, principalmente onde se vê o maior abandono, e termina com um brado de animação aos valentes nortistas, onde se encontra indubitavelmente um povo já envelhecido na lucta e sempre forte na conquista de seus direitos e ancioso de um bem estar, melhor que este, legado pelo nossos antepassados.

E' por isso que recommendamos a leitura de tão precioso documento, aos nossos leitores, promettendo-lhes sempre que podermos, offerecer-lhes leitura variada e bôa, na propaganda a gricola, que assim julgamos iniciada.

Sr. Bispo Diocesano

Como noticiamos, seguiu no dia 20 do andante para a bella cidade de Parnahyba, acompanhado do estimado sacerdote Padre Bianor e do seminarista Lindolpho Uchôa, S. Excia. Revdma., o Sr. Bispo Diocesano que alli vae tratar de negocios do seu sagrado ministerio.

Foram ao embarque de S. Excia. o Seminario, Collegio Diocesano e muitas pessôas gradas de nossa sociedade.

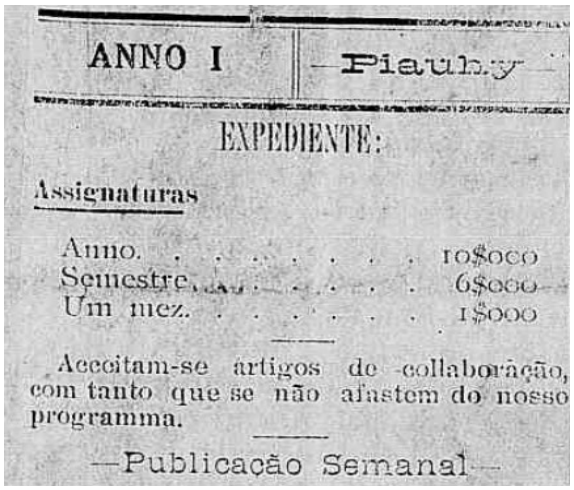
Que faça optima viagem e volte em breve á sua Sede Episcopal, são os nossos ardentes votos.

Le Figaro publica o texto de tres cartas de monsenhor Montagnini, nuncio apostolico, ao cardeal Merry del Val, secretario do Vaticano, em que o nuncio assevera que o chefe do gabinete francez, sr. Clemenceau, mediante quantia em dinheiro, consentiria que se exercesse o culto publico nas egrejas catholicas.

Primeira página do jornal católico piauiense *O Apóstolo.* 26 maio 1907. n. 2. ano I. In: https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=408506&pesq=&pagfis=5 Acessado em: 23/11/2022

Os redatores do jornal, tendo Monsenhor Fernando Lopes como diretor principal durante o período, de certa forma, ultramontano de sua redação, lançam *O Apóstolo* dentro do cenário da imprensa piauiense, autodescrevendo-o como "[…] elemento de ordem, paz e prosperidade […] o leal defensor de sua fé inquebrantável." (O NOSSO aparecimento. 1907. p. 1). Já em seu editorial, é definido como um braço da Igreja na luta para manter a ordem em uma sociedade refém do avanço de pensamentos "malévolos" que usam as ideias de ciência, progresso e mundo moderno, para afastar a população de Deus e da Igreja. Como já pontuamos, anteriormente, o periódico aceitava

artigos e colaborações, desde que alinhadas ao objetivo central do jornal, assim como era prescrito no jornal católico *A Imprensa* quando Dom Joaquim era seu redator: "Aceita toda colaboração desde que seja digna de ser publicada. Não se publicam escritos cuja procedência seja ignorada pelo Diretor." (A IMPRENSA, 4 out 1903. p.1)



ANNO I — Piauhy

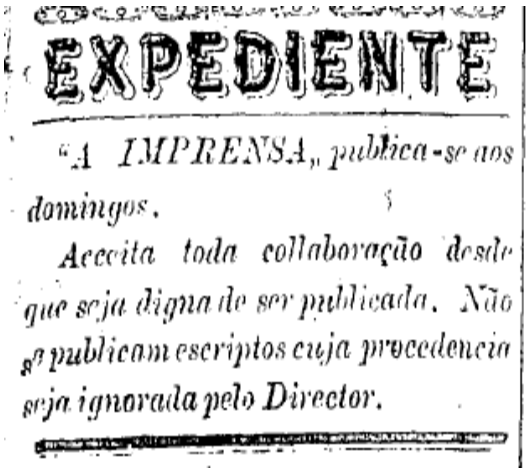
EXPEDIENTE:

Assignaturas

Anno. . . . . 10$000
Semestre. . . . . 6$000
Um mez. . . . . 1$000

Acceitam-se artigos de collaboração, com tanto que se não afastem do nosso programma.

—Publicação Semanal—



EXPEDIENTE

"A IMPRENSA" publica-se aos domingos.

Acceita toda collaboração desde que seja digna de ser publicada. Não se publicam escriptos cuja procedencia seja ignorada pelo Director.

59

Nesse contato inicial com o leitor, a redação do jornal traz, em seu editorial, os objetivos que regem a montagem e circulação do periódico, nos possibilitando perceber a disponibilidade da instituição para com a ordem cívica, zelando por seus fiéis de maneira patriótica, com olhar atento às novas gerações, consideradas mais propensas às modernas maneiras de pensar. Além disso, pode-se perceber a militância em sua fala institucional reverberada no artigo. A Igreja impõe-se como a responsável pelo pastoreio da sociedade, conduzindo os fiéis ao caminho voltado para Deus. A Igreja era portadora de um dispositivo discursivo capaz de manter o ordenamento social. Assim, podemos compreender que o periódico visava articular a conciliação de um sentimento patriótico, a defesa do progresso nacional e do Estado, com os princípios e dogmas da religião e da fé (Pinheiro, 2001. p. 54), a fim de despertar no leitor o espírito do "bom cidadão":

> […] Os nossos intuitos? São eles: Trabalhar pelo bem da Pátria Piauiense, tornar conhecidos os benéficos frutos dessa Religião santa, cujas bênçãos superabundantes, caindo sobre a geração nova que surge e em todos os corações, sem distinção de classe e posição, unificando-os pelo mesmo sentimento, trarão as vantagens inconcussas da fé, abrindo as portas dessa grande escola, cujo preceptor é o Maior dos Sábios. […] Com o Evangelho no peito, na destra a Cruz gloriosa de Jesus, e os olhos voltados para Deus, abriremos rota em busca das grandes conquistas, pelo bem, pela

[59]Primeira página, respectivamente, dos jornais O Apóstolo e A Imprensa.

> verdade e pela justiça e o nosso Lábaro terá esta divisa: pela Pátria e pela Religião […]" (NOSSO apareccimento. O Apóstolo. 1907. P. 1)

Até as edições do ano de 1909[60], o periódico focou na divulgação dos princípios que norteavam o pensamento teológico do clero diocesano, assim como o perfil de fiel desejado: contrito, marcado por uma vivência da fé marcadamente espiritualizada e introspectiva, demonstrando que a presença e influência da Instituição permaneciam marcantes no meio social. Essa era a imagem que a Igreja Católica desejava fortalecer no seio da sociedade: continuar sendo vista como uma instituição influente, viva e forte, que não se deixaria abater pelos ataques que vinha sofrendo nos campos político e ideológico, durante os séculos XIX e XX.

Além disso, eram consideráveis os artigos relacionados às práticas pastorais de Dom Joaquim Antônio, os redatores preocupavam-se em comunicar todos os passos e missões do bispo e do clero católico de Teresina nas visitas pastorais. A imprensa servia como estratégia de ação que favoreceria meios para alcançar essa finalidade, levando ao cristão católico leitor do jornal religioso, a ideia de cristandade que ele devia expressar. O jornal *O Apóstolo* deveria atender a essa demanda publicando em suas páginas, de forma majoritária, artigos referentes à vivência da fé, doutrinando as práticas cotidianos de seus leitores, colocando-os como soldados da fé católica:

> A manifestação sincera do credo católico à defesa da religião em todos os seus princípios, importa hoje a luta decidida contra muitos preconceitos sociais que estabelece, o divórcio entre Deus e as criaturas […] (O APÓSTOLO, *Notas a esma.* 6 out. 1907. p. 1)

Em seu primeiro editorial, a redação d'*O Apóstolo* enfatizava o interesse pela expansão de seu alcance por toda a extensão territorial do bispado piauiense, almejando a máxima circulação do periódico, tornando possível o consumo das mensagens do bispo não só em Teresina, mas também pelo interior da Diocese, sendo incentivada sua leitura pelos párocos responsáveis por cada cercania. Além de reafirmar o interesse em maximizar o seu alcance geográfico, objetivava ainda elevar seu alcance social, ao afirmar a intenção de ser lido por todas as classes sociais, não se restringindo apenas às elites, pois, somente assim, teria efetivo caráter missionário:

> [...] *O Apóstolo* aparece no seio da sociedade teresinense, mas a sua missão não é circunscrita no perímetro desta capital; ele irá além o qual enviado da Providência, subirá as escadarias do mais rico, como

[60]Tomou-se como marco a edição de 11 de julho de 1909, por ser a partir dessa edição que o jornal deixou de ter a supervisão do bispo.

> descerá ao albergue do mais pobre, falará a todos *omni creaturae* e, sem discrepância, pregará a mesma doutrina *praedicate Evangelium* […]" (O APÓSTOLO, *O nosso apareccimento*. 19 mai 1907. p.1)

A desejada circulação do periódico por outros municípios do Piauí pode ser percebida, dentro do próprio jornal, na constância de telegramas recebidos de outras cidades, além de artigos e notícias encaminhadas por correspondentes[61], que aproveitavam o espaço do jornal para publicar novidades sobre suas regiões, o que mostra que *O Apóstolo* era lido fora de Teresina. De acordo com as publicações disponíveis e analisadas do jornal, até a edição de número 51 (O APÓSTOLO, 19 mai 1908. p. 2), o periódico ainda mantinha um espaço exclusivo para a publicação de telegramas, sempre na primeira coluna de sua segunda página, em uma seção exclusiva intitulada inicialmente como "Telegramas"[62], passando, posteriormente, a ser intitulada como "Notas Telegráficas"[63], em que se publicavam artigos referentes a notícias sobre os outros municípios, outros estados ou atualidades internacionais. Pode-se pontuar o uso desses telegramas como artefato noticioso, que informava à comunidade católica, leitora do jornal, sobre o cotidiano das demais regiões, principalmente do que era relativo aos assuntos religiosos. Na edição do dia 2 de junho de 1907 são publicados dois telegramas referentes à cidade de Parnaíba, enviados pelo Padre Lopes, neles são expressos comentários a respeito da instalação das Irmãs Catarinas no município e sobre a inauguração do Colégio das Irmãs, naquela cidade como mais uma das obras diocesanas:

> [...] Parnaíba, 20
> [...] As irmãs catarinas se acham instaladas na chácara do instituto.
> Saudações
> Padre Lopes
> Parnaíba, 31

[61] Ao longo das publicações feitas no jornal nos são revelados os nomes de alguns correspondentes d'*O Apóstolo* distribuídos pelo Estado, entre eles, estão: Coronel Raymundo Ribeiro, Correspondente do município de Miguel Alves (O APÓSTOLO, Teresina, ano 1, n. 26, p. 3, 10 nov. 1907.); Coronel Hermelindo Cardoso de Vasconcelos, Correspondente do município de Castelo (O APÓSTOLO, Teresina, ano 2, n. 104, p. 2, 6 jun. 1909.); Capitão Joaquim Bostoque, Correspondente do município de União (O APÓSTOLO, Teresina, ano 3, n. 122, p. 4, 10 out. 1909.); Capitão Aarão Sant'Anna, Correspondente do município de Campo Maior (O APÓSTOLO, Teresina, ano 4, n. 158, p. 4, 26 jun. 1910.); Coronel Raymundo Silva, Correspondente do município de Parnaíba (O APÓSTOLO, Teresina, ano 1, n. 26, p. 3, 10 nov. 1907.); Coronel Hermano Brandão, Correspondente do município de Floriano (O APÓSTOLO, Teresina, ano 5, n. 243, p. 2, 21 jan. 1912.); Coronel Francisco Soares, Correspondente do município de Itamaraty – atual Pedro II (O APÓSTOLO, Teresina, ano 4, n. 275, p. 2, 27 out. 1912).

[62] O APÓSTOLO, Teresina, ano 1, n. 40, p. 2, 23 fev. 1908.

[63] O APÓSTOLO, Teresina, ano 1, n. 41, p. 2, 1 mar. 1908.

> Foi inaugurado o Colégio das Irmãs Catarinas, sob a invocação de N. S. das Graças, com a presença do Exmo. Sr. Bispo e o escol da sociedade parnaibana, havendo brilhantes discursos (O APÓSTOLO, *Telegramas,* 2 jun. 1907. p. 2)

Além de Parnaíba, *O Apóstolo* recebeu telegramas, também, das cidades de Amarante, Regeneração, Picos, Jaicós, Oeiras e Campo Maior. Analisadas as 51 edições disponíveis em que ainda se encontram dentro da primeira fase *d'O* Apóstolo, a seção de telegramas, nos foi possível contabilizar um total de 12 telegramas recebidos e publicados, vindos do interior do Estado, sendo 6 deles referentes à chegada do bispo diocesano à cidade que remetia o telegrama. Assim como os telegramas, o jornal publicava correspondências vindas de Floriano, Batalha, Piracuruca, Bom Jesus, dentre as já citadas. O conteúdo das correspondências, geralmente, fazia referências às festas religiosas ocorridas nas cidades, como é o caso do artigo sobre Piracuruca, que trata do encerramento das festas de S. Antônio de Lisboa:

> Encerrou-se no dia 13 do corrente mês de junho na cidade de Piracuruca a festa em honra ao glorioso Santo Antônio de Lisboa.
> Foram cantadas com todas as solenidades compatíveis com o meio e com os costumes as trezenas, tendo desde o começo grande concorrência de fiéis que acudiam pressurosos á linda igrejinha, tornando assim bem patente a devoção que têm para com aquele grande santo.
> No dia 13 foi cantada missa solene e á tarde efetuou-se a procissão, atos estes celebrados, como as trezenas, pelo virtuoso sacerdote vigário desta freguesia Padre Joaquim Leal [...].(O APÓSTOLO, *Piracuruca*, Teresina, ano 1, n. 7, p. 3, 30 jun. 1907.)

O uso da técnica pela Igreja Católica como instrumento que deve ser utilizado como aliado para o fortalecimento da mensagem religiosa aparece, também, no jornal *O Apóstolo* em que a perspectiva aparece como questão sutil, mas que chama a atenção. *O* posicionamento da referida Instituição com relação ao conhecimento científico, esvaziando a ciência e instrumentando-a para seus preceitos. Segundo os editores do periódico, a Igreja Católica não condenava o avanço científico, pelo contrário, a instituição defendia o progresso técnico, desde que esse conhecimento se desse em comunhão com as ideias religiosas. A ciência deveria ser aliada aos propósitos divinos, não se colocando como inimiga, no desenvolvimento de um projeto de sociedade tecnológica, mas cristã:

> Pode um homem de ciência ser católico?

> [...] verás que os grandes gênios da humanidade que viveram na era cristã foram católicos e católicos convictos, muitos até sacerdotes. (O APÓSTOLO. *Correspondência.* 19 maio 1908. p. 4)

Em publicação datada do dia 30 de maio de 1909, *O Apóstolo* divulga, em sua última página, um artigo redigido por *Latino Coelho* no qual o autor coloca a ciência como aliada da religião, para poder se entender a criação divina:

> [...] Por isso os dois maiores tesouros da humanidade tem sido, e serão sempre a religião e a ciência.
> Não penseis que são adversários e incompatíveis, porque o fanatismo ou a impiedade, rompem, ás vezes, por algum tempo, os laços com que intimamente se encadeiam a fé e a razão, o dogma e a ciência [...].
> [...] Não basta a fé para entender os enigmas do mundo fenomenal. Não basta a razão para decifrar os mistérios do mundo inteligível (COELHO, Latino. A ciência e a religião. *O Apóstolo.* 30 maio 1909. p. 4)

Em muitos artigos*, O Apóstolo* se faz propagandista das invenções de Santos Dumont[64], relacionando a figura de cientista e religioso "Santos Dumont conserva em seu coração os sentimentos católicos" (O APÓSTOLO, *Correspondência*. 19 mai 1908. p.4). Nos primeiros anos de publicações, *O Apóstolo* divulgou as obras criacionistas de Santos Dumont em nove publicações, reverberando a atuação do inventor pela comunidade católica leitora do periódico, divulgando a figura do cientista religioso, o que deixa perceber como a Igreja se utilizou da figura do inventor brasileiro como estratégia de divulgação da sua forma de consumir a modernidade através da seção de telegramas. Assim como em 1912, na edição de número 264, um articulista sustenta a máxima de que:

> A religião cristã […] acompanhando todas as descobertas da verdadeira ciência, dando seu apoio a todos os espiritos superiores, trabalhando assim na obra grandiosa da civilização moderna – conquista imortal e divina de Jesus Cristo, supremo dominador de todas as coisas e Rei eterno de todas as vidas.
> […] Spencer em sua obra «Primeiros Princípios» afirma que «todas as consquitas da ciência são consquistas da religião».” (O APÓSTOLO, *Palestras,* 11 agosto 1912. p. 2)

No decorrer de suas publicações, *O Apóstolo* se fez palco de uma série de artigos que materializavam o pensamento eclesiásticos provindo das discussões apresentadas pelo *Syllabus* em suas respostas aos erros da modernidade. No entanto, pode-se perceber que, mesmo diante a materialidade desse pensamento na presença de artigos em que se

[64] Alberto Santos Dumont, nasceu em 20 de julho de 1873, em Minas Gerais e faleceu em 1932, na cidade de Guarujá- São Paulo. Foi aeronauta e inventor brasileiro, criou os primeiros dirigíveis

criticavam determinadas ideias modernas, ao se afirmar que “a falsa ciência produz ateus, a verdadeira aproxima o homem perante a Divindade”. (PENSAMENTOS insuspeitíssimos. O Apóstolo. 1907. p. 1) e ao buscar moldar o cotidiano cristão, na intenção de materializar sua presença pelos costumes sociais, o uso do tecnicismo, dos avanços das tecnologias e até mesmo da ciência como instrumentação para sustentar o discurso ultramontano do catolicismo no início do século XX.

4.2 Cartografia das discussões apresentadas no periódico

Os jornais eclesiásticos surgiam em momentos de crise institucional como estratégia da Igreja para se manter presente no meio social. Assim, no primeiro período de publicação d’*O Apóstolo* o jornal comportou-se como um forte disseminador das ideias de reforma ultramontana, uma estratégia moderna usada a favor da Igreja, consumida por uma população que ainda respirava os ares empolgantes das novidades vindas com a instalação do bispado. Segundo José de Jesus Redusino, *O Apóstolo* foi divulgado, sob ordem de Dom Joaquim, pelos párocos dentro de suas instâncias administrativas (REDUSINO, 2019. p. 70). Na edição de número 06 do periódico é publicada uma circular redigida pelo Bispo Diocesano direcionada às zeladoras do Apostolado da Oração confiando a elas a divulgação e recomendação, em primeiro momento, sobre a criação d’*O Apóstolo*:

> [...] Confiado em vosso espírito de virtuosas e dedicadas Zeladoras do S. Coração de Jesus, por cujo reino vos debates, é que vos viemos pedir e recomendar, em nome de Deus:
> 1. a propagação de assinaturas e leitura, entre os fiéis, do jornal *Apóstolo*, que se publica nesta cidade Episcopal de Teresina;
> 2. angariar meios para a manutenção de dito jornal;
> 3. orar pela sua permanência;
> 4. combinar com Revdmo. Pároco o modo de realizar tão meritória empresa que colocamos sob o vosso zelo e interesse de filhas em N. Senhor. […]” (O APÓSTOLO, *Circular.* 23 jun 1907. p.1)

Levando em consideração as principais vertentes da atuação estratégica ultramontana da Igreja Católica numa perspectiva mais universal, é perceptível que tais vertentes se materializam em temáticas abordadas n’*O Apóstolo*. Segundo a historiadora Áurea Pinheiro, o periódico tinha como objetivo central divulgar as “verdades eternas” da Igreja Católica, além de trabalhar para o bem da pátria piauiense; difundir os princípios católicos; fortalecer o patriotismo, assim se movimentando como mantenedor

da ordem social. Há uma preocupação da Igreja para com todos os segmentos da sociedade civil, atuando fortemente através da imprensa religiosa (Pinheiro, 2011. p. 55).

Diante dessas propostas reverberadas na sociedade através dos jornais católicos, numa tentativa sintética de classificação dos temas mais abordados n'*O Apóstolo*, mesmo os artigos que usavam da vestimenta partidarista, chegamos a cinco grandes grupos: 1) artigos preocupados em noticiar a religiosidade local, em que são noticiadas as celebrações ritualísticas, festividades, realizadas pelo bispo e pelo clero local; 2) artigos que comentam sobre a formação do laicato e do clero católico. Subdividindo essa categoria em artigos que fazem menção às escolas religiosas, seminários, catecismos; 3) artigos relacionados às associações leigas, que mantêm os fiéis nas obras da Igreja; 4) artigos que abordam a necessidade religiosa quanto à disciplinarização dos corpos e do indivíduo; 5) artigos que rechaçam e criticam o mundo moderno e as ideias de secularização, como por exemplo, críticas ao protestantismo, anticlericalismo, laicismo, e a própria modernidade.

Inicialmente podemos perceber n'*O Apóstolo* um caráter propagandista e religioso. Nota-se a constante divulgação da presença do bispo e de seus clérigos, nos munícipios interioranos, através das visitas pastorais, reverberada nas colunas do jornal como traço ultramontano que remonta à necessidade da Igreja em capilarizar ainda mais a sua presença, sanando a falta que a instituição fazia nos recantos mais afastados das províncias durante o século XIX. Já na primeira edição do periódico, em sua primeira página, aparece a notícia de uma visita pastoral que o bispo almejava fazer à região central do Estado:

> O Exmo. Sr. Bispo Diocesano pensa em fazer sua visita pastoral em diversas freguesias do centro da Diocese. É provável que S. Excia. parta desta capital em fins de junho ou princípios de julho próximo. Negócios importantes, relativos à administração em bem de sua diocese, impedem S. Excia. fixar definitivamente o tempo de sua viagem. [65]

Ainda na mesma edição se comenta, em dois momentos, a respeito da viagem a Parnaíba, realizada pelo bispo juntamente com a presença do Padre Bianor Aranha, na intenção de assistir à inauguração do Colégio diocesano para meninos na cidade, um feito do vigário Cônego Joaquim Lopes:

[65] VISITA pastoral. *O Apóstolo*, Teresina, ano 1, n. 1, p. 1, 19 Maio 1907.

> [...] amanhã no vapor Teresinense seguirá para Parnaíba, o Exmo. Sr. Bispo Diocesano, a fim de assistir a abertura de dito colégio, devendo voltar no mesmo vapor.[66]
>
> Seguirá amanhã para Parnaíba, em companhia do Exmo. Sr. Bispo, o distinto sacerdote Pe. Bianor Aranha.[67]

Até maio do ano de 1909 foram noticiadas mais de 60 movimentações pastorais, tanto pelo interior do Estado, quanto para outras unidades da federação, na intenção de levar as discussões clericais até onde houvesse necessidade. Noticiavam-se as viagens dos cônegos Fernando Lopes, Joaquim Lopes, Raymundo Gil e Bianor Aranha, além das movimentações do Bispo Diocesano, D. Joaquim de Almeida, como podemos observar nas edições d'*O Apóstolo* de número 8 e 40, que publicavam notícias a respeito das duas primeiras viagens pastorais do bispo do Piauí.

> Em cumprimento à obrigação que nos assiste de visitarmos toda nossa amada Diocese, e conhecermos todo o rebanho que o Senhor confiou às nossas solicitudes de Pastor, partiremos, hoje, em visita pastoral a algumas paróquias do centro da Diocese.
> Retirando-nos, por espaço mais ou menos de quatro meses, de nossa cidade Episcopal, e não sendo possível despedirmo-nos de todos os nossos bons filhos desta cidade, o fazermos por meio destas linhas, lhe enviando a nossa benção afetuosa, e rogando ao Divino Redentor que lhes conceda felicidade, e, de volta, encontremos todos na santa paz do Senhor."[68]

Ao final da publicação é exposto, também, o resultado em números dos serviços realizados pelo bispo em sua visita pastoral:

> E estava terminada a visita; e nesse apanhado que fizemos, apanhado ligeiro e sem as minuciosidades todas da viagem, só tivemos em mente dar um agradecimento aos Revdmos. Vigário, aos centros do Apostolado da Oração e ao bom povo dos lugares visitados, registrando de um modo geral a veracidade de seus elevados sentimentos religiosos, e o resultado total dos frutos da segunda visita pastoral do Exmo. Sr. Bispo Diocesano.
> Resultado total dos trabalhos: comunhões – 23246; pessoas crismadas – 17760; casamentos legitimados – 477[69].

[66] COLÉGIOS em Parnaíba. *O Apóstolo*, Teresina, ano 1, n. 1, p. 1, 19 Maio 1907.
[67] O APÓSTOLO, Teresina, ano 1, n. 1, p. 1, 19 Maio 1907.
[68] VISITA pastoral. *O Apóstolo*, Teresina, ano 1, n. 8, p. 1, 7 jul. 1907.
[69] VISITA pastoral X. *O Apóstolo*, Teresina, ano 1, n. 40, p. 2, 23 fev. 1908.

Além de noticiar as viagens pastorais e desobrigas[70], ao *Apóstolo* também cabia a função de manter a comunidade católica leitora do jornal informada a respeito das celebrações que ocorreram ou ainda ocorreriam nas paroquias de Teresina e nas cidades vizinhas. Contabilizamos, dentro da primeira fase, mais de 100 notícias, levando em consideração a disponibilidade dos números do jornal, publicadas a respeito de festejos, novenas, celebrações, cronogramas dos rituais da Semana Santa, procissões, horários de missas, festividades de mês especiais como as do mês de maio, ou mês mariano[71], primeiras missas de padres recém-ordenados, dentre outras ritualísticas:

> Está se celebrando com edificante esplendor, com muita concorrência e boa ordem, o mês Mariano, na igreja de N. S. do Amparo.
> As noites foram distribuídas por mordomos que tem sabido revelar os seus nobres sentimentos para com a Santíssima Virgem.
> Domingo próximo haverá sermão pelo seminarista Amâncio Ramalho. [72]

No dia 3 de junho de 1907[73], *O Apóstolo* anuncia à comunidade leitora do jornal as celebrações no novenário do Espírito Santo, ocorridas na cidade de Amarante, sendo de responsabilidade do Apostolado da Oração a novena pelo Sagrado Coração de Jesus. O que remonta a um dos traços ultramontanos, que seria uma espiritualidade mais contrita. No final do artigo é enfatizado o apreço pelo silêncio durante as celebrações:

> [...] O Apostolado da Oração, de acordo com o Revdmo. Vigário d'aquela paróquia, celebra com toda a piedade o novenário do Sagrado Coração de Jesus, havendo todas as noites ladainha e benção, devendo terminar na 1° sexta-feira do mês de junho com a exposição solene do S. S. Sacramento e benção à noite.
> [...] Pouco nos importa o número o que nos encanta é a ordem, o respeito e silêncio durante as funções religiosas. [74]

São comuns, no corpo editorial d'*O Apóstolo*, comunicados a respeito dos cronogramas e festividades ocorridas nas paróquias localizadas no interior do Estado

[70] "As desobrigas são as visitas que os vigários fazem pelo interior de sua freguesia, no exercício dos seus ministérios. Os mais solícitos fazem-nas anualmente; outros em intervalos mais longos. Nestas *tournées* periódicas, os padres avisam previamente os fregueses ou são por estes convidados. Fazem-se grandes preparativos para se receber o sr. Vigário; improvisa-se um altar na melhor sala da casa, em cuja frente se costuma erguer uma latada para acomodação do povo durante os ofícios religiosos. No dia aprazado, há grande ajuntamento popular. Todos os assistentes, a começar pelo pessoal da casa, se apresentam vestidos com a sua melhor roupa [...] As festas costumam durar dias, sobretudo, se o vigário é amigo delas." Ver: CUNHA, Higino. *História das Religiões no Piauí*. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2015. p. 124.

[71] Dentro da ritualística católica, mês mariano é como fica conhecido o mês de maio, por ser dedicado ao culto da Virgem Maria, costuma-se usar vestimentas brancas durante esses dias.

[72] O APÓSTOLO, Teresina, ano 1, n. 1, p. 2, 19 maio 1907.

[73] AMARANTE. *O Apóstolo*, Teresina, ano 1, n. 3, p. 2, 2 jun. 1907.

[74] AMARANTE. *O Apóstolo*, Teresina, ano 1, n. 3, p. 2, 2 jun. 1907.

Piauí. Tivemos acesso a artigos que falam sobre Piracuruca; Floriano; Oeiras; Campos Sales; Campo Maior; Amarante; Alto Longá; Corrente; Castelo; Piripiri; Valença; Picos; São Raimundo Nonato e Jerumenha. Na edição do dia 30 de junho de 1907, vemos publicada no jornal uma correspondência assinada sob o pseudônimo "Um velho"[75], redigida no início do mês corrente, na qual o remetente afirma ter havido mudança significativa na vida ritualística da cidade de Oeiras após a chegada do novo vigário, Padre Aristeu do Rego Barros:

> [...] Ultimamente tem se desenrolado aqui uma tal serie de festas sacras, que proporcionando ao povo alegrias infindas, que sobem ao entusiasmo, já produzem total metamorfose em todos os habitantes, que irradiantes de satisfação mostram o efeito salutar e benefício, originado das maravilhosas coisas do cristianismo.
> Há três meses atrás, quando vivíamos sem o laborar incessante do distinto sacerdote que atualmente rege esta paroquia, notava-se no povo uma espécie de desânimo e melancolia, que contrastavam assombrosamente ao aspecto, em geral, jovial e prazenteiro dos habitantes dessa decantada Oeiras.[76]

Publicavam-se, também, artigos a respeito das celebrações religiosas que se davam nas igrejas de Teresina, incluindo os atos da Semana Santa e os festejos honrosos a santos, como podemos ver na edição do dia 7 de julho de 1907 a respeito do anúncio das celebrações em honra a Nossa Senhora do Carmo:

> Começa hoje, na Catedral, o novenário de Nossa Senhora do Carmo, cuja festividade se encerrará no dia 16, com missa cantada, às 8 horas e à tarde procissão e Benção do S. S. Sacramento.
> No dia 14, domingo, após a novena, haverá um leilão, cujos rendimentos serão aplicados em benefício da mesma festa, para o que a comissão respectiva aguarda o concurso das Exmas. Famílias."[77]

> No próximo mês de setembro terá lugar na catedral, a festa de Nossa Senhora das Dores, para cujo esplendor ainda uma vez concorrerá a boa vontade do católico povo teresinense. [...] O novenário começará no dia 13 e a festa será no dia 22 de setembro, constando de missa cantada, sermão e procissão à tarde. "[78]

Abordando um segundo grupo de temáticas mais debatidas n'*O Apóstolo*, temos um conjunto de artigos e publicações referentes à formação dogmática, fosse através da educação civil religiosa –com artigos que divulgavam as escolas confessionais – fosse

[75] UM VELHO. Oeiras. *O Apóstolo*, Teresina, ano 1, n. 7, p. 4, 30 jun. 1907.
[76] UM VELHO. Oeiras. *O Apóstolo*, Teresina, ano 1, n. 7, p. 4, 30 jun. 1907.
[77] FESTA do Carmo. *O Apóstolo*, Teresina, ano 1, n. 8, p. 2, 7 julho 1907.
[78] FESTA das Dôres. *O Apóstolo*, Teresina, ano 1, n. 16, p. 2-3, 1 set. 1907.

através da educação clerical, por intermédio dos seminários, ou seja através das catequeses. Materializando um marcante traço ultramontano, contabilizam-se aproximadamente 37 artigos que dizem respeito à educação escolar até meados de 1909, anunciando a construção de colégios religiosos, noticiando o início do período de matrículas, discutindo sobre o papel e a atuação dos professores no direcionamento dos alunos, além da divulgação de seus bons resultados, servindo como propagandista do ensino de cunho religioso, para criar, desde a juventude, um pensamento que une a ciência aos desígnios divinos, números revelados a nós em análise dos números do jornal disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. A formação religiosa era de suma importância para a manutenção da influência eclesiástica no meio social, haja vista que o monopólio sobre a educação havia sido tirado da Igreja pela Constituição de 1891 e o ensino laico tornou-se cada vez mais presente. Já em sua primeira edição, é noticiada a obtenção de prédios para a instalação de escolas confessionais em Parnaíba, um prédio para o colégio de meninas e dois prédios para o colégio de meninos:

> Alegra-nos saber que na florescente cidade de Parnaíba há dois prédios (sobrados) obtidos por sua Excia. Revdmo. Sr. Bispo Diocesano, destinados ao Colégio de meninos. Prédios bem confortáveis, já preparados, tendo as acomodações adaptadas ao fim a que se destinam.
> Além destes mais um outro acaba de ser obtido, a fim de nele ser instalado o Colégio de meninas.
> [...] Sabemos, outrossim, que amanhã no vapor Teresinense seguirá para Parnaíba o Exmo. Sr. Bispo Diocesano, a fim de assistir a abertura do dito Colégio, devendo voltar no mesmo vapor." [79]

Além da divulgação das escolas confessionais (como as escola teresinenses Sagrado Coração de Jesus e Colégio Diocesano) o jornal também tinha espaço para comunicar à sociedade sobre a programação dos mencionados educandários, o período de férias, início das matrículas, como podemos ver no comunicado publicado na edição de 24 de novembro de 1907, redigido pelo Padre Felipe de Oliveira, diretor do Colégio Diocesano, sobre o encerramento do período letivo[80]; e sobre a reabertura das aulas do Colégio do Sagrado Coração de Jesus[81]:

> Encerrar-se-ão no dia 30 do corrente as aulas deste estabelecimento de instrução primária e secundária, conforme preceituam o seus Estatutos.

[79] COLÉGIOS em Parnaíba. *O Apóstolo*, Teresina, ano 1, n. 1, p. 1, 19 maio 1907.
[80] LOPES, Felipe de Oliveira (Pe.). Colégio Diocesano. *O Apóstolo*, Teresina, ano 1, n. 28, p. 3, 24 nov. 1907.
[81] COLÉGIO do Sagrado Coração de Jesus. *O Apóstolo*, Teresina, ano 1, n. 35, p. 1, 19 jan. 1908.

> Atendendo, entretanto, à necessidade que tem de continuar os estudos os alunos que se hão de submeter aos exames do Liceu Piauiense, em dezembro próximo e em março do ano vindouro, permanecem, para estes, abertas as aulas das matérias de que tem de prestar ditos exames.[82]

Podemos ver, na publicação, feita na edição de 15 de dezembro de 1907 d'*O Apóstolo*, um telegrama endereçado ao bispo diocesano, com o relato dos bons resultados obtidos no Colégio N. Senhora da Graça, na cidade de Parnaíba, atribuindo os resultados à propaganda da boa administração de D. Joaquim no zelo de seu bispado, um artigo de suma importância, haja vista a necessidade que se tinha de atrair recursos financeiros para a manutenção das instituições criadas pelo bispo. Era essencial mostrar bons resultados, que pudessem combater o ensino laico e atrair financiadores e alunos:

> [...] Realizou-se hoje a festa no Colégio das Irmãs Catarinas, demonstrando as alunas grande proveito. Numerosa e seleta concorrência.
> O público manifestou muito regozijo pelo alto benefício que V. Excia. lhe prestou, brindando Paranaíba com tão útil estabelecimento.
> Unimos nossos votos de gratidão. Os trabalhos das alunas continuam em exposição por três dias.
> Saudações." [83]

Nessa perspectiva, além das publicações propriamente ditas sobre os colégios confessionais, divulgando seu estilo de ensino, ao tempo em que combatia as escolas laicas, *O Apóstolo* também reverberava discursos sobre o magistério e sobre como deveria atuar o professor, aliando o conhecimento científico ao conhecimento religioso.

> Antes de tudo nos seja permitido advertir que, para haver boa direção na arte de instruir e melhor efeito, lhe deve presidir a religião, fonte de toda moralidade, antídoto, do vício e bálsamo celeste[84].

> [...] O que tem o espinhoso encargo de ensinar não deve só se limitar a exigir do discípulo o sacrifício, mas, deve cogitar de meios fáceis e atraentes para que o novel peregrino se disponha a viajar sem encontrar muito espinhos.
> [...] Quando o mestre conseguir afastar os jovens desta meia ciência tão superficial e fofa, que os velhos filósofos das *priscas eras* envergonhados penderem as frontes gotejando lágrimas, então sim, já

[82] LOPES, Felipe de Oliveira (Pe.). Colégio Diocesano. *O Apóstolo*, Teresina, ano 1, n. 28, p. 3, 24 nov. 1907.
[83] [Telegrama de Lucas e Angeliquinha, endereçado ao Bispo sobre as comemorações no Colégio das Irmãs Catarinas, em Parnaíba] COLÉGIO de N. Senhora da Graça em Parnaíba: telegrama. *O Apóstolo*, Teresina, ano 1, n. 31, p. 2, 15 dez. 1907.
[84] O MAGISTÉRIO. *O Apóstolo*, Teresina, ano 1, n. 7, p. 2, 30 jun. 1907.

> não serão raros os sábios, já o gênero humano poderá fabricar gênios. [85] [grifos do autor].

Não só a educação civil era alvo das publicações feitas nas páginas d'*O Apóstolo,* mas também a formação dos clérigos, claro alvo diante da importância teológica que Dom Joaquim Antônio conferia à formação do clero, por já ter sito reitor no Seminário da Paraíba. Um dos traços de atuação ultramontana é, justamente, direcionar uma atenção especial aos seminários, no intuito de formar padres mais conservadores. D. Joaquim, bispo diocesano no Piauí, não se desviava de tal prerrogativa, e isso era exposto em publicações d'*O Apóstolo*, ao publicar, a quantidade de alunos matriculados no Seminário[86]. Tivemos acesso, através da leitura do periódico, à grade curricular do Seminário Diocesano, no ano de 1907, na qual vemos a presença, majoritária, de disciplinas voltadas à formação da espiritualidade dos alunos.

> Padre Constantino Boson, Teologia Dogmática; Cônego Raymundo Gil, Teologia Moral, Pastoral, Liturgia; Padre Alfredo Pegado, Direito Canônico e Concílio; Cônego Fernando Lopes, Escritura Sacra e História Sagrada; Padre Jefferson Urbano, Eloquência Prática; Henrique Sambrock, Filosofia; Padre Jefferson Urbano, Curso de Religião."[87]

Encontramos, também, o artigo publicado na edição de n° 28, em que os leitores são informados sobre o retiro espiritual que ocorreu para os alunos do Seminário Diocesano, assim como muitos outros, por Dom Joaquim prezar a contrição religiosa em seus seminaristas. Assim vemos indícios das estratégias de introspecção aplicadas dentro dos cronogramas do Seminário, direcionando os discentes – futuros párocos – a uma vida contrita de oração:

> A 20 do corrente mês terminou-se o retiro espiritual do Seminário de Teresina, realizando-se a primeira comunhão de alguns alunos. Às 6 horas da manhã acharam-se todos os seminaristas na capela episcopal, acompanhados do Diretor Espiritual, padre Jefferson Urbano.
> S. Excia o Sr. Bispo Diocesano celebrou a Missa acompanhada a cânticos, fazendo ao Evangelho uma prática análoga à solenidade e distribuindo a Comunhão a todo seminário.
> Às 5 horas da tarde, novamente reunidos na referida capela, um dos alunos leu a consagração das promessas do batismo.

[85] O MAGISTÉRIO. *O Apóstolo*, Teresina, ano 1, n. 9, p. 3, 14 jul. 1907.
[86] Em 1907, o número total de discentes era de 72 alunos, divididos entre os cursos teólogico (9), filósofico (12) e preparatorianos (51). O APÓSTOLO, Teresina, ano 1, n. 32, p. 4, 22 dez. 1907.
[87] PROFESSORES do seminário: curso superior. *O Apóstolo*, Teresina, ano 1, n. 41, p. 4, 1 mar. 1907.

> [...] Todos voltaram ao Seminário dominados pelas mais gratas impressões, cheios de saudade destas festas que tanto conforto trazem à alma.[88]

Os retiros espirituais eram uma das principais estratégias de atuação ultramontana, por realocar grupos da igreja em um estado de vivência monástica da fé e da espiritualidade, ao se retirarem do mundo, de modo a evitar distrações externas, para poder se conectar com Deus. *O Apóstolo* traz a importância dos retiros espirituais e notícias sobre eles, eram destinados não só às associações leigas, mas também aos seminaristas e aos estudantes das escolas confessionais:

> [...] O retiro espiritual, estabelecido pela Igreja, e hoje praticado nos grandes centros do mundo cristão e civilizado, nos traz à lembrança esse remanso da paz, onde a alma afastada da ilusão e [...] do mundo, concentra-se, pensa, reflete e dá entrada às aspirações do céu.[89]

Para além desses aspectos, o jornal se propunha a divulgar com intensidade as aulas de catecismo ocorridas na cidade, um dos campos de atuação ultramontana, em que se buscava a formação, durante a infância, estritamente direcionada à espiritualidade. Podemos ver a maneira como a Fase ultramontana d'*O Apóstolo* reverberava o tratamento da Igreja para com a sociedade civil, iniciando o fiel na doutrina católica. Analisando as edições disponíveis do periódico, contabilizamos 15 informativos sobre aulas de catecismo, durante a Fase Ultramontana, que ocorriam não só na capital, mas também no interior do Estado, como podemos ver desde sua primeira edição "Continuam a funcionar com boa concorrência as aulas de catecismo na Catedral São Benedito e Amparo"[90].

Com a divulgação das aulas de catecismo feitas n'*O Apóstolo*, podemos perceber o caráter segregador dessas atividades, dividindo as turmas entre meninos e meninas, como ocorria no âmbito escolar religioso "Para meninas, às quintas feiras, às 4 e meia horas da tarde. Para meninos, aos domingos, às mesmas horas"[91], havendo tal separação das aulas nas Igrejas da cidade e do interior, como vemos em artigos das edições de n°13 e n° 97, esse último, mostra a separação de gêneros não só durante as aulas, mas também durante as celebrações de Primeira comunhão.

Aula de Catecismo

[88] O APÓSTOLO, Teresina, ano 1, n. 28, p. 3, 24 nov. 1907.
[89] RETIRO espiritual. *O Apóstolo*, Teresina, ano 1, n. 38, p. 3, 9 fev. 1908.
[90] AULA de catecismo. *O Apóstolo*, Teresina, ano 1, n. 1, p. 4, 19 maio 1907.
[91] AULA de catecismo na Catedral. *O Apóstolo*, Teresina, ano 1, n. 13, p. 1, 11 ago. 1907.

> Na capela Episcopal, aos domingos, às 5 horas da tarde.
> S. Benedito
> Para meninas, aos sábados, às 4horas da tarde.
> Amparo
> Para meninas, as quintas-feiras, às 4 horas da tarde.
> Para meninos, aos domingos, às 5 horas da tarde."[92]

No que se refere às celebrações de Primeira comunhão, contabilizamos, dentro da disponibilidade documental, 14 artigos, na Fase Ultramontana, que informam à comunidade leitora do jornal sobre esse sacramento na cidade, como por exemplo, o artigo publicado na edição de n° 30, que detalha a celebração ocorrida na catedral, no dia 6 de dezembro de 1907:

> Como estava anunciado, realizou-se, na Catedral, na sexta-feira passada, a primeira comunhão dos meninos que frequentam o catecismo da Sé. Celebrou o santo sacrifico da missa S. Excia. Revdmo. Sr. Bispo, distribuindo a sagrada comunhão aos meninos que pela vez primeira se aproximavam da mesa eucarística."[93]

De acordo com o historiador Mauro Dillmann Tavares, o ultramontanismo implicando suas estratégias de ação sobre a população, acabou por lançar mecanismos que desqualificavam as práticas ritualísticas tradicionais da população, o que reduziu as Irmandades a um local periférico quanto à religiosidade, que, segundo o autor, não eram alvo direto de proibição pela Igreja, mas que acabaram sufocadas pela falta de incentivo eclesiástico (Tavares, 2007. p. 120-121), ao passo que, se divulgavam com veemência, as atividades das novas sociedades leigas, como o Apostolado da Oração ou a Sociedade Vicentina. Na edição de 24 de novembro de 1907, *O Apóstolo* descreve a falta de apoio em relação às Irmandades, por parte dos bispos, como D. Joaquim, cuja intenção era trazer os grupos de leigos para os cuidados da diocese, normatizando-os:

> Recebemos o 'compromisso de reorganização das Irmandades na diocese do Piauí revogando todas as existentes atualmente.' O Exmo. Bispo Diocesano lembra que nenhum membro das Irmandades pode pertencer a seitas ou sociedades secretas condenadas pela Igreja [...][94]

O Apóstolo reverbera o ideal de pensamento ultramontano, no que se diz respeito à divulgação das sociedades leigas, garantindo em suas páginas holofotes para os grupos, na intenção de atrair mais adeptos aos agrupamentos vistos como obedientes aos

[92] AULA de catecismo. *O Apóstolo*, Teresina, ano 1, n. 42, p. 3, 8 mar. 1908.
[93] PRIMEIRA comunhão. *O Apóstolo*, Teresina ano 1, n. 30, p. 2, 8 dez. 1907.
[94] DISSE o *Correio Católico* sobre a Diocese do Piauí. *O Apóstolo*, Teresina, ano 1, n. 28, p. 3, 24 nov. 1907.

dogmas da Igreja e dar continuidade à vida religiosa dos fiéis, após o período de formação dogmática. Dentre as associações mais assistidas estava a Sociedade de São Vicente de Paulo, associação masculina, cujo conselho central de Teresina foi inaugurado em 19 de maio de 1907:

> Registramos, com muito prazer, em nossas colunas, a festa brilhante que no Domingo de Pentecostes, fez a Sociedade de S. Vicente inaugurando em sessão com assistência do Exmo. Sr. Bispo Diocesano, do Vigário Geral, do Clero, de muitas pessoas gradas, o Concelho Central de Teresina.[95]

> Realizou-se, no dia 19 deste mês, solene e brilhantemente, a instalação da sociedade de S. Vicente de Paulo nesta freguesia. Vimos realizado um dos nossos maiores desejos. A sociedade de S. Vicente veio preencher uma necessidade nesta freguesia.[96]

Tem-se, na edição de número 8 d'*O Apóstolo*, a publicação de uma carta do Major Manoel Lopes, presidente do Conselho Central dos vicentinos, endereçada ao bispo diocesano, na qual se podem ver pontos do gerenciamento da Sociedade em questão:

> [...] (a) A Sociedade é composta de homens, havendo máximo empenho em chamar ao seu grêmio os moços da terra. É, porém, permitida às senhoras serem benfeitoras, sociais contribuintes e como tal lucrarem as indulgências que nos são concedidas.
> (b) Os membros tenham a cautela de não chamar ao grêmio da Sociedade senão indivíduos que possam edificar aos outros ou ser por eles edificados; cristãos de coração e de obras, que cumpram corajosamente todos os deveres impostos pela igreja, especialmente o da confissão e comunhão.
> [...] (e) A visita ao domicílio dos pobres [...] é a fundamental ocupação dos membros de uma Conferência, não só porque isso é uma utilíssima obra de santificação, como por ser a que está mais ao alcance de todos. A caridade e o amor ao próximo devem presidir a essa visita. O vicentino que não penetrar no lar sujo, imundo, viciado mesmo, com o desejo santo de chamar os que ali moram ao bem-estar social e à reconciliação com Deus, não tem preenchido a sua missão; tem perdido o seu tempo [...][97].

Funcionando como propagandista da Sociedade, o jornal *O Apóstolo* publica notícias referentes às boas ações da referida associação, reverberando o seu caráter caritativo. Foram divulgadas notícias sobre seus hospitais, na capital

[95] INAUGURAÇÃO do Conselho Central de S. Vicente de Paulo. *O Apóstolo*, Teresina, ano 1, n. 2, p. 3, 26 maio 1907.
[96] NATAL. *O Apóstolo*, Teresina, ano 1, n. 45, p. 4, 29 mar. 1907.
[97] LIMA, Manoel Lopes C. Carta do Conselho Central da Sociedade de S. Vicente de Paulo. *O Apóstolo*, ano 1, n. 8, p. 3, 7 jul. 1907.

e no interior do Estado, que, inclusive, recebiam ajuda governamental e filantrópica, enaltecendo o seu zelo para com os pobres, dentre outras boas ações dos vicentinos.

> [...] O Hospital recebe do Governo do Estado, anualmente, e paga mensalmente a pensão de um conto de réis, que é aplicada ao sustento dos doentes, medicamentos e o mais concernente ao tratamento dos mesmos doentes; tendo prestado gratuitamente os seus serviços o Dr. Eurípides Clementino de Aguiar. Recebe mais o Hospital igual quantia do Conselho Municipal desta cidade, importância que se tem aplicado, por ora, à continuação das outras partes do edifício[98].

No dia 15 de junho de 1907 é fundada em Teresina a associação da Pia União das Filhas de Maria, dirigida pelas Irmãs Catarina de Sena, cujo culto mariano foi incentivado pelos Papas Pio IX e Leão XIII, para que fossem acolhidas mais mulheres no seio da igreja católica. Além disso, "A Filhas de Maria foi criada como mais uma estratégia que, aliada ao trabalho de escolarização desenvolvido no Colégio de Freiras, provesse sustentação à educação familiar cristã" (Redusino, 2019.p. 60). N'*O Apóstolo*, a associação recebe espaço especial na divulgação de suas atividades, admissões, entre outros aspectos, como a fundação da associação na cidade e os retiros espirituais.

> Realizaram-se no dia 15 deste no Colégio do Sagrado Coração de Jesus as esplendidas festas da primeira comunhão e fundação da Pia União das Filhas de Maria.
> [...] Seguiu-se depois de pequeno intervalo, a instituição da Pia União, cujas cerimonias foram muito bem executadas, demonstrando todas as que iam ser admitidas, o grande contentamento que experimentavam consagrando os afetos de seus corações à Virgem Santíssima."[99]

> "Foi deveras edificante o retiro espiritual que por S. Excia. Revdma. o Sr. Bispo, acaba de ser dado as zeladoras do Apostolado da Oração, às filhas de Maria e à diversas outras pessoas importantes da sociedade teresinense [...][100]

Adentrando o quarto grupo das principais temáticas abordadas n'*O Apóstolo*, nos deparamos com artigos que refletem o pensamento da Igreja com relação aos papéis de gênero no meio social, principalmente em âmbito familiar, para que cada componente da família nuclear, estruturada no exemplo da Sagrada Família, pudesse contribuir para o bem-estar social e o ganho comunitário espiritual. A Igreja Católica trabalhava,

[98] HOSPITAL S. Vicente de Paulo. *O Apóstolo*, Teresina, ano 1, n. 4, p. 4, 9 jun. 1907.
[99] FESTAS religiosas. *O Apóstolo*, Teresina, ano 1, n. 6, p. 2-3, 23 jun. 1907.
[100] RETIRO espiritual. *O Apóstolo*, Teresina, ano 1, n. 38, p. 3, 9 fev. 1908.

principalmente, nessa perspectiva, a figura feminina, conquistando as mulheres, de modo carismático, para as causas da religião, para formar os filhos na instrução religiosa inicial, e direcionar o marido às ritualísticas da Igreja. Segundo o historiador Pedro Vilarinho Castelo Branco:

> Para concretizar ações a fim de capturar as mulheres para a causa católica, a instituição efetivou algumas estratégias necessárias, a exemplo da criação e instalação de escolas confessionais, de associações religiosas orientadas ao público feminino e divulgação, por vários meios de discurso prescritivo que definiam os parâmetros comportamentais esperados para a mulher moderna, enquadrada no perfil esperável de uma mulher católica. (Castelo Branco, 2019. p. 154)

Dentro dessa perspectiva, o jornal *O Apóstolo* apresenta-se como uma estratégia de atuação ultramontana, ao comunicar-se com as mulheres na intenção de definir padrões de comportamento que elas deveriam ter. Para Áurea Pinheiro, o espaço feminino, no domínio público, era extremamente reduzido, devendo a mulher, se manter longe dos interesses que diferissem dos planos familiares. "Era interessante uma educação voltada para o polimento sociocultural das mulheres" (Pinheiro, 2001. p. 89), ou seja, a mulher era disciplinada, em âmbito educacional, para voltar-se ao lar e saber portar-se diante de outros grupos sociais. Tal característica é perceptível, ao se analisar, por exemplo, a primeira edição do periódico, quando, de maneira bastante sutil, o autor comenta os benefícios da educação religiosa católicas para as meninas da cidade de Parnaíba.

> [...] Louvamos os esforços dos distintos filhos de Parnaíba que não tem poupado sacrifico e meios a seu alcance, no justo desejo de conseguirem a fundação e abertura de um tão importante estabelecimento de instrução, onde suas filhinhas vão receber a educação e instrução necessárias e indispensáveis a mulher a futura mãe de família e ornamento da Sociedade sã [...][101].

De acordo com Castelo Branco, a instituição católica concretizou ações, a fim de direcionar as mulheres à causa católica, efetivando ações necessárias para tal objetivo, como, por exemplo, a criação e instalação de escolas confessionais, de associações religiosas orientadas ao público feminino e divulgação, em seus meios discursivos, de parâmetros comportamentais esperados para a mulher moderna e católica (Castelo Branco, 2019. p. 154). Tal estratégia é percebida pelo *Apóstolo*, quando nos deparamos com artigos voltados à divulgação do Colégio Sagrado Coração de Jesus, ou voltados às associações religiosas destinadas ao público feminino como a Pia União das Filhas de

[101] COLÉGIOS em Parnaíba. *O Apóstolo*, Teresina, ano 1, n. 1, p. 1, 19 maio 1907.

Maria, até mesmo as duas juntas, como é noticiado em *O Apóstolo*, através de comunicado sobre reunião das Filhas de Maria no Colégio Sagrado Coração de Jesus[102].

A Igreja ultramontana, na figura da Sagrada Família de Cristo, também, se propõe a padronizar as famílias cristãs em seu modelo exemplar de família nuclear "pai, mãe e filhos, imagem da Trindade nas pessoas e na unidade da fé"[103], sendo esse traço encontrado na Primeira Fase d'*O Apóstolo*, como podemos perceber na afirmação a seguir:

> Pai e mãe eis o constitutivo da família na sua forma elementar; pai e mãe agindo na alçada de suas forças morais, fazendo o que lhes dita consciência de crentes para que inteligente, ativa, dedicada e escrupulosamente possam formar a alma de seus filhos [...] eis a família na sua forma perfeita. [104]

Em uma de suas vertentes de atuação mais presentes na fala católica, de acordo com o historiador Castelo Branco, os discursos religiosos, de caráter ultramontano, direcionados às mulheres, eram estruturados na intenção de reverberar a ideia de abnegação e total entrega à família, aos filhos e ao marido (Castelo Branco, 2013. p. 12). Um condicionamento que tinha na figura de Maria a representação de mulher ideal e, portanto, merecedora de ser seguida como exemplo. De acordo com Eric Hobsbawn, mesmo num cenário crítico para a instituição católica, naufragada em um mundo moderno expansionista pós-revoluções burguesas, as mulheres permaneceram fiéis às devoções tradicionais:

> [...] as Igrejas cristãs foram, por conseguinte, acentuadamente feminizadas. Considerando-se que todas as principais religiões desconfiavam das mulheres e insistiam firmemente em sua inferioridade, e algumas, como a judaica, praticamente as excluíam do culto religiosos formal, a lealdade das mulheres aos deuses parecia incompreensível e surpreendente aos homens racionalistas, sendo com frequência considerada mais uma prova da inferioridade de seu gênero." (Hobsbawn, 1988. p. 366)

O uso da figura de Maria como exemplo a ser seguido pelas mulheres cristãs remetia ao desejo católico de se ter uma mulher voltado ao lar e à família, obediente, compassiva e, principalmente, que conseguisse direcionar seus familiares para o caminho da Igreja. Podemos perceber esse discurso dentro d'*O Apóstolo* em publicações, como, por exemplo, na edição de número 6, que mostra o caráter mariano

[102] HOJE haverá... *O Apóstolo*, Teresina, ano 1, n. 10, p. 3, 21 jul. 1907
[103] COMO deve ser. *O Apóstolo*, Teresina, ano 1, n. 12, p. 1, 4 ago. 1907.
[104] COMO deve ser. *O Apóstolo*, Teresina, ano 1, n. 11, p. 1, 28 jul. 1907.

da associação. Outro exemplo que pode ser citado é o discurso feito na edição de número 100, em que o autor coloca a mãe de Jesus como padrão a ser seguido:

> [...]todas iam ser admitidas, o grande contentamento que experimentavam consagrando os afetos de seus corações à Virgem Santíssima. E devia ser assim, porque é essa uma das mais simpáticas instituições em honra da Mãe de Deus [...][105].

> O espelho reflete fielmente a imagem, tal qual o original; em Maria Santíssima tem a virgem cristã o modelo por excelência: *Regina Virginum.*[...] Isso é uma verdade inconcussa, e por isso mesmo, parece incrível que a mulher blasfeme contra Maria, o protótipo das virtudes, o espelho de luz cristalina que jamais se apaga. [...] S. Boaventura dizia, apontando para o crucifixo: *Eis o livro onde aprendo o que ensino*; assim, a esposa, a mãe de família, a filha, a virgem cristã, amando a Maria com toda dedicação, venerando-as, não só no recôndito de seu coração, como igualmente nos altares onde se lhe tributa o culto devido, pode dizer: *Eis o livro onde aprendo a prática das virtudes.*[106] [grifos do autor].

No artigo "A missão da mãe de família católica", o autor coloca no papel da mãe a responsabilidade por zelar pela boa conduta do filho, utilizando-se de estratégias para que esse não se desvirtuasse, devido às más influências, citando como umas das tais influências a frequência a escolas de caráter laico.

> Importantíssima, sem dúvida, a missão da mãe de família católica, sobretudo na atualidade, quando a impiedade, sem rebuços, procura educar a infância, segundo o programa fornecido pelas seitas e sociedade inimigas da Igreja: ensino ateu, livre completamente alheio ao catecismo, eis o que pregam os tais aos quatro ventos. Entretanto, a educação da infância, a formação de seu coração e caráter, se operam no santuário do lar, é missão especial da mãe, soberana no seio de sua família, a cuja átrio deve se postar, sentinela vigilante, a fim de não permitir que venham corromper o ambiente puríssimo do lar católico as nocivas doutrinas dos livres pensadores, anarquistas, socialistas, espiritas, e tantas que ora surgem e se espalham [...]. Acautelai-vos, portanto, mães de família católicas, cumpri a missão que Deus vos confiou quanto À educação de vossos filhos, sobre cuja direção deveis velar, hoje mais do que nunca. Sede vigilantes atalaias do lar contra o inimigo que vos quer arrancar vossos queridos filhos para pervertê-los. Imitai as Brancas, as Helenas e tantas outras venerandas mães cristãs que tiveram filhos delicados e obedientes à Igreja, ao mesmo tempo que foram bons e virtuosos cidadãos [...][107].

Traço ultramontano trabalhado n'*O Apóstolo*, o cuidado com a figura e o papel masculino também tem espaço entre suas páginas, revelando uma Igreja preocupada em padronizar as funções e costumes sociais e privados. Podemos perceber esse traço nas

[105] FESTA religiosa. *O Apóstolo*, Teresina, ano 1, n. 6, p. 3, 23 jun. 1907.
[106] MAIO. *O Apóstolo*, Teresina, ano 2, n. 100, p. 1, 19 maio 1909.
[107] A MISSÃO da mãe de família católica. *O Apóstolo*, Teresina, ano 2, n. 91, p. 4, 7 mar. 1908.

edições de números 11 e 12 do periódico, em que, em uma série de artigos intitulada *Como deve ser,* o autor comenta sobre as funções dos pais no cenário familiar, o que foi repetido na edição de número 91, em que a Igreja vem reafirmar a importância do pai em disciplinar seus filhos, mantendo-os longe da educação de vertente moderna, que os afastariam da possibilidade de crescerem como pessoas de bem:

> [...] aos pais não está confiada a missão somente de proporcionar aos seus filhos a existência natural e os meios de conservar, isso o fazem os mais animais, tem uma missão mais subliminar, mais elevada – a de prepará-los para a eternidade. Para se encarar com justeza a missão da paternidade cristã, faz-se mister olhar à luz, da fé, pesados todos os sacrifícios, o que será o eleito no céu e com superabundância de glória serão enriquecidos os pais que tiveram preparado seus filhos para a felicidade sem fim! Ser pai! Que responsabilidade! Que sublime missão![108]

Por fim, chegamos ao quinto grupo de temáticas que mais se repetem no jornal *O Apóstolo,* reverberando o discurso ultramontano da Igreja católica no Piauí, durante o início do século XX, que se mostrava focado nas missões religiosas de atuação sobre seu rebanho de fiéis. Chegamos ao grupo das temáticas voltadas para criticar a modernidade, ecoando as ideias do *Syllabus* dentro da perspectiva de combate ideológico no discurso ultramontano. Esse combate acirrado entre Igreja e pensadores modernos, durante o século XIX, no mundo ocidental pós-revoluções burguesas, com suas ideias racionalistas e cientificistas nas vertentes ideológicas, surgiu num contexto, que acabou por questionar a existência de Deus e a utilidade da própria Igreja Católica, justificando tal fim na ideia de progresso da humanidade[109].

No final das contas, o homem católico e o homem da modernidade objetivavam ter influência para discursar sobre o que viria a ser verdade absoluta, seja através das explicações evangélicas, seja através das explicações cientificas, as duas vertentes almejavam explicar o mundo e a humanidade à sua maneira. Com a perda progressiva de espaço nos Estados nacionais, de forma política ou ideológica, a Igreja católica passou a combater veementemente os discursos seculares que iam contra suas concepções dogmáticas, principalmente, no Brasil, após a laicização do Estado. A

[108] COMO deve ser. *O Apóstolo*, Teresina, ano 1, n. 11, p. 1, 28 jul. 1907.

[109] De acordo com Eric Hobsbawn "com as revoluções americana e francesa as principais transformações políticas e sociais foram secularizadas. Os problemas das revoluções holandesa e inglesa dos séculos XVI e XVII ainda foram discutidos na linguagem tradicional do cristianismo, ortodoxa, cismática e herege." Com isso, segundo o autor, deu-se no século XIX uma crescente secularização e indiferença religiosa, combatidos pela Igreja Católica. HOBSBAWN, Eric J. *A Era das Revoluções*: Europa (1789-1848). 17. ed. Rio de Janeiro: [Paz & Terra], 1977. p. 307; CUNHA, Higino. *História das Religiões no Piauí*. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2015.

imprensa católica foi um dos locais mais usados para a reverberação do discurso católico contra as modernidades perniciosas, na visão da Igreja.

O jornal *O Apóstolo* abrigou com frequência, em suas páginas, artigos destinados a criticar as ideias de modernidade, como o ateísmo, a educação laica, o anticlericalismo dos livres pensadores e, ainda, artigos de ataque a outras religiões, como podemos ver, nas edições de números 91 e 92, em que foram publicadas decisões dogmáticas tomadas pela Igreja no *Syllabus*, com relação às proposições sugeridas pelos modernistas:

> Para impedir que esses erros, que todos os dias se vão difundindo entre os fiéis, criem raízes em seus corações e corrompam a sinceridade de sua fé, aprove o nosso Santíssimo Padre por divina providência Papa Pio X que, por ofício desta Sagrada Inquisição Romana e Universal, fossem notados e condenados os principais dentre os erros. Por isso, depois de diligentíssimo exame e do parecer prévio os Reverendos Senhores Consultores, os Eminentíssimos e Reverendíssimos Senhores Cardeais. Inquisidores Gerais em matéria de fé e de costumes, julgaram que deviam ser condenadas e proscritas, como de fato ficam condenadas e proscritas as seguintes proposições: [...] I – A lei eclesiástica, que manda submeter à previa censura dos livros que tratam das divinas Escrituras, não se estende aos cultores da crítica e da exegese cientifica dos livros do Antigo e do Novo Testamento.[110]
>
> [...] LVII – A Igreja mostra-se inimiga dos progressos nas ciências naturais e teológicas.
> [...] LXIII – A Igreja mostra-se incapaz de defender eficazmente a moral evangélica, porque adere obstinadamente a doutrinas imutáveis, que não podem conciliar-se com o progresso moderno.
> LXIV – O progresso das ciências exige que reformem os conceitos da doutrina cristã sobre Deus, a Criação, a Revelação, a Pessoa do Verbo Encarnado e a Redenção.
> LXV – O catolicismo atual não pode harmonizar-se com a verdadeira ciência a não ser que se transforme num catolicismo sem dogma, isto é: num protestantismo largo e liberal[111].

No decorrer de suas publicações, nota-se a uma série de artigos que materializavam o pensamento eclesiásticos vindo das discussões apresentadas pelo *Syllabus* em suas respostas aos erros da modernidade. Pode-se perceber a materialidade desse pensamento na presença de artigos em que se critica determinada ideologia moderna, ao se afirmar que "a falsa ciência produz ateus, a verdadeira prosterna o homem perante a Divindade"[112]. Na edição de número 7, foi publicado o artigo

[110] SYLLABO. *O Apóstolo*, Teresina, ano 2, n. 91, p. 1, 7 mar. 1909.
[111] SYLLABO. *O Apóstolo*, Teresina, ano 2, n. 92, p. 1-2, 14 mar. 1909.
[112] PENSAMENTOS insuspeitíssimos. *O Apóstolo*, Teresina, ano 1, n. 1, p. 2, 19 maio 1907.

intitulado *Verdadeira paz*, em três edições subsequentes, nos quais o autor defende a ideia de que a ordem social é uma decorrência da vivência da fé, ao passo que a falta desta gera incertezas, o que corrobora as ideias ultramontanas de Dom Joaquim Antônio, ao pensar o "bom cidadão". Para o articulista, a ciência sozinha não teria condições de favorecer o adequado ordenamento social:

> A paz, diz S. Agostinho é a tranquilidade da ordem, e, se já vimos em primeira análise que ela é o resultado d'aquele preceito que soubemos cumprir, é certo que se adquire com a posse da verdade que satisfaz por completo a inteligência quando a razão se harmoniza com a fé.
> [...] E na ânsia de tudo avassalar sem a fé é que aparece hoje a dúvida e a incerteza, e por conseguinte a falta de convicção nos princípios religiosos e morais.
> [...] Não pretendemos patentear a harmonia da fé com a ciência, o nosso ideal foi dizer que, com aquela podemos gozar a paz, a ordem, a felicidade, seja na prática da virtude, seja na resolução de qualquer verdade religiosa ou cientifica.
> Se em tudo devesse dominar a fé, já disse um espírito esclarecido, não haveria ciência, não haveria fé."[113]

O protestantismo se faz presente, de forma negativa, nas páginas d'*O Apóstolo* sendo criticado com veemência, como na edição n° 09, que publica um artigo retirado do *Estandarte Católico*, de onde se questiona a respeito dos ganhos sociais e nacionais advindos da ideologia protestante. Para o discurso católico ultramontano, "o protestantismo não existe, é uma farsa, é um embuste (e o é), porque a Escritura não o menciona" [114].

> O que vale a liberdade-civil para o protestantismo, vemo-lo na tristíssima história da Irlanda destes últimos quatro séculos, que não é outra coisa senão um martírio contínuo, sofrido às mãos da Inglaterra protestante; vemo-lo no ostracismo a que viviam os sujeitos, por mais de três século, os católicos e outros dissidentes da religião estadual da Escandinávia, na Dinamarca, no Meklenburgo, Brunsvick, etc.[115]

Ao longo das publicações, vemos que, num primeiro momento, as críticas são decorrentes da incompatibilidade das visões e perspectivas de mundo, no entanto, isso vai migrando para uma perspectiva de busca pelo poder, principalmente, quando se trata da maçonaria. Num primeiro momento, as críticas eram feitas com caráter mais impessoal, por meio de analogias com pequenas narrativas, para explicar o erro na existência dessas ideologias, como podemos ver na edição de número 5, em que o autor

---

[113] A VERDADEIRA paz. *O Apóstolo*, Teresina, ano 1, n. 7, p. 1, 30 jun. 1909.
[114] NOSCE TE IPSUM. *O Apóstolo*, Teresina, ano 1, n. 14, p. 3, 18 ago. 1907.
[115] ESTANDARTE Católico. Catolicismo e protestantismo. *O Apóstolo*, Teresina, ano 1, n. 9, p. 1, 14 jul. 1907.

redige uma pequena história ficcional, em cujo enredo ocorre um diálogo, durante um assalto, quando um livre-pensador é ridicularizado pelo assaltante, ao pedir por Deus para que o meliante não o matasse:

> [...] – Pelo amor de Deus, não me mate!
> – Deus?! Bem te conheço, - não acreditas em Deus.
> – Sim, sou livre pensador, esse nome não tem significação alguma.
> – Ah! Não tem? Nesse caso nada posso recear: mato-te como se mata um cão.
> – Espera... espera... sim há Deus...
> – Como? Dizes agora que há Deus? E que faz ele?
> – Não sei, não se importa conosco.
> – Não se importa? Pois isso é para mim o mesmo que se não existisse e... Estás me tentando dar cabo de ti.
> – Mas Deus não pode aprovar um assassinato.
> [...]– Anda, vai, leva teu dinheiro, miserável, que a tua vida só me inspira compaixão e a tua filosofia me faz rir.
> Que convicções deste doutor do livre pensamento[116].

Com o decorrer dos anos, as discussões presentes n'*O Apóstolo* foram, paulatinamente, direcionadas para embates pessoais enviesados por questões de cunho ideológico, com figuras que representavam uma certa influência no cenário local. Esses personagens, tidos como "inimigos" do clero católico com suas críticas ácidas feitas ao bispo, eram homens pertencentes a um cenário que nutria neles percepções iluministas e racionalistas de trato com o mundo, fazendo com que ambos os lados divergissem quanto as propostas de ação pensadas pela instituição católica no meio social. A entrada dessas figuras, que já mantinham um certo diálogo em polvoroso com os religiosos, no cenário político e o possível ganho de adeptos, intensificou ainda mais as desavenças pré-existentes, fazendo com que alguns membros da Instituição católica e leigos, mesmo que ultramontanos, se atirassem ao mundo da política partidária. Esse traço é materializado nas discussões reverberadas pelo *Apóstolo*, que, sugado pela onda dos debates políticos, passou por mudanças editoriais, como veremos a seguir.

4.3 Ultramontanismo nas páginas d'*O Apóstolo*

A partir das edições de junho de 1909 o periódico católico *O Apóstolo* passou por mudanças graduais – algumas sutis, outras mais perceptíveis – em sua malha editorial. O historiador José de Jesus Redusino, apresenta uma ideia de segunda fase periodizada entre as edições de número 109 e 118, em decorrência da mudança no subtítulo do jornal, saindo de "Órgão oficial da Diocese" para "Órgão Popular católico"

[116] ARGUMENTO irrespondível. *O Apóstolo*, Teresina, ano 1, n. 5, p. 4, 16 jun. 1907.

(Redusino, 2019). No referido período do jornal aglomeram-se artigos em um conjunto de polêmicas que giram em torno das incompatibilidades ideológicas e políticas. Tais discussões, imbricadas dentro das demais fases, foram necessárias para a migração discursiva do foco religioso católico para o foco político, já que foi preciso um conjunto de circunstâncias que levassem à sua virada editorial, que não ocorreu de forma abrupta, direta, por ser de intenção da Igreja manter-se longe dos assuntos políticos. Os debates tidos com os maçons e anticlericais deportaram a Igreja a falas civilistas, que a inseriram em polêmicas que vão desaguar até mesmo nas instâncias judiciais. Como principais críticos, destacam-se figuras como Abdias Neves, Miguel Rosa, Clodoaldo Freitas, homens das letras, da ciência... da política! Discordâncias no modo de ver a "verdade", entre clérigos e livres pensadores, sendo essas polêmicas iniciadas pelo incômodo gerado pelo modo conservador de atuação do bispo no Estado.

De certo, a partir da edição de número 109, publicada em 11 de julho de 1909, o jornal *O Apóstolo* passou por mudanças em sua redação, a começar por seu subtítulo. Como já dito antes, o subtítulo *Órgão Oficial da Diocese"*, "foi substituído por "*Órgão Popular Católico*", o que demonstra que o periódico abandonava a supervisão de Dom Joaquim Antônio, passando a ser dirigido principalmente por Elias Martins, seu redator-chefe. Dom Joaquim Antônio chegou a escrever em sua Carta de Despedida aos piauienses que havia criado o jornal "[…] para a propaganda da fé católica, exclusivamente, o qual esteve sob nossos auspícios, somente, os dois primeiros anos. E findos estes, retirada de toda nossa responsabilidade, ficou a Diocese possuidora de tipografia e seus móveis que deveriam servir para a publicação do boletim diocesano e mais trabalhos concernentes à religião e leituras católicas." (O PIAUHY, 23 jun 1911. p.2) Segundo Dom Joaquim Antônio, apesar de ter-se desligado da redação d'*O Apóstolo* em 1909, o periódico e sua tipografia seguiram empenhados na defesa religiosa, e sua tipografia, ainda na mesma locação, foi arrematada pelo Monsenhor Joaquim Lopes, passando a defender a religião por um viés político partidário. De acordo com o sociólogo Pierre Bourdieu, os jornais exercem papel de integradores sociais, difundindo ideias e modelos enquanto revelam suas condições políticas e sociais, o que pode variar de acordo com o contexto social no qual está inserido, ao passo em que configuram um papel de conhecimento e de comunicação: "Eles tornam possível o consenso acerca do sentido de mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social: a integração *lógica* é a condição da *integração moral*." [grifos do autor]. (Bourdieu, 1989. p.76).

Com relação às características físicas do periódico, após 1911, ele passou a possuir uma malha editorial menos uniforme, com uma maior quantidade de páginas – variando entre 6 e 8 páginas, a partir da edição de número 139. Além de que, em algumas edições, apresentou uma desigual quantidade de colunas em cada página. O jornal deixou de ostentar o subtítulo "Órgão Popular Católico" mantido abaixo do título entre a edição de número 109[117] e a edição de número 119, quando passou a trazer como subtítulo "Órgão da União Popular"[118], o que vigorou até seu empastelamento no ano de 1912, marcando a adesão ao partido católico. O jornal, em seu terceiro ano passou a ser um veículo ligado à União Popular[119], Partido Católico, criado no Piauí com a intenção de opor-se aos "inimigos da religião", dentro do cenário político partidário, tendo no periódico, um de seus principais artefatos de divulgação, que abordaria, de forma mais direta, as questões políticas e os posicionamentos partidários, tornando-se um grande oposicionista do governo vigente, mesmo sem deixar de veicular as notas com teor religioso (Pinheiro, 2001, p. 54-55).

No entanto, mesmo aportando em artigos explicitamente políticos, objetivando levar o leitor a tendências partidárias, as páginas d'*O Apóstolo* não deixaram de reverberar, agora com um pouco mais de acidez, os discursos ultramontanos. Fazia-se necessário aos redatores rebaterem as críticas que lhes eram feitas, bem como as críticas à figura do bispo, mas as respostas não deixavam de exprimir seu caráter teológico e religioso. A edição de número 102 d'*O Apóstolo* comemorou o segundo aniversário de existência[120] do jornal, passando agora para o Ano III, em seu segundo artigo da primeira página, ratifica-se o objetivo seguido e cumprido por seus redatores na edição do periódico, que buscam servir à Igreja e a Deus na missão de reformar o meio social.

> Passando para o terceiro ano, continuamos sob os mesmos princípios, tendo por base o nosso programa, do qual ainda não nos afastamos uma linha, e com olhos fitos em Deus, destas colunas iremos seguindo a rota que nos traçamos.[121]

Em um artigo publicado no jornal *O Apóstolo*, na edição de número 6, publicada em 23 de junho de 1907, na qual era noticiada a estada do Bispo Dom Joaquim Antônio na freguesia de Amarante em visita pastoral, pode-se perceber como a aglomeração de

[117] O APÓSTOLO, Teresina, ano 3, n. 109, p. 1, 11 jul. 1909.
[118] O APÓSTOLO, Teresina, ano 3, n. 119, p. 1, 19 set. 1909.
[119] Partido católico que tinha na figura do Dr. Elias Martins um de seus políticos mais atuantes, que passa a ser colaborador e redator d'*O Apóstolo.* PINHEIRO, 2001, p.54.
[120] NOSSO aniversário. *O Apóstolo*. Teresina, ano 3, n. 102, p. 1, 23 maio 1909.
[121] NOSSO aniversário. *O Apóstolo*. Teresina, ano 3, n. 102, p. 1, 23 maio 1909.

fiéis em torno das celebrações religiosas presididas pelo bispo diocesano era vista e propagandeada como símbolo de um catolicismo fortalecido, mesmo diante de um período crescente secularização entre os meios letrados:

> Celebrou-se, com toda pompa, o novenário da festividade do Sagrado Coração de Jesus na cidade de Amarante, havendo sempre bênção com o S. S Sacramento, quase todas as noites, instrução religiosa sobre os atos da Visita Pastoral, a dignidade episcopal e os deveres dos fiéis.
> A missa solene, celebrada no dia 7, foi assistida por crescido número de crentes que fez regurgitar o templo.
> Graças a Deus, a fé do povo zomba dos remoques da ignorância presumida. (O APÓSTOLO, *Sagrado Coração de Jesus,* 23 jun 1907. p. 1)

Na edição de número 155 – já tendo Elias Martins como redator-chefe – publicada em 5 de junho 1910, *no Apóstolo* circulou um artigo em sua primeira página, com o título *Corrupção e Restauração,* publicado originalmente no jornal *Pátria Brasileira.* No referido artigo, o autor, Cônego Victor de Almeida, levanta-se contra a maçonaria escrevendo sobre o combate dos Papas contra essa organização secreta. Para ele, era objetivo dos maçônicos utilizar-se dos *erros modernos*, ao exemplo do liberalismo, do protestantismo, para "descristianizar para construir uma sociedade emancipada de Deus […]" (O APÓSTOLO, Corrupção *e Restauração,* 5 jun 1910. p. 1). Segundo o autor, era necessário aos católicos expurgar da sociedade tais organizações secretas, e impedir o fervor maçônico, para que a sociedade não fosse secularizada.

Em outra edição, de número 227, que circulou em 01 de outubro de 1911, já em sua primeira página, o jornal apresentava dois artigos que objetivam passar a mensagem de um catolicismo fortalecido, mesmo diante dos avanços da modernidade. No primeiro artigo, intitulado *Correspondência do Papa,* o autor expôs a média de cartas que o Papa recebia anualmente e comparou à quantidade de correspondências recebidas por outros chefes de Estado, mostrando a considerável diferença entre as elas. O escritor encerra seu artigo verbalizando que:

> Isso prova que o Papa é o soberano mais procurado do mundo.
> […] o Papa será sempre o soberano mais admirado do mundo – malgrado de todos os ímpios e perversos." (O APÓSTOLO, Correspondência *do Papa*. 01 out 1911. p.1)

No segundo artigo, presente na mesma página, sob o título *O ensino católico na opinião dos incrédulos.* Nele, o autor apresentou suas palavras com a máxima "Todo sistema que põe de lado a instrução religiosa é um sistema perigoso", e prosseguiu

afirmando ser necessário o combate ao ensino laico, e regrado a modernismos, comentando sobre a ameaça por trás da expansão de escolas ditas pelo autor como "revolucionárias":

> Os nossos sábios, ou melhor – os adeptos das famosas doutrinas literárias e filosóficas do modernismo condenado e cínico, continuam, de há muito, infiltrando cavilhosa e torpemente no espírito das sociedades humanas – o vírus deletério do (inelegível) da corrupção pela propaganda do ensino até ímpio e anárquico." (O APÓSTOLO, O *ensino católico.* 01 out 1911. p. 1)

Em artigo intitulado *A Defesa*, publicado na edição de 263 em 04 de agosto de 1912, é noticiado o aparecimento de um novo periódico católico no Estado do Rio de Janeiro, o jornal carioca aprovado pelo Arcebispo foi festejado pelos redatores d'*O Apóstolo* como mais um combatente na luta pelas causas católicas e contra o avanço dos *erros da modernidade*:

> Os católicos do sul estão compreendendo o seu dever e organizando os planos de defesa, por todos os meios lícitos e legais.
> «A Defesa» desfraldando a bandeira santa, e com o Evangelho à frente cumprirá o seu dever – dando combate cerrado a todos os erros sociais, como sejam a maçonaria, espiritismo, livre pensamento, protestantismo, racionalismo, etc." (O APÓSTOLO, A *Defesa,* 04 ago 1912. p. 2)

Em artigo cujo título lê-se *Intervenção*, publicado em 24 de março de 1912 na edição de número 252, o autor que não foi identificado, escreve linhas de repúdio ao então governador do Estado do Piauí, Miguel Rosa, adjetivando o mesmo e seus companheiros políticos de "luteranos", ao passo que sugere que o referido governador utiliza-se das Sagradas Escrituras para segregar o catolicismo piauiense, fomentando uma idolatria pagã, Com isso, objetivava despertar no leitor um militante sentimento católico, que expurgasse os "maus cidadãos" não só do governo, mas do meio social, em defesa da Igreja e da cristandade. No referido artigo, o autor, em defesa do Padre Joaquim Lopes, e em defesa de sua ideia de cristandade, condena mais uma vez a maçonaria, para ele, a principal das ideologias modernas:

> […] O Padre Lopes aconselha a revolução – outra mentira.
> Aconselha a resistência aos desmandos da corja chefiada pelo governador, e faz muito bem.
> […] O Padre Lopes pregando contra a maçonaria vê sua matriz invadida por uma malta de 30 maçons chefiados pelo sr. Antonino Freire.
> […] Vem o sr. Antonino Freire dizer aos nossos amigos que eles deviam ter consentido que a maçonaria apeasse o Padre do púlpito e ligasse assim a palavra de Deus. (O APÓSTOLO, *Intervenção*. 24 mar 1912. p. 3)

Em artigo cujo título lê-se *Aborto,* publicado em 13 de outubro de 1912, o autor teceu represálias ao bacharel Luís Moraes Correia[122], após o mesmo adjetivar como inválidos os casamentos religiosos, ao passo que se validam somente os matrimônios civis. Em defesa do sacramento, o autor do referido texto expôs suas convicções:

> O Sr. Luiz Correa, colhido nas teias medias por ele mesmo, estranhou que o «Apóstolo» repelisse a injúria que atirou à família católica, qualificando o casamento religioso de mancebia.
> É lógico meu bacharel, que se é mancebia o casamento católico e seus pais, ainda vivos, são unidos só catolicamente, sejam amasiados.
> Quem os chama assim não somos nós católicos, que reconhecemos como sacramento o casamento católico.
> […] Nós católicos consideramos a família o asilo da santidade. O Padre Lopes encontra tipos bastante apodrecidos no vício que lhe atribuem suas máculas?
> É natural. Os maus não querem ser sós. (O APÓSTOLO, *Aborto*. 13 out 1912. p.2)

Lê-se no artigo intitulado *Pulverizando mentiras*, publicado em 17 de novembro de 1912, na edição de número 278, o autor mostrando descontentamento com a separação cada vez mais notória entre o mundo público e o religioso, entre Estado e Igreja, com a laicidade do ensino, por exemplo, em detrimento das escolas confessionais, conferindo a isso os motivos para se verem problemas sociais:

> O crime, sou o primeiro a confessar, aumenta diariamente em o pobre «Piauhy». E a razão de sua escala ascendente vamos buscá-la, não nas desobrigas, onde o Padre combate o vício com todo o seu cortejo lúgubre de iniquidades, mas no próprio governo criando escolas ateias, onde falar no nome de Deus é grande crime! [...]
> Vamos, finalmente, buscá-la, no desespero acintoso que faz o governo da Religião, único freio capaz de domar corações rebeldes.
> Isso é que é concorrer mais que indiretamente para o aumento espantoso dos crimes.
> Apague-se a ideia de Deus do coração do povo e o mundo será um montão de ruínas, sobre as quais hastear-se-á a pensão de todos os males, vícios e iniquidades." (O APÓSTOLO, Pulverizando *mentiras*, 17 nov 1912. p.2)

[122]Luiz Moraes Correia nasceu em Amarração em 23 de dezembro de 1881 e faleceu na cidade de Fortaleza em 23 de outubro de 1934, foi um jurista, sociólogo, professor, maçom, teosofista e político brasileiro. Foi juiz federal e reconhecido nacionalmente pela produção de diversos livros da área jurídica e do campo da teosofia, além de participar da Revolução de 30, apoiando a aliança liberal que levou Getúlio Vargas à presidência da república. Luiz Moraes Correia ocupou diversos cargos públicos durante a sua vida, foi Secretário de Estado da Polícia e Procurador no Piauí, Secretário da Fazenda e Secretário do Interior e Justiça no Ceará no governo de José Moreira Rocha (1924). Fez parte da equipe principal da administração do governador Manuel Fernandes Távora, voltando a ocupar a pasta da Secretaria do Interior e Justiça do Ceará, após a vitória da revolução de 1930. Segundo Silva (2009) foi cogitado também para o cargo de Interventor do Estado do Piauí, ao qual declinou, alegando não se sentir com liberdade de ação em um Estado a que se achava preso por tantos laços de amizade.

Como se pôde constatar mesmo após a desvinculação de D. Joaquim Antônio de Almeida da Diocese piauiense, transferido para a recém-criada Diocese de Natal, ainda em 1911, levando consigo Mons. Alfredo Pegado[123], o jornal *O Apóstolo* ainda perdurou até o ano de 1912. Segundo Higino Cunha, o padre Lopes e Elias Martins continuaram usando as páginas do jornal para suas discussões políticas (Cunha, 2015. p. 121). Sua última publicação, de n° 280, circulou pelo meio católico no dia 01 de dezembro de 1912, antes de ser empastelado. Nessa edição é noticiado o atentado à vida de José de Moura, gerente d'*O Apóstolo*, próximo à Igreja de S. Benedito, por agentes do corpo de polícia, que o cercaram no largo da Igreja, o golpearam e logo após o levaram à cadeia. O jornal publica em nota a fala do chefe da polícia sobre o caso, que alega não ter responsabilidade pelo ocorrido, e ainda afirma:

> Os partidários da *União Popular* são exaltados e propensos a revolta. O nosso governo é de uma magnanimidade a toda prova, porque só assim se compreende que o *O Apóstolo* não tenha sido ainda reduzido a cinzas. Monsenhor Lopes e o Dr. Elias são uns ambiciosos, que desejam assaltar o poder para esbanjarem o dinheiro do povo. Este não deve ser encaminhado pelos padres em política, é uma audácia insuportável. O que lhes cumpre é cuidar das Igrejas, que estão sujas e em ruinas[124].

O Apóstolo saiu de circulação, após empastelamento de sua tipografia, suas máquinas foram jogadas ao rio. De acordo com o historiador Fonseca Neto, reler as páginas d'*O Apóstolo* é lançar os olhos sobre o cotidiano piauiense, sobre da sociedade teresinense, lendo suas crenças, seus valores, suas intrigas, pela visão de padres e leigos que deixaram no jornal suas concepções. "Uma viagem a coisas que muitos, hoje em dia, nem imaginam como se davam" (Santos Netos 2016. p. 152).

Assim como havia sido feito em *A Imprensa*, jornal católico paraibano, Dom Joaquim Antônio buscou fazer d'*O Apóstolo* um eficaz instrumento da mensagem ultramontana da Igreja, no entanto, diferentemente de Dom Adauto Aurélio, que manteve o periódico *A Imprensa* circulando ativamente durante décadas na Paraíba e no Rio Grande do Norte, Dom Joaquim Antônio não conseguiu construir uma suficiente

[123]De acordo com o historiador Fonseca Neto, em meios às agitações partidárias e sua transferência para o bispado de Natal, que fizeram com que Dom Joaquim Antônio retornasse ao Rio Grande do Norte houve grande comoção popular com a saída do bispo de Teresina. Segundo o autor, fala-se que a população se levantou pedindo a permanência de Dom Joaquim. Comunicada a transferência, Dom Joaquim passa a administração ao vigário Monsenhor Raimundo Gil, retira-se da residência episcopal e exila-se da chácara do Pirajá. (SANTOS NETO, 2016. p. 160-166)

[124] O FATO. *O Apóstolo*, Teresina, ano 6, n. 280, p. 1, 1 dez. 1912.

base de sustentação na elite política e econômica piauiense para continuar semeando – através de suas estratégias de governança episcopal – as ideias contrárias ao processo de secularização presentes no ideário local. Em virtude da falta de apoio, e percebendo que a redação do jornal estava disposta a continuar mergulhada nos debates partidários com a intenção de defender a Igreja, Dom Joaquim Antônio retirou-se da redação d'*O Apóstolo* e, posteriormente, foi-lhe sagrada a Diocese do Rio Grande do Norte, retornando a seu Estado natal no ano de 1911.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em vista de ter o ultramontanismo atingido a América Latina, em especial, na discussão, o Brasil, com uma força considerável, ele veio a se tornar um imã no meio dos prelados brasileiros, acabando por atrair para um reformismo romanizado o catolicismo eclesiástico que aqui vigorava no nascedouro do século XX. A transição de regime político e a laicização estatal fizeram com que a Igreja Católica precisasse se voltar para os latinos durante o *longo século XIX*, a fim de evitar a perda de sua posição sociocultural, que já vinha a abalada desde o enfraquecimento de seu monopólio sobre as concepções de ordenamento natural e social em virtude da expansão das modernidades que assolavam o mundo ocidental, a partir das revoluções burguesas, que tiraram a supremacia do Antigo Regime e depositaram o poder simbólico sobre a criação dos discursos em mãos positivistas e liberais. Isso acabou por gerar embates culturais exportados da Europa para os *campi* latinos.

No Brasil, a Santa Sé viu-se, com o fim do regime imperial, na necessidade de fortalecer sua rede de influência, por não gozar mais dos amparos do Estado que garantia a manutenção de seu *status quo* na consciência social. No entanto, o momento foi visto, paradoxalmente, também, como oportuno para livrar-se de grilhões administrativos que privavam a Instituição Católica de impedir o avanço de um catolicismo liberal e das religiosidades populares no laicato brasileiro. Com isso, investiu na ramificação dos bispados para assegurar a ampliação de sua rede de influência, *estadualizando* seus prelados, ao passo que investia na formação de bispo romanizados para orquestrar as novas dioceses. Eram esses bispos ultramontanos

obedientes aos ordenamentos romanos por reconhecer na hierarquia uma das premissas básicas do ordenamento clerical. Nesse cenário, surgem figuras como Dom Adauto Aurélio que influenciou, não só em seu prelado na Paraíba, mas construiu uma teia de contatos, formando e direcionando clérigos próximos a ele que bebiam na mesma fonte das prerrogativas ultramontanas. Entre esses exemplos, estava Dom Joaquim Antônio de Almeida, filho e neto de senhores de engenho, que por influência de Dom Adauto e depois de caminhar um contrito caminho em sua formação sacerdotal no Seminário de Fortaleza, foi indicado para a governança do bispado piauiense.

Assim o fez, e chegando em 1906, o novo bispo iniciou um projeto de construção católico aos moldes ultramontanos, como havia aprendido durante sua formação ser o caminho certo a se seguir. Dentre suas várias estratégias, investiu principalmente nos pontos materiais, como a construção de um Seminário, de escolas confessionais e na Imprensa católica, por ter experiências nas tipografias de Dom Adauto Aurélio e como mandava a Santa Sé, através de suas encíclicas, criando no ano de 1907 o jornal diocesano *O Apóstolo,* principal veículo de divulgação do ultramontanismo e defensor dos preceitos católicos no Piauí. Esse periódico foi publicado semanalmente, contando com redatores como o Padre Fernando Lopes, Padre Joaquim Lopes e leigos como Elias Martins, que fizeram do hebdomadário, mesmo em seus anos finais de publicação, por volta de 1912, um instrumento de defesa da Igreja e dos preceitos que deveriam existir, segundo eles, a fim de manter o ordenamento social, seguindo o exemplo do ácido e combativo jornal francês, *L'univers,* no início do século XIX. No entanto, Dom Joaquim Antônio não gozava, no Piauí, das mesmas alianças oligárquicas que Dom Adauto Aurélio mantinha na Paraíba e, por incompatibilidades ideológicas, acabou sendo rechaçado pela elite política e letrada do Piauí, sendo transferido após 4 anos de mandato episcopal.

Ao fim da pesquisa, contabilizamos a nossa contribuição, à historiografia piauiense acerca da temática. Conseguimos perceber outra perspectiva para um período tão efervescente da História do Piauí, período esse em que as pessoas viram não só o alvorecer modernizante do Estado e da sociedade, como experienciaram também as reações mais conservadoras diante dessa realidade. Cada perspectiva tinha uma ideia própria de como deveria ser orquestrado o funcionamento social, tensionando não só os embates políticos da época, mas até mesmo movimentando as divergências internas das instituições, como ocorreu na Igreja Católica. Por fim, reiteramos a ideia de que o leitor deve levar em mente que a Igreja Católica, tantas vezes vista como uma unidade

institucional, não deixa de ser uma polifonia de vozes dissonantes, a *Ecclésia*, aqui apresentada no sentindo de uma comunidade divergente, mesmo que intente a unificação, não foge ao paradoxo do real e o idealizado, esse, também uma chave para a compreensão das discussões que se seguiram.

REFERÊNCIAS

ANDRADE FILHO, João Batista de. Padres lazaristas no Ceará e a formação educacional confessional: seminários e colégios (1864 e 1914). 2012. 136f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará. Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza-CE, 2012.

ARAGÃO, Iury Parente. *A construção de um santo popular*: caso motorista Gregório. Teresina: EDUFPI, 2015.

ARAÚJO, Pedrina Nunes. *Todo sertão tem a igreja que Deus (rei) dá*: O Bispado do Maranhão e as ações eclesiásticas no Piauí do século XVIII. Contraponto – Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da UFPI. Teresina, v. 9, n. 1, jan./jun. 2020.

AZEVEDO, Thales de. *Igreja e Estado em tensão e crise*: a conquista espiritual e o padroado na Bahia. São Paulo: Ática, 1978.

AZZI, Riolando. *O altar unido ao trono*: um projeto conservador. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

BENELLI, S. J.. O seminário católico e a formação sacerdotal: um estudo psicossocial. Psicologia USP, v. 17, n. 3, p. 145–182, jul. 2006.

BRANDÃO, Tanya Maria Pires. *A religiosidade no Piauí colônia*: catolicismo adaptado ao modo de vida. In: CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho; Cerqueira, Maria Dalva Fontenele (Org.). História, catolicismo e educação. Teresina: EDUFPI, 2019. p. 153-181.

BRASIL. *Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil.* Rio de Janeiro: Presidência da República; Casa Civil; Subchefia para Assuntos Jurídicos. 1891.

BOURDIEU, Pierre. *Economia das trocas simbólicas*. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico.* Lisboa: Difel, 1989.

BORGES, Donaldo de Assis. *A oposição da Igreja Católica à ordem jurídica republicana:* o pensamento teológico-político de D. Adauto Aurélio de Miranda Henriques (1894-1935). Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista, Franca. 2016.

CAES, André Luís. *Da espiritualidade familiar ao espírito cívico.* A família nas estratégias de reestruturação da Igreja Católica (1890-1934). 1995. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

CAES, André Luiz. *As portas do inferno não prevalecerão*: a espiritualidade catolica como estratégia política (1872-1916). 2002. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

CARVALHO, José Murilo de. A construção da Ordem – Teatro de Sombras. Rio de Janeiro: UFRJ / Relume Dumara, 1996.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *História e masculinidades*: a prática escriturística dos literatos e as vivências masculinas do século XX. Teresina: EDUFPI, 2008.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Mulheres plurais*: a condição feminina na primeira república. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2013.

CASTELO BRANCO, P. V. *As estratégias discursivas católicas e a implementação de modelos femininos modernos na Teresina do início do século XX.* In: CASTELO BRANCO, P. V.; CERQUEIRA, M. D. F. (Org.) História, catolicismo e educação. Teresina: EDUFPI, 2019. P. 153-181.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. Mulheres educadas e devotas: a reforma dos discursos católicos e a implementação de modelos femininos modernos em Teresina. Revista História em Reflexão - Revista Eletrônica, v. 14, p. 371-391, 2020.

CASTELO BRANCO, PEDRO VILARINHO; CARDOSO, Elisângela Barbosa. HOMENS DE DEUS: sacerdócio católico e masculinidades no Piauí no século XIX. Outros Tempos (Online), v. 17, p. 340-259, 2020.

CARDOZO, Simone Bezerril Guedes. *A IMPRENSA:* Um jornal paraibano a serviço da sociedade. (1897-1903). ANPUH – 30° Simpósio Nacional de História – Recife, 2019.

CAVALCANTE NETO, Faustino Teatino. *A Igreja Católica na Paraíba republicana:* romanização e "males" a serem combatidos. Revista Paraibana de Historia, ano I, n. 1, 2° semestre de 2014. p. 8-19.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: artes de fazer. v. 1. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano*: morar, cozinhar. v. 2. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural*: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHAVES, Joaquim (Mons.). *Teresina:* Subsídios para a História do Piauí. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 1994.

CLARK, Christopher. *Culture wars*: Secular–Catholic Conflict in Nineteenth-Century Europe. Cambridge University Press, United Kingdom. 2003

COSTA FILHO, Luiz Moreira da. A *inserção do Seminário de Fortaleza na Romanização do Ceará* (1864 -1912). Dissertação de mestrado (UFC) – Fortaleza, 2004. P. 63.

CUNHA, Higino. *História das Religiões no Piauí*. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2015.

DIAS, Roberto Barros. *"Deus e a Pátria"*: Igreja e Estado no processo de romanização na Paraíba (1894-1930). Dissertação (Mestrado em Historia) – Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa. 2008.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa.* São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o profano: a essência das religiões.* São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

FAGUNDES, Antônio. *Vida e apostolado de Dom Joaquim Antônio de Almeida*. Natal: Sebo Vermelho Edições, 2011.

GOMES, Daniela Gonçalves. O poder da palavra escrita: os jornais católicos e a difusão dos ideais ultramontanos na diocese de Mariana (1844-1876). Revista de História da UEG, Goiânia, v.1, n. 2, p. 11-22, jul./dez. 2012.

GOMES FILHO, Robson. *Os missionários redentoristas alemães e as expectativas de progresso e modernização em Goiás* (Brasil, 1894-1930) Tese (Doutorado em História) – 2018.

GOMES FILHO, Robson. *Kulturkampf:* A Igreja Católica e a construção da modernidade e nação alemã no século XIX. Curitiba: CRV, 2019.

HOBSBAWN, Eric J. A Era das Revoluções: Europa (1789-1848). 17. ed. Rio de Janeiro: [Paz & Terra], 1977.

HOBSBAWN, Eric J. A Era dos Impérios: 1875-1914. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1988.

HOORNAERT, Eduardo. *Formação do catolicismo brasileiro*: 1550-1800. Petrópolis: Vozes, 1978.

LAGRÉE, Michel. *Religião e Tecnologia*: a benção de Prometeu. Tradução Viviane Ribeiro. – Bauru, SP: EDUSC, 2002.

LIMA, Cônego Francisco. *D. Adauto*: subsídios bibliográficos (1855-1915). 2 ed. João Pessoa: Editora do UNIPÊ, 2007. V.1.

LIMA, Maurilio Cesar de. *Breve História da Igreja no Brasil.* Rio de Janeiro: Restauro, 2001.

LIMA, Solimar Oliveira. *Fazenda – Pecuária, agricultura e trabalho no Piauí escravista* (séc. XVII – séc. XIX). Teresina: EDUFPI, 2016.

LUCA, Tania Regina de. *História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2005.

LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. *Igreja e política no Brasil*: do Partido Católico à LEC (1874-1945). São Paulo: Loyola, 1983.

LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. Os bispos do Brasil e a imprensa. São Paulo: Edições Loyola/CEPEHIB. 1983.

MATA, Sérgio da. *História & Religião.* Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios. *Literatura piauiense*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.

MANOEL, Ivan A. *Igreja e educação feminina*. São Paulo: UNESP, 1996.

MARCHI, Euclides. *Uma igreja no Estado livre:* o discurso da hierarquia católica sobre a República. História: Questões & Debates, Curitiba, v. 10, n. 18-19, p. 213-259, jun./dez. 1989.

MARQUES, Edilson de Souza. *Das cartas pastorais*: a atuação intelectual de Dom Adauto Henriques na Primeira República (1900 – 1909). Monografia (Especialização em História local, Sociedade, Educação e Cultura) – Universidade Estadual da Paraíba, 2020.

MATTOSO, Kátia. *Bahia século XIX:* uma província no Império. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

MELO, Cláudio, Padre. *Obra reunida*. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2019.

MICELI, Sérgio. *A elite eclesiástica brasileira:* 1890 – 1930. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MIRANDA, Reginaldo. *Piauienses notáveis.* Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2019.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. *Rua da Glória*: as armas e as máquinas (1896-1921). Teresina: EDUFPI, 2015. v. 2.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. *Religião e dominação de classe:* gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil. Editora Vozes Ltda. Petrópolis – RJ. 1985
PAIVA, José Pedro. *A administração diocesana e a primeira presença da Igreja* – O caso da diocese de Coimbra nos século XVII e XVIII. Lusitania Sacra, ed. 2. 1991.

PAIVA, José Pedro. *O Estado na Igreja e a Igreja no Estado*: contaminações, dependências e dissidências entre Estado e Igreja em Portugal (1495 – 1640). Revista portuguesa de História. T. XL. (2008/2009).

PINHEIRO FILHO, Celso. *A história da imprensa no Piauí*. 3 ed. Teresina: Zodíaco, 1997.

PINHEIRO, Á. da P. *As ciladas do inimigo*: as tensões entre clericais e anticlericais no Piauí nas duas primeiras décadas do século XX. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2001.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. *A importância da borracha de maniçoba na economia do Piauí* (1900-1920). 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2015.

QUEIROZ, Teresinha. *História, literatura, sociabilidades.* Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.

QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011.

REDUSINO, J. de J. *No caminho de O Apóstolo*: imprensa católica, História, identidades e representações culturais do catolicismo no Piauí (1907-1912). 2019. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2019.

RIBEIRO, Lavina. *Contribuições ao estudo institucional da comunicação.* Teresina: EDUFPI, 1996.

SALES, João Vitor Araújo; SOUSA NETO, Marcelo de. *Desejos e rancores:* os discursos por autonomia eclesiástica da província eclesiástica da província do Piauí (1829-1838). In: CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho; CERQUEIRA, Maria Dalva Fontenele. História, catolicismo e educação. Teresina. EDUFPI, 2019. p. 59-83.

SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. "*Uma questão de revisão de conceitos:* romanização – ultramontanismo – reforma". Temporalidades: revista discente do programa de pósgraduação em história da UFMG. Vol. 2, n. 2, ago/dez, 2010.

SANTIROCCHI, Í. D. *A Igreja e a construção do Estado no Brasil Imperial*. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27. 2013, Natal. *Anais* [...]. Natal: UFRN/ANPUH, 2013.

SANTOS NETO, Antônio Fonseca dos; LIBÓRIO, Paulo de Tarso Batista. *Joaquim*. Teresina: Nova Aliança, 2016.

SILVA, B. M. CASTELO BRANCO, P. V. *O Jornal O Apóstolo no cenário da imprensa do Piauí no início do século XX*. In: CASTELO BRANCO, P. V.; QUEIROZ, Teresinha. (Org.) Páginas impressas: história, imprensa e política do Brasil. São Paulo: Mentes Abertas, 2020.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1983.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

SOLANS. Francisco Javier Ramón. *La creación de una Iglesia latinoamericana em el siglo XIX¿Una reacción ultramontana?* Veinte años de congresos de Historia Contemporánea (1997-2016): [X Congreso de História Local en Aragón] / coord. por Carlos Forcadell Álvarez, Carmen Frías Corredor, 2017.

SOSA, Derocina Alves Campos. *A história política do Brasil*: 1930-1934 sob a ótica da imprensa gaúcha. Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2007.

SCHMITT. Karl Michael. *The Roman Catholic Church in modern larin America.* 1 ed. New York: Knopf, 1972.

SOARES, Kate Dayanne Araújo. *O governo episcopal de Dom Frei Manuel da Cruz no bispado do Maranhão* (1739 – 1747). Dissertação (Mestrado em História Socia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

SOLANS. Francisco Javier Ramón. *La creación de una Iglesia latinoamericana em el siglo XIX¿Una reacción ultramontana?* Veinte años de congresos de Historia Contemporánea (1997-2016): [X Congreso de Historia Local en Aragón] / coord. por Carlos Forcadell Álvarez, Carmen Frías Corredor, 2017, ISBN 978-84-9911-437-8, págs. 191-200.

SOUSA JUNIOR, Jose Pereira de. *O jornal, a imprensa catholica e seus escritos de combate a maçonaria e o espiritismo na primeira república paraibana* (1890-1930). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 28., 2015, Florianópolis. *Anais*[...]. Florianópolis: UFSC/ANPUH, 2015.

TAVARES, Mauro Dillmann. *Irmandades religiosas, devoção e ultramontanismo em Porto Alegre no bispado de Dom Sebastião Dias Laranjeiras (1861-1888)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rios dos Sinos, São Leopoldo, 2007.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo.* São Paulo, Martin Claret, 2013.

WERNET, Augustin. *A Igreja Paulista no Século XIX*: a reforma de D. Antonio Joaquim de Melo (1851-1861). São Paulo: Ática, 1987.